Modos de fazer
CADERNO DE ATIVIDADES, SABERES E FAZERES
4
A COR DA CULTURA
Contos

Modos de fazer

CADERNO DE ATIVIDADES, SABERES E FAZERES

SUMÁRIO

A COR DA CULTURA
POR UMA PEDAGOGIA ANTIRRACISTA

A Lei nº 10.639/03 torna "obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-brasileiras" nas escolas públicas e privadas dos ensinos fundamental e médio, garantindo aos estudantes brasileiros o direito a conhecimentos sobre a "História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional". Esta foi mais uma vitória da população brasileira na luta contra a discriminação racial, resultado de mais de 120 anos de pressões para incluir na agenda nacional uma demanda social reprimida desde que a Lei Áurea declarou extinta a escravidão no Brasil.

Ao valorizar a diversidade brasileira, reconhecendo a participação efetiva de africanos e afrodescendentes na construção da sociedade nacional, a Lei nº 10.639/03 gera uma demanda específica: formar professores para aplicar determinados conteúdos, até então apagados dos currículos escolares e da formação profissional dos docentes.

O passado de "esquecimento" da importância de africanos e afro-brasileiros, a denegação sistemática da existência de discriminação racial e a ideia de nação mestiça criam, ainda, resistências à abordagem da temática das relações étnico-raciais, que surgem não só nas salas de aula, mas também na comunidade escolar e até mesmo além dos muros da escola. Por isso, ministrar tais conteúdos pode nem sempre ser uma experiência tranquila. Aliás, costuma ser frequentemente tensa, com uma resposta hostil por parte dos interlocutores.

É importante, portanto, que o docente, além de dominar os conteúdos, receba também um suporte teórico-metodológico para enfrentar a discussão.

Pensando nisso, o primeiro artigo do livro **Modos de Fazer**, quarto exemplar da coleção "Saberes e Fazeres", apresenta o "Percurso metodológico" do projeto **A Cor da Cultura**. O texto, de autoria da pedagoga Azoilda Loretto da Trindade, retoma a idealização do projeto, em 2004, quando o diálogo, a multiplicidade de vozes, de linguagens, de disciplinas e de saberes foram contemplados. O resultado, como escreve Azoilda, é uma metodologia cuja base é um dinâmico, dialógico e polifônico ato de *aprenderensinaraprender*.

E apesar das mudanças sofridas ao longo dos seis anos de existência, a metodologia de **A Cor da Cultura** promove uma postura pedagógica que privilegia a alteridade e abre espaço de fala para o outro. Pois uma metodologia que pretende ensinar e aprender sobre valores civilizatórios africanos, como a oralidade, não poderia jamais abrir mão da escuta.

Azoilda explica como a metodologia de **A Cor da Cultura** se baseia em modos de fazer, de sentir, de ver. São modos de aplicar as exigências da Lei nº 10.639/03, sempre alerta à prática reflexiva, à crítica amorosa e à participação ativa dos interlocutores. É nesse contexto que a antropóloga Nilma Lino Gomes apresenta "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", o segundo artigo deste **Modos de Fazer**. A autora ressalta a necessidade de educadores e educadoras conhecerem melhor o percurso de normatização decorrente dessa legislação e os impactos da iniciativa sobre a luta antirracista no Brasil.

O aspecto mais relevante da Lei nº 10.639/03 foi a inclusão do artigo 26-A na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB). Antes da Lei, a LDB determinava, no parágrafo 4, do artigo 26, que:

> *§ 4º. O ensino da História do Brasil levará em conta as contribuições das diferentes culturas e etnias para a formação do povo brasileiro, especialmente das matrizes indígena, africana e europeia.*

Com a inclusão do artigo 26-A, decorrente da Lei nº 10.639/03, fica especificado que:

> *§ Art. 26-A*[1]*. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileiras e indígenas.*
>
> *§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.*

1 Artigo acrescido pela Lei nº 10.639, de 9-1-2003, e com redação dada pela Lei nº 11.645, de 10-3-2008.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileiras e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.

Ao especificar conteúdos, "como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional", o artigo 26-A torna africanos, afro-brasileiros e indígenas protagonistas, sujeitos históricos e sociais plenos.

Essa virada étnico-racial na educação nos leva a repensar sobre como funcionam as relações étnico-raciais no Brasil, chegando ao ponto de obliterar, quase que completamente, a participação dos grupos étnicos negros e indígenas.

Nesse sentido, ao explicar o conceito de relações étnico-raciais, Nilma Gomes destaca o papel da escola e de professores na desconstrução das categorias que hierarquizam os diferentes grupos constituintes da população brasileira. A expectativa da autora é que — com o tempo e o entendimento por parte dos profissionais de educação — a nova legislação faça parte do imaginário pedagógico nacional e garanta a construção de uma pedagogia da diversidade, denunciando e combatendo a discriminação racial no Brasil.

No terceiro artigo, "Preto, pardo, negro, afrodescendente: as muitas faces da negritude brasileira", do cientista político Márcio André dos Santos, o leitor toma conhecimento do processo de racialização, iniciado na passagem do século XVII para o XVIII. O autor também aborda a miscigenação da população brasileira e a contribuição desse processo para a criação do mito da "democracia racial", ideologia que dificultou por algum tempo a assunção da discriminação racial brasileira, pois denunciá-la era ir ao encontro do ideal de país mestiço e racialmente democrático. Márcio expõe como a ressignificação do termo negro, pela Frente Negra Brasileira, e a abertura política, em meados dos anos 1980, foram importantes para a mudança de perspectivas na luta antirracista. O autor afirma que essas condições fizeram emergir uma nova negritude, que se renova em práticas políticas, sociais, educacionais e, sobretudo, culturais em todo Brasil. Ainda assim, há muito a ser feito. E o autor destaca a necessidade de novas práticas pedagógicas a fim de reverter, no imaginário social brasileiro, as representações inadequadas e estereotipadas dos afrodescendentes.

Representações desvirtuadas que, segundo Roberta Fusconi e Guimes Rodrigues Filho, ambos pesquisadores da Universidade de Uberlândia, negligenciam o papel de culturas africanas no desenvolvimento da ciência e tecnologia. Os autores demonstram o protagonismo da África para a história da humanidade em "Ciência e tecnologia e a Lei Federal nº 10.639/03". Abordam desde o surgimento do *Homo sapiens* no continente, passando pelo domínio de técnicas de metalurgia, conhecimentos sobre medicina, saberes sobre botânica e biotecnologia.

Assim, Roberta e Guimes assinalam que as informações sobre saberes e fazeres de origens africanas são omitidas na tentativa de justificar a colonização e calar sobre a usurpação de riquezas e conhecimentos africanos pelas nações europeias. História que começa a ser contada nas salas de aula.

Portanto, a Lei nº 10.639/03 normatiza o rompimento do véu que omite, reduz, dissimula e desrespeita os conhecimentos de africanos, afrodescendentes e afro-brasileiros. Ao associar o estudo de História e Cultura Afro-brasileiras a todo o currículo escolar, a Lei possibilita a valorização e o reconhecimento não só de saberes e fazeres, mas, sobretudo, dos indivíduos e grupos que os operam.

E se a esfera educacional começa a abrir espaço para a representação negra respeitada, reconhecida e valorizada — refletindo sobre e propondo mudanças nas relações étnico-raciais no país — as esferas midiática e acadêmica ainda precisam dar a devida relevância à temática e aprofundar a discussão sobre relações étnico-raciais no Brasil.

Propondo um projeto que articule a "alfabetização audiovisual", atrelada a uma "pedagogia cívica", o antropólogo Julio Tavares apresenta o artigo "Desconstruindo a invisibilidade: raça e políticas da cultura visual no Brasil e na América do Sul".

Partindo da escassez de respeito e do déficit de reconhecimento da importância histórica e cultural dos afrodescendentes para a formação da sociedade brasileira, o autor perpassa pela necessidade de descolonizar o imaginário nacional e conter a naturalização da supremacia imagética e cultural indo-europeia. Julio Tavares ressalta a necessidade de iniciativas audiovisuais — como a série *Heróis de Todo Mundo*, do projeto **A Cor da Cultura** — que contribuam para a construção social do herói de face negra, rompendo com a injustiça cognitiva que omite qualquer ensinamento que reconheça, respeite e valorize as contribuições civilizatórias africanas e afro-brasileiras.

É com esta perspectiva que Cristiane Coppe de Oliveira apresenta o artigo "O Programa Etnomatemática e as possibilidades de implementação da Lei nº 10.639/03", interligando Matemática, cultura e educação.

Para responder à pergunta sobre como incluir relações étnico-raciais nos conteúdos de Matemática, se os professores não tomaram conhecimento da questão durante a formação profissional, a autora recorre ao Programa Etnomatemática — que, ao considerar sujeitos e vivências em processos históricos e culturais, dentro e fora do contexto escolar — pode potencializar e dinamizar a implementação da lei, possibilitando novos diálogos e novas posturas em todas as disciplinas do currículo escolar.

Cristiane ainda sugere práticas pedagógicas que associem o Programa Etnomatemática com os valores civilizatórios afro-brasileiros, como ancestralidade, memória, oralidade e ludicidade (TRINDADE, 2006). Dessa maneira, a educação etnomatemática valoriza as manifestações culturais e os conhecimentos afro-brasileiros, reduzindo o quadro de preconceito e discriminação a que foram historicamente submetidos.

Dando sequência ao tema, a pesquisadora Maria Auxiliadora Lopes expõe a situação atual de jovens e crianças quilombolas na educação. No artigo "Educação básica: comunidades remanescentes de quilombos", Auxiliadora apresenta a distribuição das 1.436 comunidades remanescentes de quilombos nos estados brasileiros e o percentual de matrículas dos estudantes quilombolas por regiões do país. Além de trazer recomendações para a prática pedagógica nas comunidades.

No oitavo e último texto de **Modos de Fazer**, "Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira", Larissa Oliveira e Gabarra descreve o mito de Nossa Senhora do Rosário e o Congado. A autora explora uma das inúmeras expressões culturais da religiosidade afro-brasileira para destacar como as tradições são transmitidas oralmente, de geração a geração. Um aprendizado repleto de experiências ancestrais que carrega em si uma visão de mundo constituinte da identidade de muito negros e negras brasileiros.

Para Larissa, é importante que a escola, ao tratar de religiosidade, recorra a toda a diversidade religiosa da cultura brasileira. Profissionais de educação precisam olhar para as religiões de matrizes africanas para aprender a aprender sobre elas e aprender a ensiná-las; sem que o processo ensino-

aprendizagem tenha qualquer proximidade com a conversão de educadores ou educandos, como pressupõe o estado laico.

Dessa forma, os artigos trazem à luz aspectos reveladores do processo de invisibilização de africanos, africanas, afro-brasileiros e afro-brasileiras. A necessidade de uma legislação que obrigue o ensino de História e Cultura Afro-brasileiras, as ideologias e os mitos formadores de nossa sociedade, o ocultamento de técnicas e conhecimentos oriundos da África, a desvalorização de saberes e fazeres quilombolas ou a recusa de docentes em ensinar ou sequer conhecer as religiosidades afro-brasileiras são evidências da situação de discriminação racial em que vivemos todos nós, brasileiros — brancos e brancas, negros e negras, idosos, adultos, jovens e, infelizmente, nossas crianças.

Como o português que falamos, o futebol que jogamos, o samba que cantamos, a discriminação racial permeia toda a sociedade brasileira. Está presente na política, na justiça, nas empresas, nos hospitais, nas universidades, nas ruas, nas produções midiáticas, nos enunciados, nos olhares, no sistema de ensino. É, portanto, um aspecto cultural marcante de nossa experiência, que precisa ser enfrentado.

Podemos afirmar que temos uma cultura de discriminação racial. Cultura, como a define Geertz, compreende um padrão de significados transmitidos historicamente, um sistema de concepções herdadas expressas em formas simbólicas por meio das quais nos comunicamos, produzimos e reproduzimos conhecimentos e atividades em relação à vida (GEERTZ, 2008).

Traz à tona a ponta do *iceberg*, visível pelas manifestações preconceituosas e racistas. Mas a estas práticas discriminatórias subjaz silenciosamente a maior parte do *iceberg* (MUNANGA, 2009), que corresponde aos preconceitos recônditos, não manifestos, submersos na subjetividade individual e coletiva.
É justamente essa massa submersa que a coletânea de textos aqui apresentados denuncia: as evidências simbólicas que nos permitem compreender práticas concretas (OLIVEIRA, 2007). No caso, evidências que nos permitem reconhecer práticas discriminatórias e, assim, combatê-las — principalmente na esfera educacional. Ao interferir diretamente nos currículos escolares, a Lei nº 10.639/03 atua em um dos principais pontos para se combater o racismo em nosso país. Um ponto fulcral do círculo vicioso, que inflige aos afrodescendentes os piores índices socioeconômicos, desigualdades persistentes decorrentes do tripé baixa escolaridade-subemprego-baixa renda (SANTOS, 2005).

Para romper com esse círculo vicioso, o projeto **A Cor da Cultura**, iniciado em 2005, já produziu 92 produtos audiovisuais, cinco livros, um jogo educativo e um CD musical que abordam a temática étnico-racial. Com atuações em 69 municípios, distribuídos em 13 estados da federação, o projeto capacitou cinco mil professores, em formações presenciais de 40 horas. E estes profissionais têm como meta multiplicar a metodologia a outros 15 mil docentes, no mínimo.

Assim, milhares de educadores e educandos terão assegurado o direito à informação e ao conhecimento sobre História e Cultura Afro-brasileiras.

Por tudo isso, o projeto **A Cor da Cultura** é uma contribuição ímpar à nova realidade educacional brasileira. Uma iniciativa explícita de reconhecimento do protagonismo africano e afro-brasileiro na formação da sociedade brasileira, um projeto de fortalecimento da identidade negra e, acima de tudo, de combate à discriminação racial.

Referências bibliográficas

DU BOIS, W. E. B. **As almas da gente negra**. Rio de Janeiro: Lacerda Editores, 1999.
GEERTZ, Clifford. *O saber local: fatos e leis em perspectiva comparativa*. In: O **Saber Local**: novos estudos em antropologia interpretativa. Petrópolis: Vozes, 1997.
GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LCT, 2008.
Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira 2010. Disponível em "http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/condicaodevida/indicadoresminimos/sinteseindicsociais2010/SIS_2010.pdf". Acesso em 20/09/2010.
LDB: Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional: Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. 5ª ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação Edições Câmara, 2010. Disponível em "http://bd.camara.gov.br/bd/bitstream/handle/bdcamara/2762/ldb_5ed.pdf?sequence=1". Acesso em 15/09/2010.
MUNANGA, Kabengele. Prefácio. In: **Psicologia social do racismo**: estudos sobre branquitude e negritude no Brasil. Iray Carone e Maria Aparecida Silva Bento (Org.). 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 2009.
OLIVEIRA, Luís Roberto Cardoso de. **O ofício do antropólogo, ou como desvendar evidências simbólicas**. Série Antropologia Vol. 413, Brasília: DAN/UnB, 2007.
SANTOS, Helio. **A busca de um caminho para o Brasil**: a trilha do círculo vicioso- São Paulo: Editora SENAC, 2001.
TRINDADE, Azoilda Loretto da. **Valores civilizatórios afro-brasileiros na educação infantil.** Disponível em "http://www.tvbrasil.org.br/fotos/salto/series/151432Valoresafrobrasileiros.pdf". Acesso em 25/10/2010.

PERCURSO METODOLÓGICO

Azoilda Loretto da Trindade

O projeto **A Cor da Cultura** é, por princípio, um projeto de parcerias, de sonhos partilhados, sonhos coletivos. Neste sentido, é importante destacar que a metodologia por ele utilizada foi construída no encontro de expertises de vários cantos. Pode-se dizer que essa é uma metodologia tecida em diálogo com várias linguagens, pessoas, disciplinas, saberes e fazeres. Não é, portanto, por acaso que os três cadernos resultantes do projeto são intitulados Modos de Ver, Modos de Sentir, Modos de Interagir, Modos de Fazer e Modos de Brincar.

Nossa metodologia é polifônica e dialógica, fincada no *aprenderensinaraprender*. Todas as pessoas se constituem em malungas, nesta viagem/caminhada na qual o real desejo de erradicar o racismo transcende a implementação da Lei nº 10.639/2003 e faz, de todos nós, construtores da sociedade dos nossos sonhos.

Uma genealogia:

O sopro sagrado de Olorum

Quando Olorum, o senhor do infinito, fez o universo com o seu hálito sagrado, criou junto um punhado de seres imateriais com a finalidade de povoá-lo. Estes seres, os orixás, foram dotados de poderes fantásticos, como o domínio sobre o fogo, a água, a terra, o ar, os animais e as plantas e também o masculino e o feminino.

No princípio, eram muitas as divindades africanas, tantas que as comparamos às cores da exuberante África. Ainda hoje, os adeptos das religiões afro-brasileiras continuam adorando um pequeno grupo destas divindades, que representam todos os elementos essenciais à natureza e à vida humana.

Os povos africanos produziram uma infinidade de mitos sobre a criação do mundo e as forças espirituais. Isso porque a necessidade de explicar o mundo em que vivemos é praticamente tão antiga quanto a própria humanidade.

Trecho do programa Mojubá

Obviamente, uma metodologia tecida no plural, na diversidade, na diferença, nos entrecruzamentos de fazeres e saberes não ocorre num processo harmônico, linear e tranquilo. Sobretudo quando está relacionada a temas tão viscerais e tensionados como é a questão das relações étnico-raciais brasileiras. Imaginem o universo de pontos, debates, divergências e convergências: cotas, conceitos, como raça/etnia, religião/religiosidade, africanidades, quilombos. E ainda, múltiplas visões sobre livro didático e educação; trabalho com crianças, adolescentes, jovens; práticas docentes diversas; desigualdades, relações étnico-raciais, minorias, função da escola e do conhecimento escolar...

Imaginem um coletivo com pessoas de origens, concepções, formações, vivências, e expectativas diferenciadas se encontrando para construir um outro fazer pedagógico. Este foi o contexto no qual foi tecida a metodologia do projeto **A Cor da Cultura**.

A metodologia é, assim, calcada na tensão, no fio de prumo entre duas "certezas" conflitantes:

A "certeza" de que todas as pessoas carregam saberes, e em função de todas serem afrodescendentes – afinal, o primeiro ser humano foi um africano ou africana – podemos dizer que os saberes pré-colombianos, aqui presentes, são também saberes afrodescendentes. E, podemos dizer ainda, somos caudatários, desde o "descobrimento" dos saberes africanos ou afrodescendentes, momento marcado também por encontros e confrontos de saberes e fazeres.

Convém destacar que estamos nos referindo à afirmação positivada da memória ancestral e afetiva, impregnada em cada patrimônio material e imaterial da nossa sociedade, consciente e/ou inconsciente da presença/marca africana.

A segunda "certeza" refere-se ao lugar em que estas memórias, estes saberes e fazeres se encontram – embora os saberes e as memórias inscritos nos corpos, incluindo corações e mentes de cada brasileiro e brasileira deste país, por processos históricos e culturais, em consequência do escravismo, do racismo, sejam saberes recalcados, reprimidos, subalternizados, invisibilizados, e ao mesmo tempo vivos/vitais, presentes e potentes.

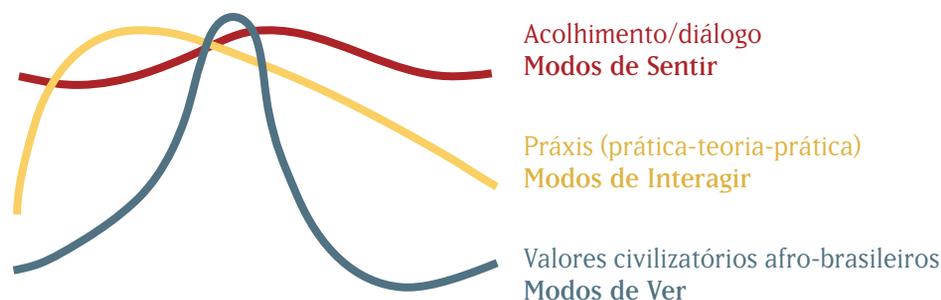
Nesta encruzilhada entusiasmada, *convergentedivergente,* se consolida a metodologia do projeto **A Cor da Cultura**, que é um projeto social de valorização do patrimônio cultural afro-brasileiro e de reconhecimento da história e da contribuição da população negra à sociedade brasileira. Alimentada por teorias acadêmicas, mas

também pelo conhecimento vivo, presente, construído e reconstruído no cotidiano, nossa metodologia busca tornar visíveis a memória e o patrimônio construídos pelos/as africanos/as e seus/suas descendentes no Brasil. E também, dentre outros desejos e compromissos, busca dar visibilidade a uma história negada e descortinar as muitas paisagens que compõem o universo étnico cultural brasileiro, ainda desconhecido por muitos.

> Inspirações:
> *bell hooks, Boaventura de Souza Santos, Petronilha Gonçalves da Silva, Leda Maria Martins, Amilcar Cabral, Muniz Sodré, Inês Barbosa...*
>
> *...Paulo Freire, com sua perspectiva dialógica e com sua Pedagogia da Autonomia,*
> *...Filósofos, como Edgar Morin, com o convite ao desafio de integrar saberes e fazeres e a não coisificar o/s objeto/s estudado/s.*
> *...Educadoras cotidianistas, como Regina Leite Garcia, com sua concepção de uma alfabetização das múltiplas linguagens e*
> *...Nilda Alves e a educação em rede de saberes.*
> *...Amauri Mendes Pereira, com a mudança de mentalidade e os desafios acadêmicos, políticos e da práxis cotidiana dos educadores e educadoras no que se refere à educação das relações étnico-raciais.*
> *...Michel Serres, com a narrativa poética, com a mestiçagem filosófica, com a valorização dos saberes da literatura, do conto, das narrativas. O processo de engendramento, de unificação de saberes que o inventivo é capaz de fazer.*
> *...Massimo Canevacci, com sua abordagem metodológica sincrética, de valorização de várias fontes, de um convite ao deslocamento, a encontros com o Outro, a promover a escuta das várias vozes que um processo de construção coletiva emana...*

Ou seja, podemos afirmar que se trata de uma metodologia diaspórica que se ocupa de um deslocamento *inter-multi-transdisciplinar* e multicultural.

Eixos da metodologia:

Os eixos são como fios, guias, com os quais tecemos nossa trama. E os fundamentos são como raízes – nos dão suporte, nos permitem alimentar nossa prática reflexiva e nossa crítica amorosa.

Modos de Sentir — Acolhimento/diálogo

MÃE ANINHA (1869-1938)

Cena 1

"Todo homem tem direito à liberdade de pensamento, consciência e religião; este direito inclui a liberdade de mudar de religião ou crença e a liberdade de manifestar essa religião ou crença, pelo ensino, pela prática, pelo culto e pela observância, em público ou em particular". O que acabei de dizer é um dos artigos da Declaração dos Direitos do Homem. Ela foi escrita mais de uma década depois da minha morte. Mas foi por esse respeito que lutei minha vida toda.

Acolhida como aceitação do Outro na sua humanidade e na sua capacidade de mudança. E para que haja aceitação e acolhida se faz necessário o diálogo (de corpos e culturas).

Modos de Interagir — Práxis (prática-teoria-prática)

JOÃO CÂNDIDO (1880–1969)

Cena 1

Era novembro de 1910. Os castigos corporais imperavam na Marinha. Foi a isso que eu e meus companheiros dissemos: não!

Para uma mudança de mentalidade e de ações cremos ser necessária a construção de uma escola e de uma sociedade sem racismo e que valorizem todos os matizes de que somos constituídos. Temos como um dos eixos e apoio a práxis, ou seja, ações cotidianas como ponto de partida, modos de sentir-agir; teoria como modos de ver; e o retorno à prática cotidiana como modos de interagir.

Modos de Ver — Valores civilizatórios afro-brasileiros

MILTON SANTOS (1926-2001)
Cena 3
"As ideias, quando genuínas, unicamente triunfam após um caminho espinhoso."

LÉLIA GONZALEZ (1935-1994)
Você quer saber, a cultura negra não é só o samba, o pagode e o funk. Ela está é no "pretuguês" que falamos. Transformou a língua e toda a nossa cultura.

Porque **A Cor da Cultura** é um projeto de afirmação do patrimônio africano e afro-brasileiro e, consequentemente, da nossa humanidade e brasilidade, tomamos como eixo de referência para a consolidação da nossa metodologia de trabalho valores que categorizamos como civilizatórios afro-brasileiros em rede, em movimento, em comunicação, em diálogo:

Fundamentações: destacamos, dentre outros compromissos, que nossos fundamentos estão diretamente articulados a atitudes e comportamentos calcados...

Na equidade;
No respeito às diferenças;
Na erradicação das desigualdades sociais e étnico-raciais;
No estabelecimento e fortalecimento do diálogo;
Na afirmação da esperança;
Na crença na capacidade humana de mudança;
Na valorização do múltiplo, da pluralidade;
No acúmulo de repertórios, reflexões e ações da sociedade como um todo (organizações da sociedade civil, universidades) no que se refere às aprendizagens ligadas às relações étnico-raciais;
No processo educativo em redes solidárias de aprendizagem e produção de conhecimento.

Na prática, nossa metodologia abrange momentos — presenciais ou à distância — de aprendizagens continuadas, semiestruturadas[1], de modos de interagir:

1. O acolhimento, reconhecimento da presença do outro, de sua alteridade
2. Sensibilizações acerca dos temas abordados
3. Leitura de imagem: prioritariamente imagens móveis, dos programas do projeto, mas não a eles restritas – trocas de modos de ver
4. Diálogos que recuperem os momentos anteriores
5. Leituras de palavras (fundamentações), ainda ancoradas nos textos dos cadernos – diferentes de modos de ler
6. Vivência didático-pedagógica – troca de modos de fazer, tendo como foco o cotidiano escolar
7. Concluindo um ciclo e iniciando outros... O fechamento do processo com avaliações e novos planejamentos, anúncio de novas paisagens pedagógicas e sociais

Enfim, a viagem continua...

> *"(...) o que aconteceu, no Brasil, é que os africanos [e as africanas] foram tão fundo na construção desse país, que hoje eles [elas] já não são eles [elas], eles [elas] somos nós, os brasileiros [as brasileiras]"*[2]

Azoilda Loretto da Trindade é pedagoga e doutora em Comunicação pela Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

---

1 Semiestruturada, pois temos um roteiro, uma cartografia, e não uma camisa de força.
2 Retirado do documentário *Povo brasileiro* (baseado na obra de Darcy Ribeiro).

EDUCAÇÃO, RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS E A LEI Nº 10.639/03: BREVES REFLEXÕES

Nilma Lino Gomes

Introdução

A Lei nº 10.639/03, que estabelece a obrigatoriedade do ensino da história e cultura afro-brasileiras e africanas nas escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio; o Parecer do CNE/CP 03/2004, que aprovou as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras e Africanas; e a Resolução CNE/CP 01/2004, que detalha os direitos e as obrigações dos entes federados ante a implementação da lei, compõem um conjunto de dispositivos legais considerados como indutores de uma política educacional voltada para a afirmação da diversidade cultural e da concretização de uma educação das relações étnico-raciais nas escolas, desencadeada a partir dos anos 2000. É nesse mesmo contexto que foi aprovado, em 2009, o Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras e Africana (BRASIL, 2009).

O percurso de normatização decorrente da aprovação da Lei nº 10.639/03 deveria ser mais conhecido pelos educadores e educadoras das escolas públicas e privadas do país. Ele se insere em um processo de luta pela superação do racismo na sociedade brasileira e tem como protagonistas o Movimento Negro e os demais grupos e organizações partícipes da luta antirracista. Revela também uma inflexão na postura do Estado, ao pôr em prática iniciativas e práticas de ações afirmativas na educação básica brasileira, entendidas como uma forma de correção de desigualdades históricas que incidem sobre a população negra em nosso país.

É sabido o quanto a produção do conhecimento interferiu e ainda interfere na construção de representações sobre o negro brasileiro e, no contexto das relações de poder, tem informado políticas e práticas tanto conservadoras quanto emancipató-

rias no trato da questão étnico-racial e dos seus sujeitos. No início do século XXI — quando o Brasil revela avanços na implementação da democracia e na superação das desigualdades sociais e raciais —, é também um dever democrático da educação escolar e das instituições públicas e privadas de ensino a execução de ações, projetos, práticas, novos desenhos curriculares e novas posturas pedagógicas que atendam ao preceito legal da educação como um direito social, no qual deve estar incluído o direito à diferença.

As ações pedagógicas voltadas para o cumprimento da Lei nº 10.639/03 e suas formas de regulamentação se colocam nesse campo. A sanção de tal legislação significa uma mudança não só nas práticas e nas políticas, mas também no imaginário pedagógico e na sua relação com o diverso, aqui, neste caso, representado pelo segmento negro da população.

É nesse contexto que a referida lei pode ser entendida como uma medida de ação afirmativa. As ações afirmativas são políticas, projetos e práticas públicas e privadas que visam à superação de desigualdades que atingem historicamente determinados grupos sociais, a saber: negros, mulheres, homossexuais, indígenas, pessoas com deficiência, entre outros. Tais ações são passíveis de avaliação e têm caráter emergencial, sobretudo no momento em que entram em vigor. Elas podem ser realizadas por meio de cotas, projetos, leis, planos de ação, etc. (GOMES, 2001).

É importante desmistificar a ideia de que tais políticas só podem ser implementadas por meio da política de cotas e que, na educação, somente o ensino superior é passível de ações afirmativas. Tais políticas possuem caráter mais amplo, denso e profundo. Ao considerar essa dimensão, a Lei nº 10.639/03 pode ser interpretada como uma medida de ação afirmativa, uma vez que tem como objetivo afirmar o direito à diversidade étnico-racial na educação escolar, romper com o silenciamento sobre a realidade africana e afro-brasileira nos currículos e práticas escolares e afirmar a história, a memória e a identidade de crianças, adolescentes, jovens e adultos negros na educação básica e de seus familiares.

Ao introduzir a discussão sistemática das relações étnico-raciais e da história e cultura africanas e afro-brasileiras, essa legislação impulsiona mudanças significativas na escola básica brasileira, articulando o respeito e o reconhecimento à diversidade étnico-racial com a qualidade social da educação. Ela altera uma lei nacional e universal, a saber, a Lei nº 9.394/96 — Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) —, incluindo e explicitando, nesta, que o cumprimento da educação enquanto direito social passa, necessariamente, pelo atendimento democrático da diversida-

de étnico-racial e por um posicionamento político de superação do racismo e das desigualdades raciais. É importante compreender, então, que a Lei nº 10.639/03 representa uma importante alteração da LDB, por isso, o seu cumprimento é obrigatório para todas as escolas e sistemas de ensino. *Estamos falando, portanto, não de uma lei específica, mas, sim, da legislação que rege toda a educação nacional.*

Por mais que ainda tenhamos resistência em relação ao teor dessa Lei que altera a LDB e suas Diretrizes Curriculares, e por mais que o seu cumprimento ainda esteja aquém do esperado, é preciso reconhecer que a sua aprovação tem causado impactos e inflexões na educação escolar brasileira, como: ações do MEC e dos sistemas de ensino no que se refere à formação de professores para a diversidade étnico-racial; novas perspectivas na pesquisa sobre relações raciais, no Brasil; visibilidade à produção de intelectuais negros sobre as relações raciais em nossa sociedade; inserção de docentes da educação básica e superior na temática africana e afro-brasileira; ampliação da consciência dos educadores de que a questão étnico-racial diz respeito a toda a sociedade brasileira, e não somente aos negros; e entendimento do trato pedagógico e democrático da questão étnico-racial como um direito.

Conquanto um preceito de caráter nacional, a Lei nº 10.639/03 se volta para a correção de uma desigualdade histórica que recai sobre um segmento populacional e étnico-racial específico, ou seja, os negros brasileiros. Ao fazer tal movimento, o Estado brasileiro, por meio de uma ação educacional, sai do lugar da neutralidade estatal diante dos efeitos nefastos do racismo na educação escolar e na produção do conhecimento e se coloca no lugar de um Estado democrático, que reconhece e respeita as diferenças étnico-raciais e sabe da importância da sua intervenção na mudança positiva dessa situação.

Espera-se que, ao longo dos anos, o caráter emergencial dessa medida de ação afirmativa dê lugar ao seu total enraizamento enquanto lei nacional, a ponto de passar a fazer parte do imaginário pedagógico e da política educacional brasileira, e não mais ser vista como uma legislação específica. Nesse caso, entendida como Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, a Lei nº 10.639/03 poderá garantir aquilo que os defensores das ações afirmativas pleiteiam, ou melhor, que as políticas universais brasileiras incluam e garantam, de forma explícita, o direito à diferença.

As relações étnico-raciais

Todo esse processo e a própria existência da Lei nº 10.639/03 se localizam em um campo mais complexo e tenso, isto é, o contexto das *relações étnico-raciais*. Mas, afinal, o que queremos dizer com o termo "relações étnico-raciais" ao pensarmos em projetos, políticas e práticas voltadas para a implementação da Lei nº 10.639/03, enquanto uma alteração da Lei nº 9394/96 — LDB? São relações imersas na alteridade e construídas historicamente nos contextos de poder e das hierarquias raciais brasileiras, nos quais a *raça* opera como forma de classificação social, demarcação de diferenças e interpretação política e identitária. Trata-se, portanto, de relações construídas no processo histórico, social, político, econômico e cultural.

Mas o que queremos dizer com os conceitos *raça* e *etnia* quando os introduzimos na reflexão sobre as *relações étnico-raciais*? Nos limites deste artigo, destacaremos alguns aspectos considerados principais. O primeiro deles se refere à concepção de *raça* presente nesta reflexão.

Sociólogos, antropólogos, psicólogos sociais e educadores, bem como o Movimento Negro, quando usam o conceito de *raça* não o fazem alicerçados na ideia de raças superiores e inferiores, como originalmente foi usado pela ciência no século XIX. Pelo contrário, usam-no com uma nova interpretação que se baseia na dimensão social e política dele. E ainda o empregam porque a discriminação racial e o racismo existentes na sociedade brasileira se dão não apenas em razão dos aspectos culturais presentes na história e na vida dos descendentes de africanos, no Brasil e na diáspora, mas também graças à relação que se faz entre esses e os aspectos físicos observáveis na estética corporal desses sujeitos.

A forma como a *raça* opera em nossa sociedade possibilita, portanto, que militantes do Movimento Negro e um grupo de intelectuais não abandonem o conceito de *raça* para falar sobre a realidade do negro brasileiro, mas o adotem de maneira ressignificada. Nesse sentido, rejeitam o sentido biológico de *raça*, já que todos sabem e concordam com os avanços da ciência de que não existem raças humanas. O conceito de *raça* é adotado, nessa perspectiva, com um significado político e identitário construído com base na análise do tipo de racismo que existe no contexto brasileiro, as suas formas de superação e considerando as dimensões histórica e cultural a que esse processo complexo nos remete.

Não podemos negar que, na construção das sociedades, na forma como os negros e os brancos são vistos e tratados no Brasil, a *raça* tem uma operacionalidade na

cultura e na vida social. Se ela não tivesse esse peso, as particularidades e características físicas não seriam usadas por nós para classificar e identificar quem é negro e quem é branco no Brasil. E mais, não seriam usadas para discriminar e negar direitos e oportunidades aos negros em nosso país.

É importante destacar que, nesse sentido, as *raças* são compreendidas como construções sociais, políticas e culturais produzidas no contexto das relações de poder ao longo do processo histórico. Não significam, de forma alguma, um dado da natureza.[1] É na cultura e na vida social que nós aprendemos a enxergar as *raças*. Isso significa que aprendemos a ver as pessoas como negras e brancas e, por conseguinte, a classificá-las e a perceber suas diferenças no contato social, na forma como somos educados e socializados, a ponto de essas ditas diferenças serem introjetadas em nossa forma de ser e ver o outro, na nossa subjetividade, nas relações sociais mais amplas. Aprendemos, na cultura e na sociedade, a perceber as diferenças, a comparar, a classificar. Se as coisas ficassem só nesse plano, não teríamos tantos complicadores. O problema é que, nesse mesmo contexto, aprendemos a hierarquizar as classificações sociais, raciais, de gênero, entre outras. Ou seja, também vamos aprendendo a tratar as diferenças de forma desigual.

O segundo aspecto a destacar, quando adotamos a expressão *relações étnico-raciais* para compreender as formas como negros e brancos se relacionam em nosso país, refere-se ao conceito de *etnia*. Geralmente, aqueles que o adotam o fazem por acharem que, se falarmos em *raça*, mesmo que de forma ressignificada, acabamos presos ao determinismo biológico, o qual já foi abolido pela biologia e pela genética.

É fato que, durante muitos anos, o uso do termo *raça* na área das ciências, da biologia, nos meios acadêmicos, pelo poder político e na sociedade, de modo geral, esteve ligado à dominação político-cultural de um povo em detrimento de outro, de nações em detrimento de outras, e possibilitou tragédias mundiais, como foi o caso do nazismo. A Alemanha nazista utilizou-se da ideia de raças humanas para reforçar a sua tentativa de dominação política e cultural e penalizou vários grupos sociais e

---

1 Vale a pena lembrar o conceito de raça explicado pelo sociólogo Antônio Sérgio Guimarães. Segundo ele, "'raça' é um conceito que não corresponde a nenhuma realidade natural. Trata-se, ao contrário, de um conceito que se denota tão somente uma forma de classificação social, baseada numa atitude negativa frente a certos grupos sociais, e informada por uma noção específica de natureza, como algo sendo determinado. A realidade das raças limita-se, portanto, ao mundo social. Mas, por mais que nos repugne a empulhação que o conceito de 'raça' permite — ou seja, fazer passar por realidade natural preconceitos, interesses e valores sociais negativos e nefastos —, tal conceito tem uma realidade social plena, e o combate ao comportamento social que ele enseja é impossível de ser travado sem que se lhe reconheça a realidade social que só o ato de nomear permite" (GUIMARÃES, 1999, p. 9).

étnicos que viviam na Alemanha e nos países aliados ao ditador Hitler, no contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

O reconhecimento dos horrores causados durante a Segunda Guerra Mundial levou à reorganização política das nações no mundo, a fim de se evitar que novas atrocidades baseadas na ideia biológica de raça fossem cometidas. Nesse momento, o uso do conceito de *etnia* ganhou força acadêmica para se referir aos ditos povos diferentes: judeus, índios, negros, entre outros. A intenção era enfatizar que os grupos humanos não são marcados por características biológicas, mas, sim, por processos históricos e culturais (GOMES, 2005).

Ao ser adotado, o conceito de *etnia* diz respeito a um grupo que possui algum grau de coerência e solidariedade, composto de pessoas conscientes, pelo menos de forma latente, de terem origens e interesses comuns. Sendo assim, um grupo étnico não é mero agrupamento de pessoas ou de um setor da população, mas uma agregação cônscia de pessoas unidas ou proximamente relacionadas por experiências compartilhadas (CASHMORE, 2000, p. 196). Ou ainda, a etnia refere-se a um grupo social cuja identidade se define pela comunidade de língua, cultura, tradições, monumentos históricos e territórios (BOBBIO, 1992, p. 449).

Para entender as relações estabelecidas pelos sujeitos negros na sociedade brasileira, a forma como se veem e são vistos pelo Outro, a construção e a lógica das classificações raciais e a vivência de experiências compartilhadas nas quais a descendência africana e negra se apresenta como uma forte marca, alguns teóricos indagam o alcance do conceito de *etnia* (sobretudo de forma isolada) para se referir ao negro brasileiro. Segundo estes, o conceito de *etnia* traz elementos importantes, porém, ao ser adotado de maneira desarticulada da interpretação ressignificada de *raça*, acaba se apresentando insuficiente para compreender os efeitos do racismo na vida das pessoas negras e nos seus processos identitários (GOMES, 2005).

Nesse complexo contexto teórico e político vem sendo adotada a expressão *étnico-racial* para se referir às questões concernentes à população negra brasileira, sobretudo, na educação. Mais do que uma junção dos termos, essa formulação pode ser vista como a tentativa de sair de um impasse e da postura dicotômica entre os conceitos de *raça* e *etnia*. Demonstra que, para se compreender a realidade do negro brasileiro, não somente as características físicas e a classificação racial devem ser consideradas, mas também a dimensão simbólica, cultural territorial, mítica, política e identitária. Nesse aspecto, é bom lembrar que nem sempre a forma como a sociedade classifica racialmente uma pessoa corresponde, necessariamente, à forma como ela se vê. O que isso significa? Significa que, para compreendermos *as*

relações étnico-raciais de maneira aprofundada, temos de considerar os processos identitários vividos pelos sujeitos, os quais interferem no modo como esses se veem, identificam-se e falam de si mesmos e do seu pertencimento étnico-racial.

Palavras finais

Por tudo isso é que dizemos que as diferenças, mais do que dados da natureza, são construções sociais, culturais, políticas e identitárias. Aprendemos, desde criança, a olhar, identificar e reconhecer a diversidade cultural e humana. Contudo, como estamos imersos em relações de poder e de dominação política e cultural, nem sempre percebemos que aprendemos a classificar não somente como uma forma de organizar a vida social, mas também como uma maneira de ver as diferenças e as semelhanças de forma hierarquizada e dicotômica: perfeições e imperfeições, beleza e feiúra, inferiores e superiores. Esse olhar e essa forma de racionalidade precisam ser superados.

A escola tem papel importante a cumprir nesse debate. E é nesse contexto que se insere a alteração da LDB, ou seja, a Lei nº 10.639/03. Uma das formas de interferir pedagogicamente na construção de uma pedagogia da diversidade e garantir o direito à educação é saber mais sobre a história e a cultura africanas e afro-brasileiras. Esse entendimento poderá nos ajudar a superar opiniões preconceituosas sobre os negros, a África, a diáspora; a denunciar o racismo e a discriminação racial e a implementar ações afirmativas, rompendo com o mito da democracia racial.

Nilma Lino Gomes é professora da Faculdade de Educação da UFMG, doutora em Antropologia Social pela USP e coordenadora geral do Programa Ações Afirmativas na UFMG.

Referências bibliográficas

BOBBIO, Norberto *et al*. **Dicionário de política**. Brasília: Ed. Universidade de Brasília, 1992.

BRASIL, **Plano Nacional das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-brasileiras e Africana**. Brasília: SECAD; SEPPIR, jun. 2009.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-raciais e para o Ensino da História Afro-brasileira e Africana**. Brasília: SECAD/ME, 2004.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro, 2000.

GOMES, Joaquim B. Barbosa. **Ação afirmativa & princípio constitucional da igualdade**. Rio de Janeiro/São Paulo: Renovar, 2001.

GOMES, Nilma Lino. Alguns termos e conceitos presentes no debate sobre relações raciais no Brasil: uma breve discussão. **Educação antirracista**: caminhos abertos pela Lei Federal nº 10.639/03. Brasília: MEC/SECAD, 2005, p. 39-62.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

PRETO, PARDO, NEGRO, AFRODESCENDENTE: AS MUITAS FACES DA NEGRITUDE BRASILEIRA

Marcio André dos Santos

1. Identidades étnicas e racialização

Imagine um lugar em que as pessoas se reconheçam umas às outras pela língua que falam ou por meio de práticas culturais em comum. Imagine, por exemplo, que atributos como a cor da pele, textura de cabelo e compleição física não façam a menor diferença para que essas pessoas interajam mutuamente. Imagine diversos grupos estabelecendo relações de comércio, casamentos, trocas de bens e mercadorias, relações políticas, guerras sem que atributos corporais de um ou de outro sejam utilizados como arma ou fundamento de tais relações. Possivelmente, foi assim que durante séculos os chamados grupos étnicos se constituíram na África e em outras partes do mundo[1].

Seguramente, é possível afirmar que diferenças de base étnica sempre existiram se entendermos *etnia* ou *etnicidade* como um conjunto de crenças religiosas, práticas culturais, línguas e representações de mundo partilhadas por um determinado grupo. Portanto, em uma primeira acepção, podemos dizer que uma ***identidade étnica*** está ligada à cultura de um povo. Por sua vez, a cultura de um povo ou o conjunto de suas práticas culturais constitui parte substantiva daquilo que chamamos de **identidade**.

Este pequeno preâmbulo serve para entendermos um pouco mais como as identidades étnicas dos africanos escravizados no Brasil se reconfiguraram e se reconstituíram a partir do momento em que indivíduos de vários grupos étnicos foram, propositada-

1 Logicamente, não se pretende, com tal assertiva, estabelecer uma "verdade histórica" no que se refere às relações interétnicas na África. A ideia é usar tal metáfora para refletir sobre como as dinâmicas das relações entre grupos se configuram e se transformam ao longo do tempo.

mente, postos em um mesmo navio negreiro. Desde o sequestro dos escravizados até o seu embarque, utilizava-se a técnica da **desidentificação étnica**, expressa também na conversão forçada ao catolicismo e na adoção arbitrária de nomes católicos, como Francisco, José, Maria, João etc[2]. Os comerciantes de escravos europeus sabiam bem que, quanto menos identificação houvesse entre os escravizados, mais eficaz seria submetê-los ao servilismo, sufocando possíveis protestos[3]. Evidentemente, nem sempre isso funcionou. Pelo contrário! Rebeliões e revoltas de escravos ocorriam constantemente, mesmo durante a travessia do Atlântico.

Pense agora em um navio negreiro. Pense em suas galerias fétidas, sujas, modorrentas, apertadas, úmidas, eivadas de correntes enferrujadas e cheias de insetos e ratazanas disputando o espaço em que centenas de africanos se espremiam, nus, atônitos, famintos, humilhados e feridos pelo aprisionamento. Vamos tentar ir além. Imagine que você é um desses africanos, homem ou mulher, jovem ou adulto. Neste momento de desespero, de desenraizamentos abruptos, de dor física, emocional, você quer compartilhar com os seus, em sua língua materna, todo o horror que se abateu sobre seu povo e que se encena diante de seus olhos. E aí percebe que ninguém ali, próximo, fala a sua língua, ainda que todos se pareçam com você, tons de pele semelhantes, mesmo tipo de cabelo, de compleição física.

O tráfico transatlântico de escravos, possivelmente, tenha sido um dos primeiros fatores de enfraquecimento dos laços étnicos entre os africanos e um dos mais longos genocídios da história do Ocidente moderno[4]. No entanto, o processo de construção e/ou reconstrução de identidades pode ser visto como vital para que os grupos sobrevivam e prosperem.

Para muitos povos africanos, todos os homens do planeta tinham a mesma cor de pele e compleição física. O contato com os povos europeus e, antes destes, com os árabes, possivelmente significou uma mudança de percepção substantiva, ainda que com base na violência. Não havia ***negros*** entre os ***africanos***. Aliás, nem havia africanos, do modo como entendemos hoje[5]. O que havia era uma centena de grupos étnicos com designações tão variadas quanto suas culturas, como fulas, mandingas,

2 Para detalhes sobre tais técnicas ver *Antropologia da escravidão* de Claude Meillassoux.

3 O filme *Amistad*, do diretor Steven Spielberg, retrata cenas do transporte de africanos escravizados para as Américas. Sugiro assistir no youtube, especialmente às cenas do interior do navio negreiro. Acessar em http://www.youtube.com/watch?v=Vo-JejTp7O4&feature=related

4 Antes de 1500 houve outros genocídios na história, inclusive na Europa. O escravismo europeu na África certamente constitui um dos primeiros genocídios do período que designamos moderno.

5 Refiro-me aos séculos 18 e 19.

umbundos, quimbundos, cabindas etc. No Brasil, e em todo o mundo fora da África, essas pessoas foram chamadas de negros, crioulos. Em outros termos, com o tráfico transatlântico de escravos iniciou-se um poderoso ***processo de racialização*** dos "africanos" em "negros" nas Américas.

O conceito de "raça" inexistia em muitas culturas, mesmo na Europa. As oposições e assimetrias mais importantes entre europeus e povos não europeus inicialmente não se baseavam na noção biológica de "raça", e sim nas filiações religiosas de cada um (HOFBAUER, 2006)[6]. Para os europeus, Deus os havia escolhido para serem os governantes do mundo porque eram cristãos. Os outros povos, regidos por outras práticas religiosas, eram genericamente designados por "ímpios, bárbaros ou pagãos", logo, considerados inferiores moral e eticamente aos detentores da "verdadeira fé". A diferença de cor da pele ou, mais diretamente, a diferença "racial" não era importante neste momento. Somente na passagem do século 17 para o 18, a partir da industrialização e do expansionismo europeu no mundo, filósofos e cientistas começaram a desenvolver tipologias raciais dos povos que conquistavam. Nestas tipologias, os europeus eram vistos como os mais inteligentes, e moralmente superiores aos indígenas, amarelos (os povos asiáticos) e negros (africanos), exatamente por serem *brancos*. Os negros africanos eram considerados os mais atrasados dentre os outros, bárbaros, rudes, desprovidos de qualquer racionalidade, daí uma série de justificativas arroladas para escravizá-los e subjugá-los ao cristianismo.

2. Processos de miscigenação

No Brasil, a escravidão imposta aos africanos pelos portugueses seguiu caminho semelhante ao que acontecia em outros países das Américas. Os portugueses católicos concebiam a si mesmos como superiores aos indígenas, inicialmente, e depois aos negros, por duas razões: eram cristãos e brancos. O imenso afluxo de colonizadores portugueses, uma maioria avassaladora de homens, trouxe consigo o problema da falta de mulheres. Por esta razão, o estupro às mulheres indígenas e negras impôs-se como regra, legitimada e naturalizada pela Igreja e seus representantes. *Grosso modo*, tem-se aí o início de um longo e interminável processo de miscigenação entre brancos portugueses, indígenas e africanos baseado na violência colonial.

6 Para uma análise sobre isso ver especialmente o livro *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*, de Andreas Hofbauer.

Portanto, filhos de brancos com indígenas foram chamados de *mamelucos*; filhos de indígenas com negros, de *cafuzos*; e de brancos com negros, de *mulatos*. Na realidade, todas essas categorias variavam de lugar para lugar, de época para época, e apontavam para a sua inferioridade em relação aos brancos. O termo *mulato*, por exemplo, associava-se a "mula" ou a "jumento", sinalizando a mistura de brancos e negros como "espécies" diferentes, logo, prejudiciais umas às outras. A partir do século 19, com a intensificação das imigrações de europeus e asiáticos para o Brasil, o caldeirão étnico-racial brasileiro sofreu ainda mais diversificação, porém, a ideia de que o povo brasileiro era constituído por "três raças" permaneceu como mito de origem[7] (DAMATTA, 1981).

Entre o final do século 19 e início do século 20, as elites intelectuais e políticas brasileiras apostavam na imigração dos europeus como solução ao que consideravam "problema da escravidão" no Brasil. Seria possível uma nação moderna e competitiva composta por imensas populações de "negros e mestiços", gente considerada atrasada e racialmente inferior? Esta era uma das perguntas que as elites intelectuais e políticas se faziam na época, sob influência das teorias racistas de teóricos como Arthur de Gobineau. O cientista João Batista Lacerda prognosticava que, se os imigrantes brancos viessem a se miscigenar com os "nacionais negros e mestiços", em 100 anos teríamos um país completamente *branco*[8]. Os dados estatísticos por cor do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) mostram que tal utopia nunca se concretizou. No entanto, o projeto de embranquecimento do Brasil foi um dos principais instrumentos políticos com apoio do Estado para eliminar fisicamente a população negra.

Na década de 1930 do século 20 o projeto do embranquecimento conheceu novo curso. As elites da época perceberam o quão difícil seria dar conta da imensa população negra, diluindo-a no "sangue branco". Sob forte influência do modernismo que aportava por aqui, verificou-se, então, uma guinada na solução do "problema do negro". Intelectuais, como Gilberto Freyre, a partir da publicação do seu mais influente trabalho *Casa grande e senzala*, argumentavam que a mestiçagem entre as "três raças" era o que singularizaria o Brasil. Dessa maneira, o mestiço ou, mais propriamente, o **mulato** seria uma espécie de síntese do brasileiro. Afirmar isso era o mesmo que dizer que não éramos mais, nem indígenas, nem brancos e nem negros propriamente, e sim o resultado complexo da junção destes três tipos, especialmente dos dois últimos.

---

7 Para a contextualização do mito ou fábula das três raças ver o livro de Roberto DaMatta "Relativizando: uma introdução à Antropologia Social", Petrópolis Vozes, 1981.

8 Para uma discussão sobre a influência das teorias racistas no chamado pensamento social brasileiro consultar o livro *O espetáculo das raças*, de Lilia Schwarcz.

Ser brasileiro era ser *mestiço,* seja do ponto de vista racial, seja do ponto de vista cultural. Silvio Romero, pensador brasileiro do final do século 19, afirmava que "formamos um paiz mestiço (...) somos mestiços, se não no sangue ao menos na alma" (ROMERO, 1953). Na realidade, havia pelo menos dois sentidos de ser mestiço entre a intelectualidade da virada do século 19 para o 20 e a dos anos 30. Os intelectuais da virada do século viam na mestiçagem racial uma via para se chegar a um "tipo branco" caracteristicamente nacional, brasileiro. Enquanto os intelectuais dos anos 30 apostavam na mestiçagem racial que teria como resultado o mulato.

3. Identidade racial e o "mito da democracia racial"

As teses sociológicas desenvolvidas por Gilberto Freyre e outros intelectuais de sua geração sedimentaram o terreno do que veio a ser chamado de "mito da democracia racial[9]". Com a valorização do brasileiro como mestiço/mulato nos meios culturais, literários, artísticos e políticos do país, apontar a existência do racismo como fenômeno presente no dia a dia dos negros era o mesmo que negar o novo nacionalismo que se engendrava.

A mestiçagem era louvada e reverenciada em praticamente todos os discursos políticos oficiais, nos romances, poemas, obras de arte, enfim, em todas as expressões artísticas irradiava-se o "mito da democracia racial" como tradutor de uma suposta convivência harmônica entre os grupos raciais. Deputados e senadores bradavam de suas tribunas que o Brasil era um país promissor devido às suas riquezas naturais, extensão continental e ao seu povo mestiço, trabalhador, alegre e, acima de tudo, hostil à praga do "preconceito de cor", outro nome dado ao racismo.

Apesar da poderosa construção ideológica investida na mestiçagem racial como solução ao "problema do negro", nem todo mundo aceitava passivamente a tese de que não houvesse racismo no Brasil. Um bom exemplo disso foi a atuação da Frente Negra Brasileira (FNB) que, nos anos 30, organizou jornais e congressos chamando a atenção para os problemas que afligiam a "população de cor": exclusão econômica, analfabetismo massivo e mobilidade social negativa[10]. Na

9 Existem muitos livros que analisam o "mito da democracia racial". Creio que uma leitura abrangente e suave sobre o assunto encontra-se em *Racismo e antirracismo no Brasil*, de Antonio Sergio Guimarães.

10 Para uma abordagem histórica da atuação da Frente Negra Brasileira ver Cardoso, 2005 e Domingues, 2005.

década de 40, o Teatro Experimental do Negro seguiu caminho semelhante, denunciando as práticas racistas no cotidiano dos negros, em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, a partir de peças teatrais.

Apesar dos esforços consideráveis e pontuais feitos pelos movimentos negros nas décadas iniciais do século 20, o "mito da democracia racial" seguia conquistando *corações e mentes* em todo o país. Nessa ocasião, ser identificado como *negro* ou mesmo *preto* era imediatamente sinônimo de rebaixamento e estigma social. O apelo em direção ao branqueamento, vindo das instituições sociais e artefatos culturais, militava contra a construção de uma identidade racial positiva por parte dos negros. Mesmo os intelectuais da Frente Negra Brasileira viam com desconfiança qualquer vínculo do que na época chamavam de africanismo. A África e, por extensão, os africanos eram representados como permanências do passado no presente, representavam o atraso civilizacional, a contramão do progresso e da razão.

Apesar das contradições existentes (a FNB era uma organização que abarcava tanto lideranças de inspiração socialista quanto lideranças ligadas ao monarquismo católico de direita[11]), deve-se sublinhar que os frentenegrinos foram os principais responsáveis, naquele período, pela revalorização da palavra negro. Desde então, negro deixou de ser sinônimo de escravo, de inferioridade racial, passando a ser visto como identidade positiva de pessoas denominadas como pretas, pardas, mulatas, mestiças... Em suma, todos aqueles que sofriam os prejuízos simbólicos e materiais do racismo.

Entretanto, ser negro era sinônimo de ser socialmente desqualificado, com baixa qualificação profissional, de baixa escolaridade, mesmo no seio da "população de cor". Em outras palavras, identificar-se assim não era vantajoso em nenhum sentido. Décadas se passaram, até meados dos anos 80 e 90, e as representações sobre ser negro praticamente continuaram as mesmas no imaginário popular. As organizações dos movimentos negros ganharam força na esfera pública e junto aos poderes públicos, porém, o "mito da democracia racial" continua latente nas representações sociais dos brasileiros.

11 Para detalhes sobre as filiações políticas dos frentenegrinos consultar Ferreira, 2005.

4. Os ventos dos anos 90

O período de redemocratização do final dos anos 80 e início dos anos 90 trouxe consigo um ambiente novo, mais arejado e promissor, em termos de participação política, para toda a sociedade civil organizada. Movimentos sociais ligados a várias bandeiras ideológicas, partidos políticos e grupos de interesse emergiram na esfera pública como atores legítimos. Não foi diferente para o ativismo negro. Desde a fundação, em 1978, do Movimento Negro Unificado (MNU), confluência de organizações negras ainda durante a ditadura militar, uma série de mudanças teve curso no país inteiro no que diz respeito à luta contra a opressão racial[12]. Organismos internacionais, agências de cooperação multilaterais e, de maneira mais incisiva, os meios de comunicação de massa passaram a vocalizar os problemas que mais afetavam a qualidade de vida da população negra, tais como altos índices de desemprego, violência policial e exclusão social e política.

Uma pequena classe média negra, politizada e com grau superior, tentou aproveitar ao máximo as brechas abertas pela redemocratização, exigindo do Estado o cumprimento de acordos internacionais de políticas de combate ao racismo institucional assinados pelo Brasil nas Nações Unidas. O termo *negro* se popularizou como identidade política relevante, especialmente devido a uma maior visibilidade de atores e atrizes negros nas novelas exibidas nos principais canais de televisão.

Afirmar-se negro deixou de ser automaticamente pejorativo. Mais e mais pessoas classificadas pelo IBGE como pretas e pardas assumem-se como descendentes de africanos. Apesar desta aparente mudança verificada na autoatribuição de cor/raça, o "mito da democracia racial", mesmo que deslegitimado oficialmente[13] pelo ex-presidente Fernando Henrique Cardoso, continua a vincular negritude à pobreza e, consequentemente, a um *status* social de inferioridade.

5. Identidade negra e novas práticas pedagógicas

Como parte dos avanços dos movimentos negros nas diversas esferas do poder público houve uma expansão do debate em torno de políticas de ação afirmativa, que

12 Marcos A. Cardoso discute isso em *O Movimento Negro em Belo Horizonte: 1978-1998*. Mazza Edições, 2002. Ver também Hanchard, 2001.

13 Discuto essa questão em Santos, 2005.

tem provocado uma mudança substantiva de percepção dos brasileiros pretos e pardos em relação à sua identidade racial. O racismo e a discriminação racial continuam a jogar contra a ascensão social dos negros e permanece forte no imaginário dos estratos médios a ideia de que ser negro é estar organicamente vinculado à pobreza, à criminalidade e à baixa escolaridade.

No entanto, uma **nova negritude** renova-se nas práticas políticas, sociais, educacionais e, especialmente culturais dos negros em todo o país, como a exemplo dos jovens pertencentes ao movimento hip-hop. Estudantes universitários, beneficiários ou não de programas de cotas raciais, vocalizam de maneira vibrante sua vinculação com essa negritude e cada vez mais vínculos são feitos entre os movimentos negros do Brasil e de outros países da América Latina. Tal vínculo fez surgir o termo ***afrodescendente*** no cenário latino-americano dos últimos anos.

Durante a preparação para a 3ª Conferência Mundial Contra o Racismo, a Discriminação Racial e Formas Correlatas de Intolerância ocorrida em 2001, na África do Sul, os representantes dos movimentos negros e dos governos dos países da América Latina perceberam que o termo *negro* não era consensual frente à diversidade das populações negras locais. Cada contexto nacional construiu uma designação particular para se referir às suas populações de origem africana. Por exemplo, para ativistas do movimento negro da Colômbia o termo *afro-colombiano* reflete melhor sua identidade racial e política, em detrimento do termo "negro colombiano", visto como passivo e apolítico. Termos como *mulato*, *zambo*, *raizal* e dezenas de outros são usados no dia a dia, tanto pela população negra quanto pela não negra, para se referir aos afro-colombianos. Nos Estados Unidos, o termo *negro*[14] é pejorativo porque está associado ao passado de escravidão e restrição aos direitos civis fundamentais. A substituição da palavra *negro* para *africano-americano* como designação da identidade racial dos descendentes de africanos foi, junto com o fim do regime de segregação racial (*Jim Crow*), uma das mais importantes contribuições do Movimento Pelos Direitos Civis (o movimento negro de lá).

Qual tipo de importância essas mudanças semânticas podem ter? Para as pessoas que sofrem prejuízos com o racismo e a discriminação racial uma autoatribuição positiva de suas identidades raciais significa o fortalecimento da autoestima de grupo.

---

14 Importante notar que, até meados dos anos 60, o termo negro era largamente utilizado, até mesmo pelas lideranças do Movimento Pelos Direitos Civis, como Martin Luther King Jr.

Uma das preocupações dos proponentes da Lei nº 10.639/03 — lei que estabelece a inclusão do conteúdo programático de História da África e das Culturas Afro-brasileiras no ensino fundamental — é exatamente contribuir para uma reversão do imaginário social brasileiro sobre a população negra a partir de uma *nova prática pedagógica*. Até então, os livros escolares utilizados nas escolas públicas e privadas do país reproduziam tacitamente uma visão passiva da escravidão e uma ideia do continente africano como arcaico e atrasado. O objetivo, agora, é fornecer instrumentos pedagógicos aos educadores e educadoras de todo o país acerca da diversidade cultural e civilizacional dos povos africanos, antes do escravismo e do colonialismo europeu. Do mesmo modo, objetiva-se evidenciar as inúmeras contribuições para a formação da nação brasileira, com seus valores e patrimônios culturais comuns a todos os grupos. Não é tarefa fácil. Além do desafio subjacente à produção de materiais pedagógicos sobre o tema, a resistência à temática racial ainda é comum para muitos educadores, Brasil afora, devido à vigência do "mito da democracia racial". Por outro lado, uma série de iniciativas tem sido realizada com o intuito de levar informações e materiais pedagógicos no esforço de auxiliar nesta tarefa.

6. Conclusão

As ciências sociais têm demonstrado que não existem identidades sociais fixas, atemporais. Toda identidade é construída social e historicamente. A adoção de uma determinada identidade social geralmente visa a múltiplos objetivos: autoproteção, defesa de interesses, reversão da opressão etc. Neste sentido, todas as identidades sociais são ou podem ser instrumentalizadas politicamente, ou seja, serão utilizadas direta ou indiretamente visando a determinados fins.

Basicamente, é isso o que ocorre com as identidades raciais no caso brasileiro e com as identidades negras em particular. Por que é raro ouvirmos falar em *identidade branca*? A resposta é simples: porque é a identidade racial hegemônica em nosso país. Para aqueles que veem a si mesmos como brancos, pertencer a esta identidade significa ver sua imagem espelhada e irradiada positivamente em todas as novelas transmitidas na televisão; nas propagandas; no cinema; nos livros didáticos; nas capas e interior das revistas. Os ganhos simbólicos para a autoestima das crianças, adolescentes e adultos brancos revertem em privilégios sociais e econômicos. Ser branco é, em si mesmo, um atributo de ascensão social. O contrário ocorre entre os negros. A vigência do racismo, aliada à baixa estima do grupo, conspiram para seu fracasso social. Daí o investimento feito pelos movimentos negros e progra-

mas governamentais na consolidação de uma identidade negra positiva, afirmada e dialógica. Políticas de ação afirmativa e todas as demais políticas de promoção da igualdade racial objetivam, sobretudo, mudar os termos da representação social dos negros a fim de gerar, em um futuro não muito distante, condições para uma real equidade entre todos os grupos. Tal utopia conta com cada um de nós, estudantes, educadores, educadoras, aprendizes... Cidadãos!

Marcio André dos Santos é mestre em ciências sociais pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faz doutorado em ciência política no Instituto de Estudos Sociais e Políticos (ex-Iuperj), ligado à Uerj.

7. Referências bibliográficas:

CARDOSO, Marcos A. **O movimento negro em Belo Horizonte**: 1978-1998. Belo Horizonte: Mazz Edições, 2002.

DAMATTA, Roberto. **Relativizando**: uma introdução à Antropologia Social. Petrópolis: Vozes, 1981.

DOMINGUES, Petrônio J. **Uma história não contada**: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2004.

FERREIRA, Maria Cláudia C. **As trajetórias políticas de Correia Leite e Veiga dos Santos**: consensos e dissensos no movimento negro paulistano (1928-1937). Dissertação de mestrado em história, UERJ, 2005.

GUIMARÃES, Antônio S. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 1999.

HANCHARD, Michael G. **Orfeu e o poder**: o movimento negro no Rio de Janeiro e São Paulo (1945-1988); tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.

HOFBAUER, Andreas. **Uma história de branqueamento ou o negro em questão**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

SANTOS, Marcio André O. **A persistência política dos movimentos negros brasileiros**: processo de mobilização à III Conferência Mundial das Nações Unidas Contra o Racismo. Dissertação de mestrado. Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2005.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O espetáculo das raças — Cientistas, instituições e questão racial no Brasil 1870-1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

ROMERO, Silvio. **História da literatura brasileira**. 1ª edição, 1888. 52ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1953.

CIÊNCIA E TECNOLOGIA E A LEI FEDERAL Nº 10.639/03

Roberta Fusconi e Guimes Rodrigues Filho

Na Semana Cultural da escola, a classe de Aisha e Yetundê iria apresentar o tema África sugerido pela professora porque, aprendendo sobre esse continente, as crianças iriam conhecer melhor o Brasil. Consultada sobre onde encontrar material sobre o assunto, vovó Nanã, que nasceu na Nigéria, falou da riqueza da oralidade na tradição africana e de como as pessoas são educadas com o uso da palavra falada, e completou:

"Infelizmente, muita coisa não está escrita. Por isso dizem que o africano não construiu nada. Mas é mentira — advertiu Nanã — A humanidade surgiu na África e os africanos tinham um conhecimento antigo em diversas ciências —, a avó comentou." (Fonseca, 2009).

É no continente africano — que há aproximadamente 200 milhões de anos encontrava-se unido ao Brasil, formando com os outros continentes do atual hemisfério sul o supercontinente Gonduana (do inglês *Gondwana*) — que os pesquisadores de todo o mundo buscam a origem da humanidade. As evidências de que o *Homo sapiens* teve origem em África são muitas. Escavações no deserto de Afar, na Etiópia, nos apresentaram Lucy e a menina Selam ("paz", em diversas línguas etíopes), ambas *Australopithecus afarensis* que viveram há 3,2 milhões e 3,3 milhões de anos, respectivamente. Recentemente, foram encontrados na África do Sul fósseis humanos denominados *Australopithecus sediba*, com cerca de 1,95 milhão de anos (WONG, 2010). Não obstante existam teorias e polêmicas, é certo que todos os fósseis que podem ser os antepassados diretos de nosso gênero *Homo* estão no continente africano. Corroborando com esses dados, uma pesquisa publicada em 2007, que apresenta o estudo de variações genéticas globais e medidas cranianas de diferentes regiões do mundo, demonstra que o *Homo sapiens* teve origem única: a África (MANICA *et al.*, 2007).

Segundo Adams III (1986), é fato que na África existe uma rica história de conhecimento científico, descobertas e invenções que antecedem o surgimento da civilização europeia: a descoberta do tempo, o controle do fogo, o desenvolvimento de ferramentas tecnológicas, a linguagem e a agricultura. Nada no século 20,

segundo o autor, contribuiu tanto para o desenvolvimento da humanidade como esse conhecimento da matriz africana — nem a chegada à lua, a descoberta do DNA ou a energia nuclear, a televisão ou o laser, e nem mesmo o automóvel.

Assim, é necessário destacar elementos norteadores da ciência e tecnologia na aplicação da Lei federal nº 10.639/03 que tenham bases no conhecimento africano como, por exemplo, o fato de que no século 19 um médico inglês chamado R. Felkin, em contato com os Banyoros, na região que hoje compreende Uganda, testemunhou uma cirurgia cesariana. Ele descreve com êxtase os passos da cirurgia, ressaltando as técnicas de cauterização, assepsia, etc. Felkin destaca que as mãos do cirurgião africano trabalham com sensibilidade, maestria e delicadeza difíceis de serem encontradas nos cirurgiões ocidentais (DE SMET, 1998).

O instrumento médico utilizado na cirurgia cesariana foi levado por Felkin e se encontra exposto no Museu de Londres. É claro que a construção do instrumento tem como base a integração entre os Orixás e os seres humanos pois, segundo o itan de Ogum, que já traz em si o conhecimento tecnológico, esse Orixá concedeu aos seres humanos o segredo da forja do ferro:

> *Ogum e seus amigos Alaká e Ajero foram consultar Ifá. Queriam saber uma forma de se tornarem reis de suas aldeias. Após a consulta foram instruídos a fazer ebó. (...) Os amigos de Ogum tornaram-se reis de suas aldeias, mas a situação de Ogum permanecia a mesma. Preocupado, Ogum foi novamente consultar Ifá. E o adivinho recomendou que refizesse o ebó. Depois, deveria esperar a próxima chuva e procurar um local onde houvesse ocorrido uma erosão. Ali devia apanhar da areia negra e fina e colocá-la no fogo para queimar. Ansioso pelo sucesso, Ogum fez o ebó. E, para sua surpresa, ao queimar aquela areia, ela se transformou na quente massa que se solidi-*

ficou em ferro. O ferro era a mais dura substância que ele conhecia. Mas era maleável enquanto estava quente. Ogum passou a modelar a massa quente. Ogum forjou primeiro uma tenaz. Um alicate para retirar o ferro quente do fogo. E assim era mais fácil manejar a pasta incandescente. Ogum então forjou uma faca e um facão. Satisfeito, Ogum passou a produzir toda espécie de objetos de ferro. Assim como passou a ensinar seu manuseio. Veio fartura e abundância para todos. Dali em diante Ogum Alegbedé, o ferreiro, mudou. Muito prosperou e passou a ser saudado. Como Aquele que Transforma a Terra em Dinheiro. (PRANDI, 2001).

O ferro é o elemento químico mais abundante na crosta terrestre e sua importância é destacada pela sua utilização nas construções civil, naval e aeronáutica, entre outras. Reaproveitado de pneus velhos, serve à confecção do berimbau, ou seja, a corda que vibra no instrumento é feita a partir do compartilhamento do conhecimento de Ogum.

A partir do conhecimento da estabilidade nuclear do ferro obtemos informações sobre a estabilidade de todos os outros elementos químicos encontrados na natureza. Aqueles classificados como mais pesados do que o ferro ficam à sua direita e os mais leves, à sua esquerda. Esta classificação nos leva aos estudos da radioquímica, segundo a qual, os elementos mais pesados do que o ferro tendem a sofrer um fenômeno chamado de fissão nuclear (reação básica que faz funcionar os reatores que podem servir à humanidade na medicina, na indústria de alimentos etc., ou mesmo levar à produção das chamadas armas nucleares), enquanto os mais leves sofrem a reação de fusão nuclear. Todos esses fenômenos demonstram que a tendência dos elementos da natureza é buscar a estabilidade do ferro de Ogum.

Cabe uma reflexão sobre por que não encontramos, durante a nossa formação nos cursos de graduação em ciências — engenharia, química, física, biologia etc. — informações sobre os saberes e fazeres dos povos africanos. Estes saberes e fazeres são ocultados para justificar a colonização, a apropriação das riquezas e do conhecimento e a destruição daquele continente por parte do Ocidente. No entanto, Sherby e Wadsworth (2001) propuseram uma nova sequência para a idade dos metais. O início da idade do ferro, que se acredita datar de 1000 a.C., foi alterado para incluir o conhecimento da metalurgia desse elemento químico pelos africanos. Essa modificação se baseou em pesquisas que encontraram uma placa de ferro na pirâmide de Quéfren, no Egito, que data de 3700 a.C. Tal descoberta demonstra, segundo os autores, o conhecimento ancestral da metalurgia do ferro no continente africano.

Anteriormente, falamos do berimbau. Mas o que é o berimbau que contém o arame — encontrado nos pneus — e fabricado a partir do ferro de Ogum?

> *"Eu vou ler o beabá / o beabá do berimbau / a moeda e o arame / e o pedaço de pau / a cabaça e o caxixi / aí está o berimbau / berimbau é um instrumento que toca numa corda só / agora acabei de crer / berimbau é o maior..." (Domínio popular)*

O berimbau é um arco musical de matriz africana. Segundo Shaffer (1977), os mestres de Capoeira dizem que Gunga é o nome africano, e berimbau o nome português. Em Angola, encontramos arcos musicais que lembram o berimbau: "humbo", "rucumbo", "lucungo", "hungu", "m'borumbuma", entre outros. Trazidos para o Brasil pelos negros escravizados, provavelmente, esses arcos foram reinventados e introduzidos na resistência da cultura africana por meio das rodas de capoeira. O berimbau nos conduz ao livro animado de **A Cor da Cultura**, *Berimbau*, de Raquel Coelho. Na animação, ouvimos o som do instrumento ecoando das mãos do *griot*, ao ensinar a Léo que a parte superior do berimbau aponta para o futuro, seu meio aponta para o presente e sua parte inferior aponta para o passado, abrindo as portas para conversar sobre a nossa ancestralidade.

Nesse contexto, o berimbau pode ser apresentado como uma matriz africana para o ensino de ciências (FUSCONI & RODRIGUES FILHO, 2007). É possível construir com os educandos conceitos de biologia a partir de seu pedaço de pau, sua verga — a biriba — de seu chocalho — o caxixi — e de sua caixa de ressonância — a cabaça. A discussão permeia a história e culturas africanas e afro-brasileiras e o ensino de ciências. Uma vez que tanto a verga do berimbau como o caxixi são tradicionalmente feitos, respectivamente, a partir da biriba (*Eschweilera ovata*) e do cipó-titica (*Heteropsis flexuosa*), recursos naturais ameaçados ou encontrados em ambientes ameaçados, como a Mata Atlântica e a região Amazônica (GUSSON, 2003; PLOWDEN, UHL & OLIVEIRA, 2003), é possível discutir temas bastante atuais como a importância da biodiversidade, a conservação e manejo dos recursos naturais, a degradação dos ecossistemas e o desenvolvimento sustentável, entre outros. Soma-se a isso o fato de que a cabaça é o fruto seco de uma espécie de trepadeira (*Lagenaria vulgaris*) cuja possível origem, conforme aponta a Carta de Caminha, deveria estar no chamado "Velho Mundo" (FILGUEIRAS & PEIXOTO, 2002). No entanto, pesquisas recentes relatam que a cabaça teria sido introduzida no Brasil pelos negros escravizados (QUEIROZ, 1993).

A cabaça, que é o eco do som do berimbau africano no Brasil, na África, entre outros usos, é utilizada pelas mulheres do povo Bahima (Uganda) durante o processo de produção do *ghee*. O tema é abordado no episódio dos **Livros Animados** do **A Cor da Cultura**, no qual o gato e o rato têm uma amizade que não dura para sempre. O conto animado "Amigos, mas não para sempre", que pertence à tradição oral de Uganda, foi proposto pelo projeto **A Cor da Cultura** como ponto de partida para trabalhar na Educação Infantil e Ensino Fundamental. Na animação, o rato nos ensina uma prática que aprendeu com as mulheres e que os humanos utilizam para não passar fome na época da seca: a produção do *ghee*, uma manteiga deliciosa, obtida a partir do leite que é fornecido pelo gado Ankole, que tem chifres enormes, e do qual depende a subsistência do povo nômade Bahima.

A partir da contextualização de aspectos relacionados à história e cultura africanas, o conto pode ser utilizado para discutir o saber biotecnológico do povo Bahima, com ênfase na biotecnologia microbiana na produção de alimentos a partir do leite (FUSCONI, 2010). O povo Bahima usa a cabaça como reator, na qual colocam o leite que vai ser fermentado por microrganismos de interesse biotecnológico — como revelado pelos pesquisadores japoneses Ongol & Asano (2009). Reatores de cabaça foram reinventados a partir do conhecimento científico desenvolvido na África, como os reatores de aço (mistura de ferro e carbono) de Ogum, utilizados hoje em dia para os mais diversos fins, tais como produção de alimentos, cultivo de microrganismos de interesse industrial, produção de fármacos e de cosméticos, tratamento de esgoto, entre outros.

Há, como podemos ver, várias possibilidades de trabalhar a questão da ciência e tecnologia a partir da matriz africana. Esperamos que esse breve ensaio ajude na implementação da Lei federal nº 10.639/03.

Mojubá!

Roberta Fusconi é doutora em Ecologia e Recursos Naturais pela Universidade Federal de São Carlos, pesquisadora do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da Universidade Federal de Uberlândia (NEAB-UFU) e presidente do Instituto de Educação e Cultura Gunga.

Guimes Rodrigues Filho é doutor em Química, professor-associado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e coordenador do Núcleo de Estudos Afro-brasileiros da UFU (NEAB-UFU).

Referências bibliográficas

A COR DA CULTURA, **Livros Animados**, DVD 1 e 3, 2006.

ADAMS III, H. H. African and African-american Contributions to Science and Technology, PPS. **Geocultural Base Line Essay Series**, S-1 – S133.

ARRUDA-GATTI, I.C. de; SILVA, F.A.C. da; VENTURA, M.U. Responses of Diabrotica Speciosa to a Semiochemical Trap Characteristics. **Brazilian Archives of Biology and Technology**, Curitiba, v. 49, n.6, p. 975-980, 2006.

DE SMET, P. A. G. M. Traditional Pharmacology and Medicine in Africa: Ethnopharmacological Themes in Sub-Saharan Art Objects and Utensils. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 63, p. 1-179, 1998.

FILGUEIRAS, T.S.; PEIXOTO, A.L. *Flora e vegetação do Brasil na Carta de Caminha*. **Acta Botanica Brasilica**, São Paulo, v. 16, n.3, p. 263-272, 2002.

FONSECA, D.J. **Vovó Nanã vai à escola**. São Paulo: FDT, 2009.

FUSCONI, R. RODRIGUES FILHO, G. 2007. *O berimbau como pressuposto para o ensino de biologia segundo a Lei nº 10.639/03*. In: **Anais do III seminário Racismo e Educação & II seminário Gênero Raça e Etnia**: desafios para a formação docente. Universidade Federal de Uberlândia, MG. ISBN 978-85-7078-173-4.

FUSCONI, R. **A diversidade microbiana na biotecnologia e na Lei federal nº 10.639/03**. Minicurso. XXII Semana Científica de Estudos Biológicos, Universidade Federal de Uberlândia, 2010.

GUSSON, E. **Uso e diversidade genética em populações naturais de biriba (*Eschweilera ovata* [Cambess.] Miers):** subsídios ao manejo e conservação da espécie. 91p. Dissertação (Mestrado em Agroecossistemas) – ESALQ, Universidade de São Paulo, 2003.

MANICA, A.; AMOS, W.; BALLOUX, F; HANIHARA, T. The Effect of Ancient Population Bottlenecks on Human Phenotypic Variation, **Nature**, v.448, p.346-348, 2007.

ONGOL M.P. ASANO K. Main Microorganisms Involved in the Fermentation of Ugandan Ghee. **International Journal of Food Microbiology**, 133, p.286–291, 2009.

PLOWDEN, C.; UHL, C.; OLIVEIRA, F.A. The Ecology and Harvest Potential of Titica Vine Roots (*Heteropsis flexuosa*: Araceae) the Eastern Brazilian Amazon. **Forest Ecology and Management**, v.182, p. 59-73, 2003.

PRANDI, R., **Mitologia dos Orixás**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

QUEIROZ, M.A. de. *Conservação e desenvolvimento de cucurbitáceas no Nordeste brasileiro.* In: ENCONTRO DE GENÉTICA DO NORDESTE. Anais. Teresina: UFPI, p.69, 1993.

SHAFFER, Kay. **O berimbau-de-barriga e seus toques**. Rio de Janeiro: Funarte, 1977.

SHERBY, O. D. WADSWORTH, J. Ancient Blacksmith, the Iron Age, Damascus Steels, and Modern Metallurgy, **Journal of Materials Processing Technology**, v. 117, p. 347-353, 2001.

WONG, K. O encontro de uma nova espécie, **Scientific American Brasil**, nº 37, p. 16-19, 2010.

DESCONSTRUINDO A INVISIBILIDADE: RAÇA E POLÍTICAS DA CULTURA VISUAL NO BRASIL E NA AMÉRICA DO SUL[1]

ESCASSEZ DE RESPEITO E RECONHECIMENTO

Julio Cesar de Tavares

Prefiro ver este documento como um '**working paper**' que resulta de um estudo mais vasto e que abre portas para a reflexão sobre relações raciais, mídia e o imagináro nacional brasileiro, que pouco encontra, no âmbito acadêmico, espaço para seu desenvolvimento.

A ausência de um pensamento crítico e de construção pós-colonial nos reporta ao que pode ser denominado "a metáfora da ausência do Pai". Desse nó, intuo que suceda a crise de identidade nacional, a crise de projeto de futuro, a **escassez de respeito** e o **déficit de reconhecimento** da civilização e da população descendente de africanos em nossa história social. Como a história brasileira é protagonizada de maneira suprema pelos lugares e agenciamentos indo-europeus que atravessam os numerosos equipamentos da máquina do Estado (o direito, a educação, a medicina etc.), segue, daí, a importância de se discutir o lugar do *Herói*[2] de face negra, bem como projetos de educação afirmativa. A reparação deste lugar de falta pode, assim, operar como símbolo da referência da autoridade moral e da modelação exemplar e pedagógica da jornada do sujeito. Para que isto ocorra, é imprescindível a promoção de uma "quebra" na organização dos valores da vida cotidiana e no modo de ver o mundo no Brasil.

A noção que aqui defendo como fundamental, e para a qual poderíamos assentar uma orientação vigorosa na reflexão sobre mídia e direitos humanos, aponta para um programa de ações que implemente um projeto de "alfabetização audiovisual"

---

1 Este texto é uma adaptação do artigo "Deconstructing Invisibility: Race and Politics of Visual Culture in Brazil and South America", publicado originalmente na Revista *African and Black Diaspora: An International Journal*, 3: 2, 137-146. disponível em: http://dx.doi.org/10.1080/17528631.2010.481924

2 (N.E.) O autor refere-se à série de televisão Heróis de Todo Mundo, exibida pelo Canal Futura e parte integrante do projeto **A Cor da Cultura**, de valorização da cultura afro-brasileira e africana.

em articulação com uma "pedagogia cívica". Em ambos, destacam-se os trabalhos de revelação do reconhecimento e do respeito como ferramentas cognitivas no trato dos fenômenos da alteridade, isto é, da diferença na elaboração do jogo de linguagem na cultura visual existente.

As consequências desse entendimento e a aplicação radical destes dois conceitos-ideias, **reconhecimento** e **respeito**, introduzem a urgência da atividade de **descolonização do modo de pensar** e da contenção da supremacia imagética e cultural indo-europeia, significante fator na ampliação da democracia e na limitação do colonialismo cognitivo e mental.

Foi como resposta à crescente crítica a este monopólio indo-europeu da produção da imagem midiática que foi produzida a série **Heróis de Todo Mundo** do projeto **A Cor da Cultura**, veiculada pelo Canal Futura, com a obrigação de provocar uma "reparação" no imaginário dos afro-brasileiros, projetos nos quais participei como consultor, em 2006.

Em nossa definição, o herói é ilustrado como uma construção social, cuja distinção está localizada em uma série de eventos que implicam uma jornada vitoriosa. É claro que a "jornada do herói" também implica uma apreciação a partir de um lugar social e civilizacional. Dessa forma, o que é distinto para um grupo social não se torna distinto para outros; o que é relevante para o Ocidente não é para a África.

Joseph Campbell[3] ou Sigmund Freud[4], importantes analistas da presença dos heróis nas mitologias, nunca levaram em conta os heróis com face africana. Apenas os gregos, símbolos da civilização ocidental, são reconhecidos como forjadores de heróis. Que se abra uma ressalva: Carl Jung, que jogou com as mitologias e as simbologias de múltiplas civilizações, cerca de 80 mil narrativas. Como pode ter sido desclassificada uma trajetória de magnífica **força existencial**, enriquecida de episódios que poderiam ser ilustrados tão fortemente como se interpenetrando e se dissolvendo nos outros? É o que acontece com a história da diáspora africana, por exemplo, que, em vários episódios, poderia ser considerada como parte de uma narrativa mitológica e heróica, tais como: "Captura na África", "Horrores da escravidão", "Sopros de rebelião e revolta", "Promessa de liberdade quebrada", "Cerco ao racismo",

3 Campbell, Joseph. *Historical Atlas of World Mythology*. New York: Harper & Row, 1988

4 Freud, fundador da psicanálise, usa todo o material simbólico greco-judaíco-cristão para a análise de seu método. Os heróis e mitos que utiliza são, sobretudo,pertencentes à cultura grega. E, até hoje, a mitologia africana ou a heroica trajetória dos descendentes de africanos quando enunciada, é imediatamente diluída na argumentação da vitimologia.

"Permanente luta por liberdade e justiça"[5]. E assim vai...

Em qualquer cultura, o papel reservado ao "herói" é o de soldar, selar e promover o sentido dos valores, dos princípios, da determinação, do pertencimento e da integridade de um determinado grupo. Dessa forma, heróis e mitos são fatos sociais articulados em histórias que contribuem para a cura das almas de quem assume o seu pertencimento a uma determinada etnia, no interior de uma sociedade. Se lidos (e transcritos visual ou literariamente) com a devida propriedade, a jornada dos heróis, com os mitos e/ou histórias que os constituem, permite que posicionemos nossas próprias vidas, fornecendo as referências para nossos relacionamentos com as forças fundantes de nossas sociedades. Do mesmo modo, os heróis de face negra nortearam vidas, forneceram referências. Por meio de projetos políticos para a fundação de uma comunidade, nação ou civilização, promoveram a personificação e a articulação dos sujeitos sociais. É o herói o "Pai" social. E, como Pai, ele pode tanto estar para o Bem ou para o Mal, como estar para além do Bem e do Mal. Portanto, erguer o herói de face negra, no Brasil, defender o seu espaço no panteão dos símbolos históricos e identificar a importância de sua presença e as razões de seu apagamento é parte importante da tarefa de desconstrução da invisibilização promovida pelas instituições e pelo Estado, no Brasil e América Latina.

O Estado brasileiro: supremacia étnica no campo do simbólico

Sobre a "alma" do Estado brasileiro, a quem imputamos a responsabilidade por esse apagamento da representação negra, devemos tecer alguns comentários:

> a — O Estado brasileiro, nascido há quase cinco séculos, tem se caracterizado por sustentar a supremacia do grupo étnico indo-europeu-caucasiano, preservar seus privilégios, bem como limitar a representação dos grupos étnicos afrodescendentes, indígena e de todos os grupos subalternizados no contexto simbólico e administrativo do país.
>
> b — Essa supremacia se configura por meio de variados mecanismos de exclusão genocida de natureza econômica, política e cultural e que resultam de atividades origi-

5 Os estágios acima foram sugeridos por Clyde W. Ford, ao argumentar contra o etnocentrismo ocidental que exclui e interdita a possibilidade de se pensar a força da mitologia e dos heróis "negros" no simbólico dos africanos e seus descendentes. Ver Ford, Clyde W, *The Hero with an African Face: Mythic Wisdom of Traditional Africa*, New York Bantam Book, 2000, pp. vii.

nadas em áreas que tradicionalmente cooperam com a elaboração da arquitetura do Estado brasileiro, como o direito, a medicina, a engenharia, a polícia e, mais recentemente, os sistemas de Comunicação Social[6]. É neste último campo que verificamos as formas mais organizadas, sofisticadas e perversas dos recalcamentos, conforme nos ilustra a experiência da televisão. Em geral, ela ordena as fantasias que representam o que de pior pode ser caracterizado acerca do humano e que é projetado, em seguida, como traços do comportamento do negro[7]. Conforme Gislene A. dos Santos, as recorrentes noções que se somaram na constituição do perfil racializado e desqualificado do homem negro são: inferioridade, vagabundagem, incompetência[8].

c — Na verdade, esses traços são as recorrências do imaginário nacional, presentes desde o fato mais marcante da história colonial, que é o encontro do império lusitano com o africano e a invenção do "outro", fundamento da própria condição colonial.

d — A operação da supremacia que se estabelece promove uma profunda *injustiça cognitiva*, a ausência de qualquer ensinamento que reconheça, respeite e qualifique moral, emocional e culturalmente o universo afro-brasileiro e o incorpore de modo efetivo e não excepcional, ao imaginário nacional. É dessa injustiça cognitiva que advém o profundo recalcamento dos mecanismos de identidade dos sujeitos pertencentes aos grupos étnicos subordinados. Recalcamentos que se encontram centrados no desrespeito às singularidades culturais e religiosas, às experiências civilizatórias e às autodefinições que tornaram efetiva a construção do Brasil.

e — Resultado: a formação de um racismo naturalizado como cultura, reproduzido e confirmado em atos de cordial assentimento e ambivalente cumplicidade (o compadrio cognitivo ou o pacto narcísico[9]) que percorrem toda a história deste país. Tal racismo se configura através dos estereótipos da sexualidade e da desumanização do sujeito afro-brasileiro, como parte do apagamento da memória e da condição da pessoa afro-brasileira e, consequentemente, de parte da própria memória nacional.

6 Quando mencionamos "Comunicação Social", referimo-nos, aqui, a todos os veículos, inclusive música e corpo em movimento, a dança. Porém, nos últimos anos, alguns trabalhos conseguiram focar os mecanismos racistas e etnocêntricos na mídia eletrônica, destacando-se SODRÉ, Muniz. *Claros e escuros: identidade, povo e mídia no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1999; RODRIGUES, João Carlos. O negro brasileiro e o cinema. Rio de Janeiro: Pallas, 2001 e ARAÚJO, Joel Zito. *A negação do Brasil: o negro na telenovela brasileira*. São Paulo: Editora Senac, 2000. Na música e sobretudo na dança, as pesquisas no âmbito da identificação dos estereótipos encontram-se assustadoramente subdesenvolvidas, apesar da circulação mercadológica do conceito "música negra" e "dança afro".

7 Ver o caso das telenovelas em ARAÚJO (2000), op. cit.

8 SANTOS, Gislene Aparecida dos, *A invenção do ser negro: um percurso das ideias que naturalizaram a inferioridade dos negros*. São Paulo: Pallas, Fapesp, 2002, pp. 119.

9 BENTO, Maria Aparecida Silva, Branqueamento e branquitude no Brasil. In *Psicologia Social do Racismo: Estudos sobre branquitude e branqueamento no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002, pp. 25-57.

f — O Estado nunca se posicionou claramente diante da dor deste outro. Em vez de lutar pelo bem-estar social, mediar e cultivar o amor e a justiça entre todos os cidadãos, como é o seu papel, ele cultiva um etnocentrismo aplicado com o propósito da desculturação e desapropriação do patrimônio cultural[10].

g — Como o racismo é um sistema social, um modo de organização da vida, da política, do espaço territorial e da cultura, o pior que nos acontece é o diagnóstico doentio que dele se herda, como é o caso da alma do povo brasileiro[11]. Urge uma intervenção política no plano psíquico da população brasileira, com especial ênfase na população negra e afrodescendente, com o propósito de sinalizar a resposta para essa tragédia.

h — E como a cultura das mídias desempenha um papel poderoso neste processo, é nesta instância que o segmento televisivo passa a desempenhar importante papel na veiculação de um projeto que tenha como objetivo semear uma pequena parte desta intervenção, direcionada em um duplo ataque: (1) ataque à mentalidade do colonialismo interno e a seus veículos de difusão (a mídia eletrônica), lugar plural da difusão de hábitos e da ideologia, alvo prioritário para a quebra das injustiças no reconhecimento da cultura do outro, que se inicia na escolha da linguagem e do discurso do profissional de comunicação; (2) ataque na direção de um novo regime de realidade, que promova a autoconfiança e o autorrespeito da população negra para neutralizar a segregação permanente no campo visual e a disseminação de estereótipos.

i — A bem da verdade, somente nos dias atuais podemos identificar pequenos passos nessa direção. Reconhecemos que as ameaças à supremacia indo-europeia cresceram desde 1996, isto é, nos últimos quinze anos. O fato deve-se ao crescente movimento de consciência da subalternidade nas populações que assumiram a luta contra o desrespeito para tornarem-se sujeitos ativos no interior de nações que as mantinham invisibilizadas.

j — Neste caso brasileiro, essa influência ganha força com a população jovem, negra, desempregada e sem condições de aperfeiçoamento profissional para enfrentar um mercado de trabalho com exigência de crescente qualificação. Com o tráfico de dro-

10 "Com esta política teve início o "embranquecimento" do Brasil, em meio a conjuntura pós-abolição da escravatura. Era como se o poder da sociedade oficial "branca" do Império e da República temessem a mudança das relações sociais num país cuja maioria da população é negra e mestiça" in LUZ, Marco Aurélio. *Cultura negra e ideologia do recalque*. Rio de Janeiro: Achiemé, 1983, pp. 68.

11 Como sustentação dessa ideia, apresento um excerto muito significativo de Fanon: "O negro tem duas dimensões. Uma com o seu semelhante, outra com o branco. O comportamento de um negro em relação ao branco é diverso do seu comportamento em relação a outro negro. Que esta passividade é consequência direta da aventura colonialista, ninguém duvida E que se alimentou, principalmente, no âmago das diversas teorias que quiseram fazer do negro o lento desenvolvimento do macaco até o homem, ninguém contesta". In FANON, Frantz, *Pele negra, máscara branca*. Rio de Janeiro: Fator, 1983, p. 92.

gas crescendo e recrutando boa parcela da população jovem para os seus diferentes níveis de ocupação, o retrato do caos só adquiriu maior amplitude.

k — Outro aspecto digno de nota é que desde a Conferência de Durban, em 2001, constata-se uma considerável produção intelectual resultante de políticas de ações afirmativas que, apesar de dispersa, formula uma consistente crítica ao racismo brasileiro. Situação, que, por uma outra vertente, constata o lado mais oculto da globalização, como a extensão das lutas de populações nas fronteiras das leis, como ciganos, negros, índios, gays etc.

Presente e atitude visual

1) Presentificação e incorporação: memória explícita e implícita[12]

Falar dos aspectos que marcam nossa contemporaneidade é falar de uma civilização da imagem, de uma civilização que recorre à imaginação figurativa para se relacionar ou imitar os objetos, quer sejam percebidos por meio da visão ou de outros sentidos (som, tato etc.). Podemos dizer que é a partir do presente vivido e experienciado que são emanadas as condições que constituem a memória do sujeito, de onde os elementos da identidade serão forjados. Com efeito, também é no presente vivido que são forjados os filtros visuais, os modos pelos quais as noções e formulações que recortam os registros midiáticos são construídos e operados.

Imagem, aqui, requer uma definição que reinstitui esta condição contemporânea e dá relevância ao fenômeno da percepção humana[13]. Desse modo, poderemos considerar, ao menos, quatro níveis de percepção da imagem: a) as imagens propriamente ditas, que identificam pessoas (fotos de identidade, de família); b) imagens de imagens, como a foto de uma cena televisiva, a foto de uma foto, de um quadro ou de um evento. Aqui, classificamos qualquer reprodução de uma representação gráfica; c) as imagens de não imagens: créditos dos artistas, técnicos e direção de um filme que mantém relação com as imagens das citadas metáforas visualizadas — cabelo em pé, arrepio; d) não imagens de imagens, índices, como descrições ver-

12 RECE, Arthur, RHIANON

13 Allen and REBER, Paul J. Implicit versus Explicit Learning. In *The Nature of Cognition*, Bostoon: The MIR Press/1999, pp. 475-514.
Esta noção aparece articulada à ideia de "percepção" em PONTY, Maurice Merleau. *Fenomenologia da percepção*. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1971. Na obra de Ponty, percepção compreende a articulação como um fato psíquico em diálogo com a experiência do sujeito e que parte do que o autor supõe ser um pensamento total ou pensamento orgânico.

bais, gestuais, sonoras de imagens[14].

Podemos falar de imagens visual, acústica, tátil, olfativa. Mas a existência de imagens requisita a percepção de elementos, tais como a forma, o movimento e a percepção humana, que só se tornam possíveis quando há um sujeito receptor para receber a mensagem visual. Uma imagem, seja de que natureza for, deve ser interpretada e/ou incorporada para que possa ser percebida. O fenômeno interpretativo e/ou incorporativo implica uma série de operações de seleção, relevância, esquematização, condensação e, em suma, manipulação. É nesse processo que se cria o universo do sentido do que se deseja transmitir, que será particularizado conforme o universo semântico e a experiência da audiência. Sem esses protocolos de constituição/transformação do significado da imagem, não há representação, aqui entendida como a possibilidade de apresentação da memória explícita. Poderá, no entanto, existir a formação de uma memória implícita, aquela que não se encontra formulada na consciência imediata, mas que, de forma invasiva, aloja-se no campo simbólico, coopera na cadeia de significantes (imagens que sombreiam a formação dos sentidos) e se manifesta na edificação do imaginário[15].

Por vezes, os contornos dos elementos dessa memória foram denominados de subliminares, por não terem sido elaborados de forma consciente e intencional, mas que, por força dos significantes que ostentam, penetram e permanecem de maneira epidêmica, isto é, comunicativa. Sim, nos remete a uma epidemia, porque a comunicação na abordagem que defendemos se opera através de uma transmissão emotiva dos sentimentos gerados pelos referidos contornos subliminares da informação. Sendo assim, a comunicação forma-se no resultado da combinação dos elementos de realidade que são compostos e agregados às imagens, juntamente com as interpretações e/ou incorporações de quem as promove e as elabora.

Configuradas como sistemas de informações (implícitos ou explícitos) e acessadas em rede pela memória dos atores, que interagem na condição de receptores, as imagens são interpretadas e/ou incorporadas a partir do repertório conceitual e das referências que eles possuem, quer das experiências sociais, quer da história pessoal. Portanto, as imagens nunca serão assimiladas pela audiência da mesma forma pela qual foram emitidas. Algumas vezes, o que é emitido na rede de agentes disponíveis para a recepção como algo ingênuo e descompromissado poderá ser

---

14 CASASÚS, José. *Teoria da imagem*. Rio de Janeiro: Salvat Editora, 1979.

15 Remeto aqui à ideia de sombra e imaginário em JUNG, Carl. Chegando ao inconsciente. In *O homem e seus símbolos*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1964, pp. 168-77.

interpretado ou incorporado de maneira negativa e desqualificadora.

Chegamos, aqui, ao ponto central deste tópico, especialmente porque me permite considerar o argumento de Walter Benjamim[16], centrado na defesa da necessidade de se compreender a história como uma composição de imagens. Ideia essa que identifica as imagens como expressões de processos vivenciados e historicamente constituídos, que se projetam nas experiências implícitas e explícitas realizadas pelos sujeitos. Vê-se, aqui, como resultante desse argumento, a efetiva influência da mídia eletrônica sobre as identidades (raciais, sexuais, geracionais e étnicas) como um desafio extremo de responsabilidade social. Mesmo quando se considera identidade como um fenômeno móvel e não fixo, poderá existir uma poderosa influência na sua formação, devido à interpelação da mídia na cultura identitária e à força simbólica por ela constituída.

Revela-se, pois, que o aspecto invasivo da mídia visual, mesmo em situações específicas, acaba sendo tirânico, como no caso da "guerra santa" deflagrada pelas igrejas evangélicas contra as religiões e teologias afro-brasileiras. Problema que deve ser considerado como crucial, pois o volume de informações processadas neste oceano visual pode, sem dúvida, acarretar situações de cunho bastante irresponsável. Se essas imagens não forem submetidas a um controle ético-político, aquelas informações serão capazes de desenvolver territórios e mesmo mapas cognitivos absolutamente distorcidos, estereotipados e desrespeitosos em relação ao projeto cultural que se pretende reerguer.

As imagens produzidas pelos meios de comunicação correspondem ao modo de ver o mundo daqueles que as editam e as trabalham tecnicamente. Pouco se tem feito na garantia de que os mecanismos de aplicação de protocolos de reconhecimento e respeito promovam uma representação construída sem estereótipos do modo de encarar o mundo.

É possível uma transmissão sem contaminação de subjetividades? É possível garantir à audiência uma visão capaz de valorizar e reforçar a autoestima e autoconfiança do cidadão?

No Brasil, uma conscientização da presença do colonialismo e do exclusivo foco no universo ocidentalizante, permanentemente a nos contaminar, tem crescido, mas

16 Uso aqui os comentários de Buck-Morss, Susan em "Dream World of Mass Culture: Walter Benjamin's Theory of Modernity and Dialectics of Seeing" In *Modernity and The Hegemony of Vision*, Editado por David Michael Levin, Berkely: University of California Press, 1993, pp. 309-338.

ainda está atrofiada. Age-se, em geral, como o peixe que não se dá conta de que está totalmente envolvido pela água e a ela está completamente atado (em estado de enação). Assim como ele, naturalizamos este ambiente comunicativo e o evocamos como elemento banal de nossa vida ordinária. A trama dessa supremacia ocidental é tamanha que qualquer comentário contrário a ela terá que lidar com os mantenedores da teia, imediatamente alçados, em cadeia reativa, como resposta e suporte do ambiente midiático. Deste modo, cremos que a luta pelo direito à autoestima e à autoconfiança deve ser considerada como uma luta por justiça, uma luta pela apresentação da imagem do mundo e do modo de vida de populações outras que necessariamente distinguem-se da origem ocidental. Essa é a luta pela condição da pessoa e pela cidadania e, simultaneamente, pela quebra dos laços de dominação mental.

O oceano de imagens que envolve e constitui nosso cotidiano conduz-nos a um conjunto fechado de opiniões, apreciações, considerações e pensamentos emanados, de certo modo, deste mesmo oceano. Trata-se de um ciclo vicioso. Importa, pois, admitir que a vida social, hoje, realiza-se em um aquário cujo panorama é o ambiente eletronicamente midiatizado[17]. Ainda mais: para demonstrar como esse oceano imagético tem sido ainda mais agressivo e pernicioso, a partir dele são transmitidas e disseminadas narrativas em séries de imagens contaminadas pelos estigmas e estereótipos gestados no imaginário colonial e, em especial, sobre os grupos subalternizados. Refiro-me, de maneira mais ampla, às imagens que emergem em formas individuais ou coletivas. Elas são evocadas por determinados grupos de indivíduos e resultam do treino cultural a que foram submetidos, indicando gestos e movimentos, maneira de se vestir, etc. A situação torna-se um tanto mais complexa por não existirem em número suficiente intelectuais públicos, tampouco especialistas, que prontamente pudessem interpelar no campo da discussão sobre representação da imagem do negro.

Identidades arquitetam e proliferam conceitos acerca de um grupo e disseminam os estereótipos a eles imputados, a partir das marcas singulares (e denotativas) de um determinado gesto, movimento ou imagem. Este tem sido, sem dúvida, um processo universal do capitalismo, pois, quanto mais se fala em multiculturalismo, tanto mais intenso é o exercício do racismo e dos estereótipos, o que, por outro lado, torna a

17 GITLIN, Todd. *Media Unlimited: How the Torrent of Images and Sounds Overwhelms our Lives*. New York: Henry Holt and Company, 2002, pp. 12-70.

prática do respeito na mídia mais visível e necessária.[18]

2) Elite midiática

Mas este processo não ocorre solitariamente. Existem profissionais e pensadores atuando na produção de efeitos de realidade, uma nova elite, que, concretamente, ronda o mundo: a elite midiática. Trata-se de uma elite intelectual, diferenciada pelo seu acesso aos meios de comunicação e que vem se constituindo do mesmo modo que a tecnocracia e a burocracia nas fases preliminares do capitalismo: como organizadora das novas formas de regulação do trabalho. Advinda, em sua predominância, de estratos médios e letrados da sociedade, sem um significativo investimento crítico e herdeira das visões de mundo das elites tradicionais, a elite midiática atua em grande parte movida pelo *glamour* de um refinado conhecimento tecnológico dos sistemas de transmissão e comunicação, em aliança com a espetacularização da vida cotidiana e a pasmaceira intelectual vigente nessa etapa neoliberal do capitalismo pós-tudo. Graças a esse conhecimento e ao capital intelectual envolvido (sua maior expertise está na capacidade de elaborar sínteses e colar ideias que podem se reverter em imagens-em-movimento em contextos de hiper-realidade), essa elite pode criar nas imagens e símbolos os mecanismos de sedução que, em geral, preservam as simbolizações. Deste modo, automaticamente assegura a reprodução dos estereótipos do imaginário colonial e independe de seus desejos e intencionalidades.

É assim que ocorre porque, em todo sistema educacional brasileiro, processa-se uma filosofia que incorporou de maneira quase que arquetípica, um olhar que dessubstancializa relações de equidade social e naturaliza a experiência subjetiva dos agentes (a moral, os princípios éticos, a compaixão, a justiça).

Predomina uma não ruptura com a mentalidade colonial que se viabiliza porque a moral e a imaginação dessa elite se desenvolveram com base em uma educação eurocentrada, alimentada pela ilusória e monolítica noção de modernidade. Ao pertencer ou se enquadrar nesse contexto cultural e epistêmico e reconhecer a modernidade na condição de plataforma única do *status quo* do conhecimento,

---

18 Três obras podem ser consideradas clássicas, nessa temática, por ousarem desconstruir as dimensões mais profundas da natureza e da prática dos regimes de representação dos estereótipos nos sistemas mediáticos, desde o momento em que essa discussão se instalou com consistência e de maneira interdisciplinar na Europa e nos Estados Unidos. FERGUSON, Robert, Representing *'Race': Ideology, Identity and the Media*. Arnold: London/New York, 1998; GANDY JR., Oscar H., *Communication and Race: A Structural Perspective*., Arnold: London/New York, 1998; e HALL, Stuart, editor de *Representation: Cultural Representations and Signifying Practices*. London: SAGE Publications, 1997.

essa elite nega o contraponto da modernidade no Brasil, seu óbice e corolário: a colonialidade. E, exatamente, aí reside o problema da visibilização da história, da cultura e da própria imagem do cotidiano, as tradições e as ancestralidades dos grupos que não são originariamente considerados modernos e ocidentais, isto é, 'educados' como tal. No cômputo final, a cultura veiculada pela mídia, em toda sua multivalência, reproduz, na ponta, os antigos esquemas coloniais: valoriza os conhecimentos da matriz em detrimento do conhecimento local.

Por uma pedagogia cívica

Voltamos a dizer que consideramos o racismo um sistema social, um modo de organização da vida, da política, do espaço territorial e da cultura. Uma forma de vida. Estriba-se nas práticas exclusionárias, geradoras de chances e oportunidades para os que dele se beneficiam. Consequentemente, a formação de uma crítica social sólida, hoje, no Brasil, deve trazer uma ação antirracista que reconheça a manifestação do racismo em todas as suas variáveis e versões, pois encontra-se, intensamente, enraizado e banalizado em sua prática no transcorrer dos séculos. Consolidou-se como forma de vida.

Os meios de comunicação, sobretudo audiovisuais, não escaparam a este processo. Por seu papel relevante, a mídia eletrônica, se usada como arma antirracista, poderá romper com a reprodução da estrutura sutil da injustiça social presente nos modos de ver, classificar, hierarquizar e conceituar a realidade, e que não promovem uma crítica afirmativa. A atuação do educador e do intelectual público neste cenário não deve permanecer restrita à tradicional sala de aula. Isto porque, se por um lado, os meios eletrônicos invadem a consciência coletiva com os seus produtos, por outro, geram um trabalho de alianças extremamente significativas junto aos agentes produtores dessa nova linguagem e representação. Com este trabalho de aliança, estabelece um exercício de promoção coletiva da transmissão de uma cultura, o que se entende por pedagogia cívica. Pedagogia que se assenta na transmissão articulada de conhecimentos oriundos de várias áreas do conhecimento com a finalidade de promover os direitos e a consciência dos cidadãos, no exercício da crítica e da atitude com o propósito de revelar e superar estigmas, estereótipos e discriminações de toda ordem.

Enfim, existe em nós, há bastante tempo alojada, uma imagem e retórica de que somos excepcionalmente diferentes. Essa retórica da excepcionalidade reitera uma

ordem de estar no mundo, na qual se celebra o brasileiro em sua dissimulação da diversidade, no que redunda em uma óbvia injustiça cognitiva, em um desrespeitoso processo de aniquilação das diversas formas de conhecimento, ou, no dizer de Boaventura Souza Santos, em um epistemicídio. A ruptura com essa retórica significaria desconstruir a própria identidade do brasileiro cordial, o virtual contrato racial e seu corolário, a imperante prática de dissimulação nas interações sociais.

Uma pedagogia que se quer plural e intercultural deveria ter como agenda a prática de assumir como tarefa alcançar a meta da libertação cívica de todos os indivíduos.

A finalidade de um projeto pedagógico cívico é acima de tudo construir as bases, os valores e princípios que nos tornem convictos de que esta nação deve pertencer a todos os brasileiros e deve ser reconstruída com base em um projeto de educação centrado no compartilhamento e na troca entre todas as culturas e visões de mundo. Só assim se contribui de forma radical com o fortalecimento da cidadania, com o respeito aos direitos básicos dos indivíduos e com o conhecimento de mundo gestado por aqueles ignorados como pessoa.

Reinstala-se, nessa perspectiva, a multiplicidade dos sentidos, recupera-se a fala e a escuta do outro e, possivelmente, quebram-se com os efeitos de realidade que o virtual contrato racial impinge. O que se espera com esta reflexão é a motivação de uma prática humanista e, sobretudo, intercultural de reconstrução democrática da comunicação humana. Este deve ser o caminho para um projeto de pedagogia das mídias que amplie o panorama visual da nação.

Julio Cesar de Tavares é historiador e doutor em Antropologia pela University of Texas at Austin (1998); é professor-associado do Departamento de Antropologia e membro do Colegiado do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense.

O PROGRAMA ETNOMATEMÁTICA E AS POSSIBILIDADES DE IMPLEMENTAÇÃO DA LEI nº 10.639/03

Cristiane Coppe de Oliveira

Esse texto pretende discutir/refletir sobre as potencialidades de implementação da Lei nº 10.639/03 na prática docente, tendo como referencial teórico D'Ambrosio (2001), buscando subsídios no Programa Etnomatemática e nos eixos norteadores do PCN-Matemática para a temática da *Pluralidade Cultural*. Procura-se oportunizar um debate acerca do processo de ensino e de aprendizagem em Matemática, no que se refere ao conhecimento, reconhecimento e valorização das culturas africana e afro-brasileira, interligando Matemática, cultura e educação.

A temática *Pluralidade Cultural* busca a valorização e o respeito das características étnicas e culturais de grupos sociais diferentes de nosso país, oferecendo ao educando a possibilidade de uma leitura ampla da diversidade brasileira. Nesse sentido, tem-se que reconhecer e valorizar essa diversidade cultural do Brasil, atuando sobre a discriminação e a exclusão, buscando o pleno exercício da cidadania. No contexto da Educação Matemática, tem-se a possibilidade de pensar em um trabalho interdisciplinar que se apropria das ideias apontadas, por meio do Programa Etnomatemática. O programa envolve as questões étnico-raciais, no sentido de promover a discussão/reflexão das potencialidades de implementação da Lei nº 10.639/03 na formação continuada de professores. Diante dessa intenção, pode-se perguntar: como atuar na prática docente, com essa temática, se os professores de Matemática não foram capacitados em sua formação inicial? E mais: que caminhos podem ser utilizados para a efetivação da Lei nº 10.639/03 nas aulas de Matemática?

Ao longo do texto, serão apontadas sugestões de propostas didático-pedagógicas, dialogando com D'Ambrosio (2001), Gerdes (2010), Vergani (2000) e os valores civilizatórios afro-brasileiros apontados por Trindade (2006), buscando estabelecer uma ponte entre o preconceito racial e a Educação Matemática na prática docente.

O Programa Etnomatemática no contexto étnico-racial

O Programa Etnomatemática, segundo D'Ambrosio (2001), é um programa de pesquisa com óbvias implicações pedagógicas. Outros educadores matemáticos, como Frankenstein e Powell (1997) e Knijnik (1996), interpretam o termo, apontando-o como um programa de pesquisa que se desenvolve junto com a prática escolar, reconhecendo que todas as culturas produziram e produzem conhecimentos matemáticos. O Programa Etnomatemática considera relevante a inserção desses conhecimentos no currículo escolar para que possam ser contemplados e compreendidos em sua diversidade, considerando a visão da *Pluralidade Cultural*, apontada pelos PCN, à medida que

> *A temática da Pluralidade Cultural diz respeito ao conhecimento e à valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território nacional, às desigualdades e à crítica às relações sociais discriminatórias e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, oferecendo ao aluno a possibilidade de conhecer o Brasil como um país complexo, multifacetado e algumas vezes paradoxal (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997, p. 19).*

Nesse sentido, pode-se ver o Programa Etnomatemática como potencializador e dinamizador na implementação da Lei 10.639/03, que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 (LDB), incluindo no currículo oficial dos estabelecimentos de ensino básico das redes pública e privada a obrigatoriedade do estudo da história e da cultura afro-brasileiras. A lei não deve ser vista como uma nova disciplina ou metodologia a ser empregada, mas como a possibilidade de novos diálogos e novas posturas, a fim de se ter uma educação transformadora, em relação à discriminação étnico-racial, em todas as disciplinas do currículo escolar. Considera-se relevante a prioridade de aprofundamento dessa discussão, no que se refere à formação continuada do professor de Matemática, pois conforme apontam Costa e Oliveira (2010),

> *São recorrentes os discursos de que o ensino da matemática deve estar voltado para uma melhor compreensão da realidade, dos fenômenos sociais, do desenvolvimento da cidadania, contribuindo para com as transformações socio-históricas. Entretanto, cotidianamente, muitos professores de matemática consideram que, no ensino da disciplina, não lhes cabe explorar questões de importância fundamental, tais como os preconceitos raciais e/ou culturais. Outros alegam que sua formação (tradicional) não contribui para que eles façam as necessárias associações entre conteúdos matemá-*

ticos e tais problemas. De fato, não são raros aqueles que manifestam o desejo, mas também as dificuldades de redimensionar suas ações, de modo a abrigar reflexões referentes à diversidade cultural e racial.

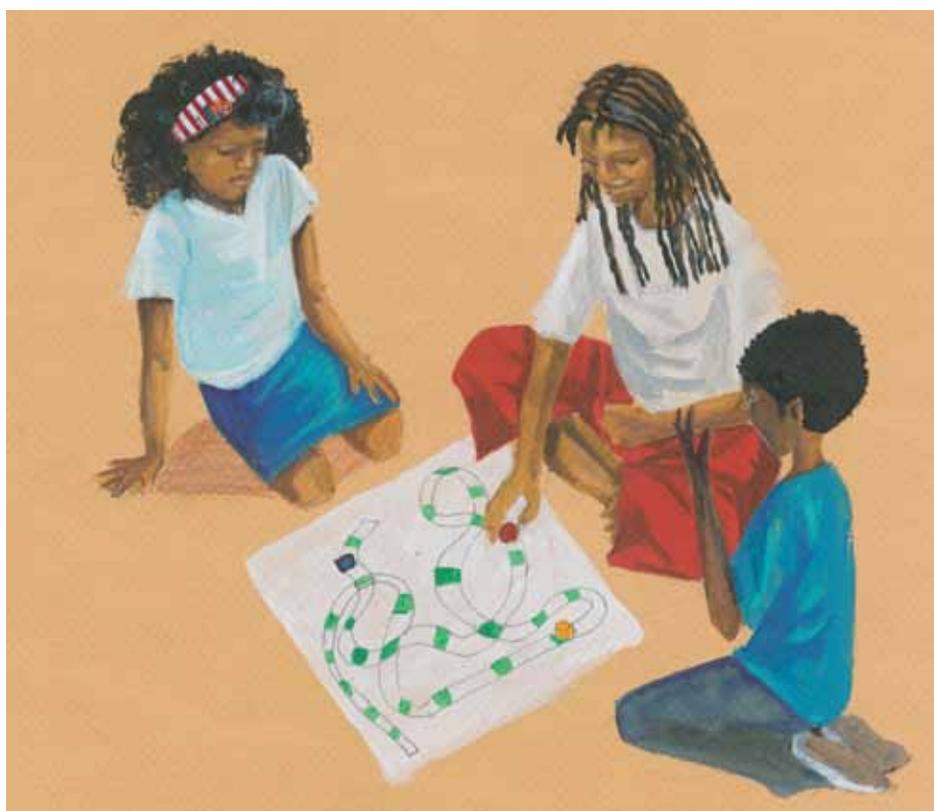
Nessa perspectiva, vê-se, por um lado, o fato de que a área de Matemática apresenta dificuldades em contribuir significativamente para a divulgação e valorização social da história e cultura africanas e afro-brasileiras. Por outro lado, vê-se a implementação da Lei nº 10.639/03 como uma medida importante que pode, além de modificar uma situação de racismo institucional, levar os alunos a perceberem as dimensões culturais, sociais e políticas da Matemática.

Possibilidades de implementação por meio de propostas didáticas

O estabelecimento de novos diálogos, no compasso do Programa Etnomatemática e das relações étnico-raciais, passa pela formação continuada do professor de Matemática, sob o olhar da interdisciplinaridade. O professor, principal interlocutor da Etnomatemática com outras disciplinas, deve considerar os fatos e os acontecimentos que fazem parte do ambiente cultural no qual o aluno vive, potencializando a imersão da cultura africana e afro-brasileira no espaço escolar. Justifica-se a necessidade e importância dessa postura ao se pensar na diversidade étnico-cultural na formação de professores, o que implica considerar os sujeitos e suas vivências nos processos históricos e socioculturais que ocorrem dentro e fora do contexto escolar.

Reconhece-se, tal como Costa (2009), que um conjunto de ideias, conhecimentos e fazeres — relativo à classificação, inferência, ordenação, explicação, modelação, contagem, medição e localização espacial e temporal — que se origina, vive e se renova a partir das necessidades que um grupo de pessoas sente de sobrevivência e transcendência, ocorre num contexto histórico e cultural indissociável da linguagem utilizada pelo grupo; dos códigos de comportamento adotados; das práticas sociais; dos valores; dos mitos e ritos; dos conhecimentos modificados ou apreendidos por meio da dinâmica cultural do encontro; das relações de poder que se estabelecem entre o grupo e a natureza, entre as pessoas do próprio grupo e entre o grupo e outros grupos; da arte e da religiosidade do próprio grupo, bem como de outros conhecimentos e manifestações culturais compartilhados coletivamente.

Nesse contexto, nas teorizações de D'Ambrosio (2001), Gerdes (2010), Vergani (2000), e nas relações que podem se estabelecer entre os valores civilizatórios afro-brasileiros *ludicidade, memória, ancestralidade* e *oralidade* apontados por Trindade (2006), apresentam-se propostas didático-pedagógicas de Matemática que podem ser trabalhadas em sintonia com os eixos norteadores dos PCN-Matemática, no que se refere à valorização da diversidade **étnico**-cultural.

Uma proposta pode conduzir para as temáticas *ludicidade, memória e Matemática*. Com o intuito de propiciar aos educandos da escola básica a oportunidade de conhecerem, reconhecerem e ressaltarem o valor civilizatório afro-brasileiro *ludicidade*, interligando Matemática, cultura e educação, propõe-se a utilização dos "Jogos alinhados". O educador pode iniciar o desenvolvimento da proposta falando que a *ludicidade*, na cultura afro-brasileira, representa a capacidade de brincar e de jogar. Trindade (2006) considera que a *ludicidade* encontra-se na perspectiva a favor da vida, da humanidade, da sobrevivência. A alegria frente ao real, ao concreto, ao aqui e agora da vida. Apesar dos povos de cultura africana terem sido arrancados brutalmente de sua terra, não perderam a capacidade de sorrir, brincar e jogar.

O educador pode ressaltar que os jogos do tipo "Três alinhados" foram descobertos no continente africano. E que os egípcios, que acreditavam na vida após a morte, levavam para seus túmulos objetos que apreciavam, entre eles os jogos. Os jogos do tipo "Três alinhados" têm como objetivo colocar três peças na mesma linha. Após a explanação desse contexto histórico, pode-se optar pelo jogo **Tsoro Yematatu** ("jogo de pedra jogado com três") do Zimbábue, no sul da África.

O educador deve orientar a confecção do tabuleiro (pode ser de cartolina, papel colorset ou papelão) e das peças dos jogos (que podem ser tampas de garrafas). Essa etapa pode ser explorada para trabalhar conceitos específicos da geometria plana. Com o tabuleiro, por exemplo, pode-se enfatizar que o triângulo é isósceles, ou seja, tem dois lados com a mesma medida. Outro conceito que pode ser trabalhado é a altura do tabuleiro (triângulo) que o divide ao meio. Para fazer os outros traçados do tabuleiro, utiliza-se o ponto médio dos lados de mesma medida. Alunos devem ser orientados, ainda, sobre as regras do jogo e seus objetivos com as seguintes informações:

> Tsoro Yematatu
> Objetivo: *alinhar três peças de mesma cor em uma única linha.*
> Número de jogadores: *2 (dois)*
> Como jogar: *os jogadores selecionam os pontos para colocar sua peça, revezando as jogadas entre eles. O vencedor será o primeiro que conseguir alinhar as três peças. Caso nenhum jogador consiga alinhar as peças, elas poderão ser movimentadas, alternadamente, até que um dos jogadores atinja o objetivo do jogo.*

Esta proposta, além de trabalhar o valor civilizatório afro-brasileiro *ludicidade,* aponta para um outro valor — a *memória* que, segundo Trindade (2006), mostra que o povo negro carrega uma memória da nossa história que está submersa, escondida pelo racismo, que precisa ser descortinada, desenterrada.
Outra proposta é trabalhar com os ***Sona*** (contos ilustrados de Angola). Essa proposta ganha força pelas teorizações de Gerdes (2010), ao afirmar que

> *Em diversos ambientes culturais, em todos os continentes, mulheres e homens têm sentido um imenso prazer em decorar objetos, em criar formas e padrões. Um prazer artístico-matemático. Prazer este que tantas vezes na educação matemática tem tão pouca chance de brotar nos(as) alunos(as)...*

O educador deve iniciar o desenvolvimento da proposta perguntando aos educandos quem já fez desenhos na areia. Depois, deve remeter à figura do AKWA KUTA

SONA, guardião da tradição do povo *tshowe* em Angola. Essa figura nos remete ao valor civilizatório afro-brasileiro *ancestralidade*, considerando que "o passado, a história, a sabedoria, os olhos dos/das mais velhos/as têm uma dimensão de saber-fazer, de quem traz o legado" (TRINDADE, 2006). Este valor se intercruza com a *oralidade,* outro valor civilizatório afro-brasileiro em que os saberes são compartilhados e legitimados com o poder da fala.

As histórias contadas pelos guardiões da tradição são ilustradas com desenhos gráficos na areia — Sonas. Estes gráficos possuem formas geométricas específicas em uma única linha que envolve todos os pontos do traçado. Os sonas angolanos configuram a ideia de simetria (que está relacionada à harmonia e à proporção), conceito que pode ser trabalhado em vários níveis de ensino. De acordo com os PCN-Matemática (1997), os objetivos de trabalho com este tema são: identificar simetria em figuras planas, sensibilidade para observar simetria na natureza, nas artes, nas edificações e transformação de uma figura no plano por meio de reflexões, translações e rotações.

Nesse sentido, o educador pode solicitar ao educando que reproduza em papel A4 o **sona** da figura A, com uma única linha que envolva os pontos. Após a reprodução da figura, solicita que ela seja recortada e dobrada ao meio. O educador deve formular perguntas explorando as semelhanças geométricas percebidas, formalizando o conceito de simetria a partir da atividade investigativa proposta.

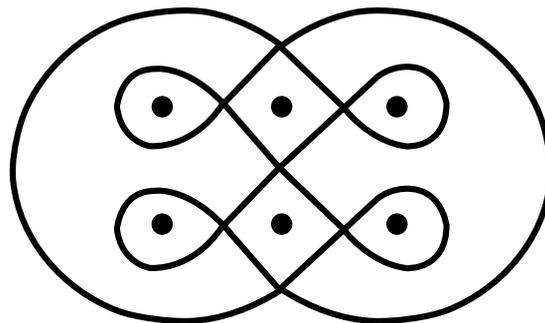



Figura A

Considerações finais

No contexto da Educação Básica, muitos professores de Matemática não conseguem oferecer uma resposta positiva em relação à lei. Afirmam não se sentirem preparados para assumir essa tarefa ou, simplesmente, concebem que ao ensino de Matemática não cabe discutir questões como preconceitos raciais e culturais.

Na tentativa de transformar tais posturas, espera-se que, a partir dessas reflexões, a obrigatoriedade da inclusão da história e cultura africanas e afro-brasileiras nos currículos escolares contribua para um planejamento do processo de ensino e de aprendizagem da Matemática.

Acredita-se, ainda, que a Lei nº 10.639/03 pode ser implementada nas aulas de Matemática com outras propostas didático-pedagógicas que ressaltem outros valores civilizatórios afro-brasileiros nos conhecimentos de matriz africana. Essas propostas podem ser alicerçadas pela afirmação de Vergani (2000), em que ressalta a importância de uma educação etnomatemática, lidando com a inteireza racional, psíquica, emocional, social e cultural do homem, em uma postura criativa que ecoa a diferentes níveis e segundo diferentes graus de profundidade, superando o desequilíbrio causado pela fragmentação disciplinar, contribuindo para a transformação positiva do mundo. Nesse sentido, pode-se pensar em uma Educação Etnomatemática para as relações étnico-raciais, a favor da valorização da cultura e das ciências de matriz africana, atuando sobre a discriminação e a exclusão, buscando o pleno exercício da cidadania.

Cristiane Coppe de Oliveira é mestre em Educação Matemática pela Unesp e doutora em Educação pela Feusp.

Referências bibliográficas

BRASIL/MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL/MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais**: matemática. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1997.

COSTA, W.N.G. As histórias e culturas indígenas e as afro-brasileiras nas aulas de matemática. **Educação em Revista** (UFMG), v. 25, p. 175-197, 2009.

COSTA, W.N.G.; OLIVEIRA, C.C. Educação Matemática e preconceitos raciais: as culturas africana e afro-brasileira na sala de aula. In: **Anais do X Encontro Nacional de Educação Matemática**. Salvador: SBEM, 2010.

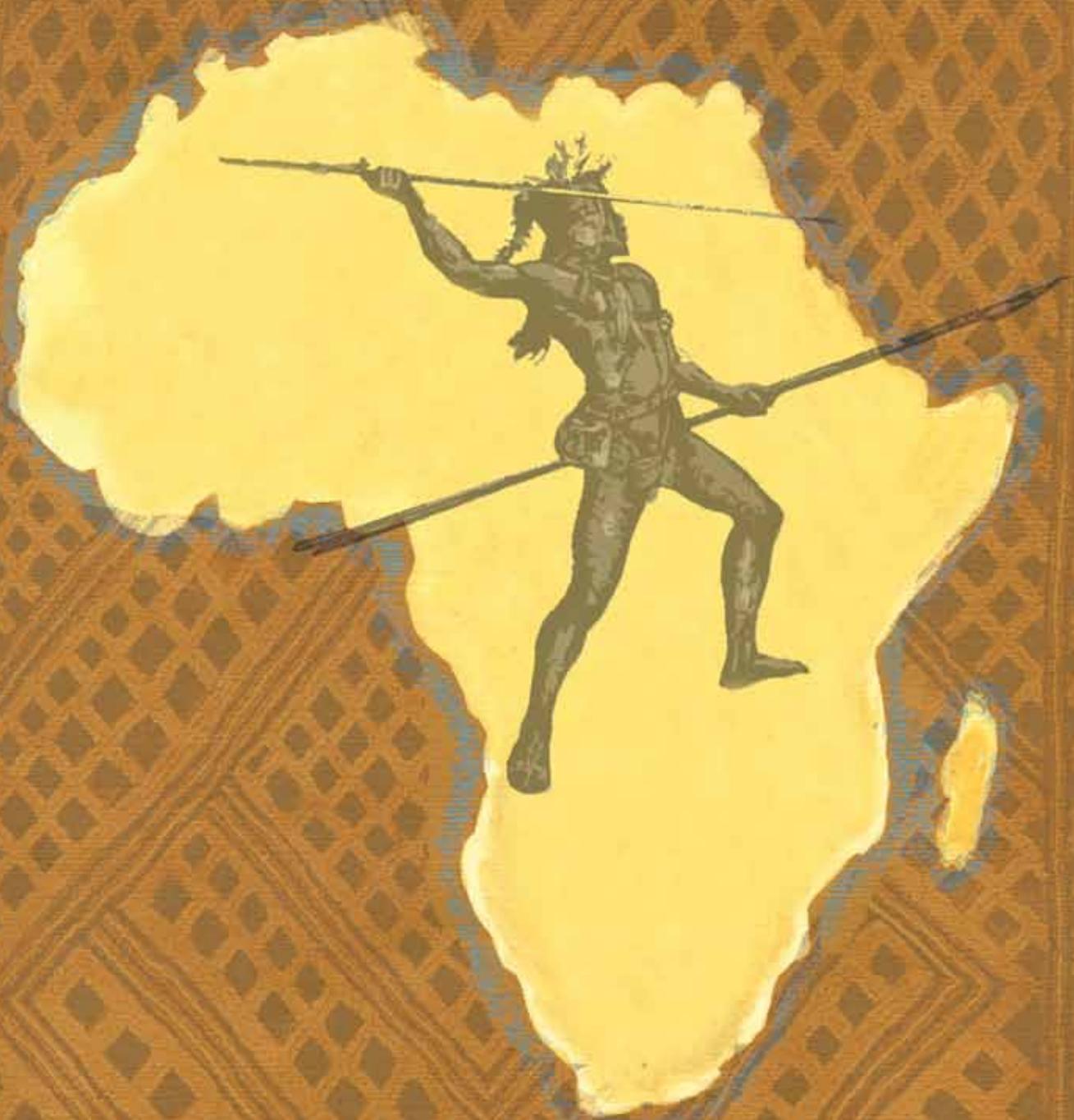
D'AMBROSIO, U. **Etnomatemática**: elo entre as tradições e a modernidade. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FRANKENSTEIN, M; POWELL, A. **Ethnomatematics**: Challenging Eurocentrism in Mathematics Education. Albany: State University of New York Press, 1997.

GERDES, P. **Da Etnomatemática à arte-design e matrizes cíclicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

KNIJNIK, G. **Exclusão e resistência**: educação matemática e legitimidade cultural. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

TRINDADE, A.L. Em busca da cidadania plena. In: **Saberes e fazeres**, v.1: Modos de Ver. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

VERGANI, T. **Educação Etnomatemática**: o que é? Lisboa: Pandora, 2000.

EDUCAÇÃO BÁSICA COMUNIDADES REMANESCENTES DE QUILOMBOS

Maria Auxiliadora Lopes

O preconceito racial existente na sociedade brasileira tem dificultado a realização de estudos sobre as condições socioeconômicas e culturais dos diferentes grupos étnicos que compõem a população do país. Em decorrência desse fato, alguns grupos enfrentam problemas que determinam sua marginalização e o difícil acesso aos benefícios sociais. Podemos citar, no enfrentamento deste quadro, as comunidades remanescentes de quilombos.

Para um melhor entendimento do que são os remanescentes de quilombos, o Decreto nº 4887/03 estabelece que:

> *Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a opressão histórica sofrida.*

Segundo dados da Fundação Cultural Palmares (2010), existem, no Brasil, em todas as unidades da Federação, exceto no Acre, em Roraima e em Brasília, 1.436 comunidades remanescentes de quilombos certificadas.

Os estados com maior número de comunidades remanescentes de quilombos são Maranhão (318), Bahia (308), Minas Gerais (115) Pernambuco (93) e Pará (85).

Partindo do princípio de que as comunidades remanescentes de quilombos possuem dimensões sociais, políticas e culturais significativas, com particularidades no contexto geográfico brasileiro, tanto no que diz respeito à localização, quanto à origem, considera-se a necessidade de ressaltar e valorizar as especificidades de cada comunidade, quando do planejamento de ações voltadas para o seu desenvolvimento sustentável.

Quadro 1 — Número de Comunidades Certificadas / Ano

Nº	UF	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	TOTAL
1	MA	163	43	27	27	45	6	7	318
2	BA	37	59	121	25	37	21	8	308
3	MG	9	29	40	12	17	7	1	115
4	PE	5	47	9	18	11	3	0	93
5	PA	19	8	39	19	0	0	0	85
6	RS	10	5	11	9	6	7	24	72
7	MT	0	56	2	4	0	1	2	65
8	AL	0	11	8	3	1	27	0	50
9	SP	1	16	14	9	3	0	0	43
10	PI	2	7	22	2	0	5	0	38
11	PR	1	6	23	4	0	0	0	34
12	PB	1	7	14	1	5	4	1	33
13	ES	5	7	19	0	0	0	0	31
14	GO	2	6	7	3	3	3	0	24
15	TO	1	5	9	0	1	4	3	23
16	CE	2	5	7	2	1	3	2	22
17	RJ	4	5	5	1	2	1	0	18
18	MS	0	11	3	2	1	0	0	17
19	RN	2	2	7	5	0	1	0	17
20	AP	0	4	7	0	0	2	3	16
21	SE	2	5	8	0	0	0	0	15
22	SC	3	1	2	0	0	3	0	9
23	RO	1	4	2	0	0	0	0	7
24	AM	0	0	1	0	0	0	0	1
	TOTAL	270	349	407	146	133	98	51	1.454
	Informações atualizadas até 24/03/2010								

Fonte: INEP – Censo 2009

Conforme o Relatório da Situação da Infância e Adolescência Brasileira, UNICEF 2003, 31,5% das crianças quilombolas de sete anos nunca frequentaram bancos escolares; as unidades educacionais estão longe das residências e as condições de estrutura são precárias, geralmente as construções são de palha ou de pau a pique; poucas possuem água potável e as instalações sanitárias são inadequadas. O acesso à escola para estas crianças é difícil, os meios de transporte são insuficientes e inadequados e o currículo escolar está longe da realidade destes meninos e meninas. Raramente os alunos quilombolas veem sua história, sua cultura e as particularidades de sua vida nos programas de aula e nos materiais pedagógicos. Os professores não são capacitados adequadamente, o seu número é insuficiente para atender a demanda e, em muitos casos, em um único espaço há apenas uma professora ministrando aulas para diferentes turmas.

A questão da terra tem sido o principal obstáculo à implementação de políticas públicas destinadas às comunidades remanescentes de quilombos e motivo de perpetuação dos históricos conflitos pela posse e uso da terra.

De acordo com o censo escolar realizado em 2009, nas Comunidades Remanescentes de Quilombos existem 200.510 alunos que são atendidos por 10.001 professores, atuando em 1.693 escolas. Chama a atenção que 61,59% das matrículas estão concentradas na Região Nordeste.

Região UF	Número de escolas	Número de funções docentes	Matrículas totais	Percentual sobre matrículas totais
Centro-Oeste	80	581	10.232	5.1%
Goiás	42	197	3.117	1.6%
Mato Grosso	34	346	6.394	3.2%
Mato Grosso do Sul	4	38	721	0.4%
Nordeste	1.020	5.710	123.367	61.5%
Alagoas	15	179	4.173	2.1%
Bahia	295	1.997	52.955	26.4%
Ceará	22	142	3.707	1.8
Maranhão	501	2.268	40.997	20.4%
Paraíba	21	170	2.693	1.3%
Pernambuco	82	472	10.508	5.2%
Piauí	44	167	2.663	1.3%
Rio Grande do Norte	17	73	1.456	0.7%
Sergipe	23	242	4.215	2.1%
Norte	316	1.383	29.767	14.8%
Amapá	19	148	2.215	1.1%
Pará	275	1.066	23.497	11.7%
Rondônia	7	72	2.130	1.1%
Tocantins	15	97	1.925	1.0%
Sudeste	202	1557	23.551	11.7%
Espírito Santo	17	96	1.524	0.8 %
Minas Gerais	138	911	13.313	6.6 %
Rio de Janeiro	21	423	7.232	3.6 %
São Paulo	26	127	1.428	0.7 %
Sul	75	770	13.593	6.8 %
Paraná	18	183	3.257	1.6 %
Rio Grande do Sul	48	544	9.461	4.7 %
Santa Catarina	9	43	875	0.4 %
Brasil	1.693	10.001	200.510	100.0 %

Fonte: INEP – Censo 2009

Pesquisas realizadas pelo Ministério da Educação, no exercício de 2008, em escolas localizadas nas comunidades remanescentes de quilombos, em municípios dos estados da Bahia, do Maranhão e de Minas Gerais apontam a necessidade da implementação de políticas públicas para estas comunidades. Apresentamos algumas recomendações que devem balizar o trabalho de educação nas comunidades:

1. revisar a perspectiva ideológica da formulação de currículos, respeitando os valores culturais dos alunos da comunidade;

2. atualizar regularmente o Censo Escolar com dados sobre alunos, professores e prédios das comunidades remanescentes de quilombo;

3. criar Unidade Executora nos estabelecimentos escolares para que professores, alunos e pais possam participar da decisão da execução do Programa Dinheiro Direto na Escola, onde isso for possível;

4. criar e manter mecanismos de aquisição de gêneros alimentícios, oriundos da própria comunidade quilombola, respeitando os hábitos alimentares, além da viabilização do transporte destes gêneros alimentícios até as escolas;

5. fomentar a participação de representantes das comunidades quilombolas nas instituições que realizam o controle social, como o Conselho do FUNDEF, o Conselho da Alimentação Escolar e outros;

6. orientar gestores, diretores, professores, servidores em geral na elaboração do PPP das escolas;

7. oferecer aos professores cursos de formação inicial e continuada relacionados à Educação das Relações Étnico-raciais, de forma regular, face ao desconhecimento, comprovado nesta pesquisa, da Resolução nº 1/2004 e do Parecer 03/2004;

8. rever a estratégia de produção (tiragem) e de distribuição do material didático produzido pelo SECAD/MEC sobre a temática, para que realmente alcance o objetivo de chegar a todas as escolas das comunidades remanescentes de quilombos do Brasil.

As políticas de promoção da igualdade racial são meios eficazes de eliminar as taxas de desigualdade, pois uma educação de qualidade nas escolas quilombolas pode ser o passo principal para o respeito e valorização das identidades culturais do Brasil, de acordo com o Parecer CNE/CP nº 03, de 10 de março de 2004, e a Resolução (CNE/CP) nº 01, de 17 de junho de 2004.

Maria Auxiliadora Lopes é graduada em Pedagogia e História e mestre em Educação. Desde 2003, trabalha na SECAD/MEC na área de políticas públicas, exercendo atividades de planejamento, elaboração, avaliação e acompanhamento de projetos, em especial voltados para a educação das relações étnico-raciais.

OLHAR COM OLHOS DE APRENDER: RELIGIOSIDADE AFRO-BRASILEIRA

Larissa Oliveira e Gabarra

> *"E foi aí que eu descobri toda a recriação,*
> *toda a reelaboração, toda reconstrução que a gente*
> *fez aqui no Brasil das tradições, das religiosidades*
> *de matrizes africanas. Coisas essenciais a gente mantinha.[1]"*

Nossa Senhora do Rosário foi encontrada pelos escravos numa loca. Os escravos contaram para seu Senhor sobre a moça bonita que estava na gruta e que precisava ser resgatada. O Senhor, então, arrumou sua banda de música e foi ao seu encontro, mas ela nem ligou, não sorriu, não olhou. Os escravos pediram para tentar e o Senhor deixou. Primeiro, vieram os congos, eles foram à mata, fizeram instrumentos com os troncos das árvores e o couro de boi; ela ouviu aquela música e sorriu, exalou um cheiro delicioso, se mexeu, mas quando estava chegando cá fora, voltou. Então, vieram os moçambiques vestidos de branco, sem sapato, pediram ajuda dos marinheiros, que eram jovens muito fortes, e sem dar as costas para a moça conseguiram tirá-la da loca. Os brancos quiseram colocá-la numa igreja muito rica, grande, mas à noite ela fugiu de novo para a gruta. Então, o Senhor se convenceu de que ela queria ficar mesmo na capela que os escravos tinham construído para ela. E foi assim que Nossa Senhora do Rosário escolheu o tambor como forma de oração[2]. Esse é o mito da Nossa Senhora do Rosário fundador do congado de Minas Gerais. Como todo mito, essa é uma história sobre o povo brasileiro que ganhou autonomia na boca das pessoas. Segundo Jan Vansina, especialista em história oral e tradições da bacia do rio Congo, "toda história como construção do passado é, com certeza, um mito"[3]. A história da moça branca que prefere os tambores dos africanos à banca

---

1 PINTO, Makota Valdina. Participação na mesa Ubuntu Pensamento Africano para o Mundo. In: Integração de mundos. Disponível: www.viamagia.org/centro/caderno/port/caderno_003.pdf

2 Essa versão do mito de Nossa Senhora do Rosário refere-se às que foram coletadas durante pesquisa desenvolvida desde 2000 com os congadeiros do Triângulo Mineiro e Alto Paranaíba.

3 VANSINA, Jan. Apud. MACGAFFEY, Wyatt. Crossing the River: Myth and Movement in Central Africa. International Symposium: Angola on the Move: Transport Routes, Communication and History. Berlin 24-26 de setembro de 2003, p. 1.

dos brancos, como maneira de oração é um registro do passado dos afrodescendentes mineiros. Contada no intuito de explicar suas origens é, consequentemente, a história da chegada dos africanos no Brasil e das tradições dos seus antepassados.

O congado é uma manifestação católica e afro-brasileira, em louvor a Nossa Senhora do Rosário e a São Benedito, e em homenagem aos reis e rainhas Congo. Para alguns, é uma religião, para outros, uma celebração. Importa, nesse momento, entendê-lo como uma expressão cultural repleta de símbolos religiosos e históricos que se completam. O congado não é o único ritual afro-brasileiro que através da sua religiosidade apresenta uma história — outros, como candomblé, maracatu, lundu, catimbó, tambor de criola, calango, capoeira, umbanda também têm suas formas de registrar o passado, ao dialogar com o universo religioso.

A religiosidade brasileira perpassa a ideia de religião, mas também de uma maneira de estar no mundo; e, portanto, de pensar o passado. Por isso, é possível identificar a riqueza de saberes e fazeres ancestrais, que circulam nos ambientes de religiosidade, e não necessariamente em templos espirituais, igrejas, ou terreiros. O que se pretende destacar nesse artigo é que, para além de doutrinas religiosas, a religiosidade significa a ligação com a vida e o cosmo que a criança em formação recebe e que o adulto mantém e desenvolve ao longo da vida. Nesse sentido, religiosidade é base de sustentação da visão de mundo de alguém ou de um grupo, faz parte da herança cultural das pessoas. Dialogar com a religiosidade afro-brasileira e suas inúmeras maneiras de se expressar culturalmente é procurar compreender as visões de mundo e as histórias ali presentes e representadas.

Esses universos são ensinados em casa, entre familiares, entre os amigos íntimos, entre os entes queridos, desde a tenra idade, na maioria das vezes, através de histórias transmitidas oralmente de geração a geração. É uma aprendizagem lenta, cheia de detalhes e experiências, que ajuda a construir a identidade da pessoa, o seu lugar no mundo e a maneira de olhá-lo e compreendê-lo. Segundo Makota Valdina Pinto, "é o ontem que vai servir como raiz, como sustentação. Senão, a gente vai perguntar quem eu sou? E não vai saber dizer (...). Eu tenho que saber quem sou eu. Eu tenho que saber a minha marca pra poder me ver também na marca do outro[4]". Por isso, quando somos de fora e fomos criados a partir de outra maneira de ser e estar no mundo, chegamos perto para observar e participar e não entendemos toda a simbologia que ali está presente. Somos confrontados com o diferente, podemos

4 PINTO, Makota Valdina; op.cit.

aprender com ele ou criar explicações próprias para justificar o que observamos. A segunda opção está muito próxima do que chamamos de reafirmar um pré-conceito. Se nos ativermos a esses símbolos como uma maneira de contar uma história, procurando desvendá-los, nos permitindo ver com o olho de aprender, podemos aprender em vez de rejeitar.

O congado é composto por vários grupos, denominados ternos, cada um tem sua própria indumentária e ritmo e se coloca em posições diferentes na procissão dos santos. Nesse momento, revivem o mito: logo atrás dos andores, encontram-se o rei e rainha Congo, depois sua corte, os moçambiques, atrás os soldados, os congos, e por último os marinheiros. Cada detalhe que os distingue tem um significado, através deles, é que se identifica quem são os moçambiques, quem são os congos e quem são os marinheiros. A partir do mito sabemos que os marinheiros são os mais jovens, os congos os que chegaram primeiro e os moçambiques os que chegaram por último, carregando o conhecimento necessário para marcar o tambor como forma de oração. Por isso, no ritual, os moçambiques vêm perto da santa, os congos logo atrás e, por último, os marinheiros protegendo a retaguarda.

Complementar a essa estrutura funcional do ritual, outras questões históricas podem ser apontadas. Congos e moçambiques denominam também (além de grupo de congado) localidades africanas que participaram do comércio negreiro. Congo era um antigo reino que teve seu auge nos séculos XV ao XVII. Seu rei mani Congo dominava mais cinco regiões[5], constituindo um território que hoje vai do litoral norte de Angola ao litoral sul do Gabão. Esse reino forneceu escravos para os portos brasileiros durante todos os quatro séculos do período escravagista e seu rei Afonso I, em 1503, negociou as regras desse comércio diretamente com o Vaticano, mantendo certa independência dos portugueses. Já Moçambique era, nesse período, uma pequena ilha no litoral do que hoje conhecemos como o país Moçambique, na África oriental. Essa região só forneceu escravos em larga escala para o Brasil durante o século XIX[6]. Portanto, conforme o mito, os moçambiques foram os últimos a chegar às novas terras. Os congos conheciam as artimanhas de negociação com os brancos e com a Igreja nas suas terras natais e, nas novas terras, instalados há pelo menos dois séculos, souberam utilizá-las para homenagear seu rei e rainha Congo.

---

5 VANSINA, Jan. *Journal of African History, IV, I (1963)*, 33-38. Apud. FELIZ, Marc Leo, MEUR, Charles, BATULUKISI, *Niangi. Art & Kongos*. Bruxelles: Van Eeckhoudt Sprl., 1995, p.36.

6 FLORENTINO, Manolo. *Em costas negras. Uma história do tráfico atlântico de escravos entre a África e o Rio de Janeiro (século XVIII e XIX)*. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 1995.

A história mais óbvia que o mito do congado pode nos mostrar é muitas vezes aquela que não enxergamos. Quando lemos novamente o mito, percebemos que os heróis não são os brancos e sim os negros. Essa é uma história sobre o período escravocrata em que os brancos não venceram. Os grandes protagonistas são os negros, escravos, que venceram a disputa pela santa com seus senhores e assim afirmaram sua identidade diante do poder senhorial.

Por meio de documentação diocesana da época é possível respaldar a história oral e entender que a vitória dos escravos sobre seus senhores, em certa medida, existiu através das Irmandades dos Homens Pretos. No período escravocrata, os africanos, na maioria os oriundos da costa Congo-Angola, constituíam Irmandades Leigas de Nossa Senhora do Rosário e São Benedito[7] que serviram de instituições regulamentadoras do cotidiano nas capitais e freguesias do interior e eram como braços expandidos da burocracia governamental[8]. Enquanto essas ordenavam e davam assistência social aos escravos e libertos, as Irmandades de São Francisco de Assis, Casas de Misericórdia, entre outras, ordenavam e davam assistência aos fazendeiros e comerciantes. As Irmandades de Nossa Senhora do Rosário e de São Benedito dos Homens de Cor também se organizavam em torno do rei Congo, eleito internamente, e criavam estratégias para alcançar a liberdade de expressão de sua religiosidade, e também do cativeiro, conquistando a própria alforria[9].

A criança inserida no universo congadeiro aprende religiosidade e história ao mesmo tempo. Desde pequena, ouve uma história em que os negros venceram, cria certa referência sobre o protagonismo dos africanos e descendentes no Brasil, diferente da maioria das histórias oficiais que irá aprender durante sua vida. Sua identidade e posicionamento no mundo serão diferentes dos de outra criança que não tenha essa oportunidade. Outras tradições religiosas também trazem elementos importantes para a formação da criança e dos jovens no cotidiano familiar. No cotidiano escolar não cabe uma visão religiosa dessas tradições, mas cabem e devem ser aproveitados os saberes desses rituais para a aprendizagem dos protagonismos negros. Isso pode ser feito via uma visão histórica, ou via uma visão artística, no caso das produções dos artefatos e estilos estéticos incorporados nas indumentárias para contar outro lado da história e desenvolver a autoestima do afrodescendente.

---

7 SOARES, Mariza de Carvalho. *Devotos da cor. Identidade étnica, religiosidade e escravidão no Rio de Janeiro*, séc. XVIII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000, p. 139.

8 Cf. BOSCHI, Caio Cesar. *Os leigos e o poder (Irmandades e política colonizadora em Minas Gerais)*. São Paulo: Ática, 1986.

9 Afirmação feita por Eduardo SILVA em palestra feita por ocasião das comemorações dos 120 anos da abolição. Rio de Janeiro: Irmandade do Rosário, 2008.

Os conhecimentos presentes nas tradições religiosas têm uma maneira própria de ser ensinados. A oralidade é acompanhada pela experiência e a aprendizagem vai se registrando na mente e também no corpo. Cabe lembrar que esses ensinamentos foram conservados em lugares especiais e, como diz Tzamarenda Naychapi, "onde ninguém pode explorar nem explodir, (...) vamos guardá-lo no sentimento; (...) no pensamento; (...) nos sonhos, no universo[10]". Aquilo que chamamos de religiosidade afro-brasileira está nos detalhes mais simples das raízes da nossa cultura e foi aprendido na vivência. Por isso, é compreensível que as heranças africanas de mais de três séculos ainda persistam nos rituais de hoje em dia. Para aqueles que guardam suas tradições nos sentimentos "não é necessário fazer um estudo de 50 anos para ser sábio"[11]. São aqueles que não desenvolveram essa habilidade de guardar relíquias nos pensamentos e nos sonhos que precisam, muitas vezes, de um estudo para entender a grandiosidade da sabedoria nas tradições.

Uma das ideias da Lei nº 10.339/03[12] é que possamos saber quem somos, já que parte de nossa história foi silenciada. Nos séculos de escravidão a história foi escrita por aqueles que dominavam. Utilizando um ditado popular africano, "enquanto o leão não contar a sua história só conheceremos a história do caçador", é importante identificar a maneira como o leão registrou seu passado. O professor pode escrever junto com os alunos a história do leão, entendendo que foi no reviver os rituais, no ouvir os mitos fundadores, no fazer os adornos corporais, portanto, via oralidade e religiosidade, que o ontem ficou marcado no hoje das tradições. Olhar com olhos de aprender para essas tradições possibilita enxergar os detalhes simbólicos que nos contam a história e cultura dos africanos e dos seus descendentes no Brasil.

Entender que, para além das doutrinas religiosas, a religiosidade brasileira é diversa e rica em informações sobre nossa história é aprender com esses universos de matrizes africanas, sem necessariamente se converter à religião. O africano é parte da formação social do Brasil e conhecer, valorizar sua contribuição é essencial para nos sustentarmos no coletivo, como nação soberana e, individualmente, como pessoas. A educação formal precisa fazer intersecções com as culturas tradicionais para se tornar mais acessível, mais interessante, mais dinâmica e assim, mais democrática e inclusiva. Segundo Maria Rosa Torres, "não posso fazer 'educação para'

---

10 NAYCHAPI, Tzamarenda. Debate Procurando uma Identidade. In: Integração de mundos. Disponível: www.viamagia.org/centro/caderno/port/caderno_003.pdf

11 Idem.

12 Obrigatoriedade do ensino de história e cultura dos afrodescendentes e da África no Ensino Médio e Fundamental.

a democracia se não faço 'educação em' democracia"[13]. Ao ter outro olhar para a religiosidade afro-brasileira, o confronto com o diferente é profícuo e ensina que a individualidade de cada um, de cada grupo tem uma grande importância para a unidade do todo.

Larissa Oliveira e Gabarra é doutora em História Social da Cultura pela PUC-Rio, mestre em História Cultural pela Universidade Federal de Uberlândia e professora de História da África e Estágio Supervisionado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (Uerj).

13 TORRES, Rosa María. Debate Democracia, educação e participação cultural. In: Integração de mundos. Disponível: www.viamagia.org/centro/caderno/port/caderno_003.pdf

Guia - Modos de usar

Objetivo

O guia do acervo é uma ferramenta para o educador conhecer e navegar por todos os materiais A Cor da Cultura. Sua função é servir como um norte, possibilitando acesso rápido a todos os conteúdos do acervo, através de suas sinopses, palavras-chave e materiais complementares.

Boa consulta. Boa viagem.

O ACERVO É COMPOSTO POR

KIT I

CD Gonguê
Jogo Heróis de Todo Mundo
Coleção Saberes e Fazeres: Modos de Ver – vol. 1; Modos de Sentir – vol. 2; Modos de Interagir – vol. 3.
Glossário Memória das Palavras
Série **Livros Animados** – 03 DVDs
Série **Nota 10** – 02 DVDs
Série **Mojubá** – 03 DVDs
Série **Heróis de Todo Mundo** – 01 DVD

KIT II (complementar)

Coleção Saberes e Fazeres: Modos de Fazer – Vol. 4; Modos de Brincar – vol. 5
Série **Livros Animados** – 03 DVDs
Série **Nota 10** – 02 DVDs
Série **Mojubá** – 02 DVDs
Série **Heróis de Todo Mundo** – 01 DVD

Como consultar este guia

Neste guia, você encontra as seguintes informações:
1 títulos dos materiais pedagógicos do acervo
2 suporte utilizado (livro, DVD, CD ou jogo)
3 duração dos audiovisuais
4 localização dos materiais pedagógicos no acervo
5 sinopses dos materiais pedagógicos do acervo
6 palavras-chave
7 dicas de outros materiais do acervo que complementam o uso
8 referências bibliográficas

KIT 1

1. GONGUÊ

CD MUSICAL

DUR. 30 min

A música sempre foi um passaporte para a cultura brasileira se comunicar com o mundo.

Gonguê é um instrumento de origem africana, similar ao agogô, encontrado nas manifestações religiosas afro-brasileiras, e também é o nome deste CD que acompanha o kit **A Cor da Cultura**.

Como uma aula de música, o CD *Gonguê* apresenta um encarte com a imagem e a descrição de instrumentos de origem africana, divididos em quatro categorias — vime, couro, metal e madeira —, que são muito utilizados na nossa tradição musical. Além disso, na primeira parte do CD, chamada Tambores do Brasil, há uma suíte percussiva, em que estes instrumentos são apresentados um a um.

Complementa o *Gonguê* uma seleção de ritmos afro-brasileiros de Norte a Sul do país, utilizando os instrumentos selecionados.

Palavras-chave

Tradição; cultura; ludicidade; música

Utilize também

Mojubá I

Episódio 07 — Comunidades e festas

Heróis de Todo Mundo I

Episódio 07 — Jackson do Pandeiro

Episódio 17 — Paulo da Portela

Episódio 18 — Pixinguinha

Heróis de Todo Mundo II

Episódio 07 — Candeia

Livros Animados I

Episódio 03 — "Capoeira, jongo e maracatu"

Episódio 08 — 2 Bloco — "Berimbau"

Livros Animados II

Episódio 01 — 1 Bloco — "Os Ibejis e o Carnaval"

Episódio 04 — "Koumba e o tambor diambê" e "A menina e o tambor"

KIT 1

2. HERÓIS DE TODO MUNDO

DVD

2 min

1. **Auta de Sousa** — Literatura.
2. **João Cândido** — Política, cidadania.
3. **Francisco José Nascimento**, Dragão do Mar — Emancipação.
4. **Antonieta de Barros** — Feminismo, Política, educação.
5. **Lélia Gonzalez** — Luta antirracismo, influência da representação estereotipada do negro e do indígena na escola.
6. **Benjamim de Oliveira** — Artes.
7. **Jackson do Pandeiro** — Música e dramaturgia.
8. **Lima Barreto** — Literatura. Experiência do negro na sociedade brasileira.
9. **Milton Santos** — Academia.
10. **André Rebouças** — Luta abolicionista.
11. **Cruz e Souza** — Literatura.
12. **Machado de Assis** — Literatura.
13. **José do Patrocínio** — Luta abolicionista, visionário.
14. **Teodoro Sampaio** — Academia.
15. **Tia Ciata** — Resistência, musicalidade, culinária, sagrado e profano.
16. **Adhemar Ferreira da Silva** — Esporte, atletismo.
17. **Paulo da Portela** — Samba, autoestima, assimilacionismo.
18. **Pixinguinha** — Música, rádio.
19. **Mário de Andrade** — Vanguarda, modernismo, antropofagia.
20. **Elizeth Cardoso** — Música e discriminação.
21. **Chiquinha Gonzaga** — Música e luta abolicionista.
22. **Leônidas da Silva** — Futebol, esporte.
23. **Juliano Moreira** — Medicina, psiquiatria, humanização do tratamento mental.
24. **José Correia Leite** — Invisibilidade, imprensa, movimento negro.

continua ▶

KIT 1

25. **Aleijadinho** — Artes, Barroco brasileiro.
26. **Carolina Maria de Jesus** — Literatura.
27. **Zumbi dos Palmares** — Resistência quilombola, Dia da Consciência Negra
28. **Mãe Menininha do Gantois** — Religiosidade, discriminação religiosa, diversidade religiosa.
29. **Mãe Aninha** — Liberdade religiosa, respeito, resistência, política.
30. **Luís Gama** — Resistência e abolicionismo.

O objetivo da série é, principalmente, resgatar os afrodescendentes que marcaram a criação do nosso país com uma postura afirmativa de valorização para criar um impacto positivo no imaginário dos afro-brasileiros e dos brasileiros em geral. O trabalho com estes programas, portanto, é fundamental para romper com a injustiça histórica de invisibilização do universo afro-brasileiro. São 30 histórias de homens e mulheres, heróis e heroínas que, apesar das adversidades, deixaram para o país um legado.

Palavras-chave

Invisibilidade; memória; história

Utilize também

Jogo Heróis de Todo Mundo

Heróis de Todo Mundo — Série II

Livro

Saberes e fazeres — Modos de Ver — vol. 1

Saberes e fazeres — Modos de Interagir — vol. 2

3. JOGO HERÓIS DE TODO MUNDO

KIT 1

Jogo de perguntas e respostas. Contém cartas, tabuleiro e 30 personagens

Jogo educativo, elaborado a partir da temática afro-brasileira, tem como ponto de partida a história dos trinta **Heróis de Todo Mundo**. Divididos em seis grandes áreas de conhecimento (Esporte, Ciência e Tecnologia, História, Religião, Artes e Literatura) e com 1.500 perguntas, o jogo **Heróis de Todo Mundo** trabalha diferentes conteúdos, numa perspectiva transdisciplinar. Sabemos que **brincar é um dos caminhos mais eficazes para aprender**, porque libera nossas mentes ao dar gosto ao saber, com os temperos da alegria e da leveza.

Pode ser jogado de duas formas diferentes: no modo competitivo e no modo cooperativo, em que não há vencedores. O professor ou dinamizador pode optar por jogar utilizando a duração de uma aula ou a versão mais longa, ampliando o jogo para outras aulas e/ou disciplinas e ciclos.

Palavras-chave

Ludicidade; memória

Utilize também

Heróis de Todo Mundo

Série I e II

Livro

Saberes e fazeres — Modos de Interagir — vol. 3

Nota 10 I

Episódio 02 — Material didático

4. LIVROS ANIMADOS

DVD
27 min

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 1

DVD 1
1 Bloco – "O menino Nito"
2 Bloco – "Menina bonita do laço de fita"
É verdade que menino não chora? No primeiro programa da série **Livros Animados** vocês vão conhecer a história do Nito, um menino que chorava bastante. As crianças que participam do programa e a apresentadora Vanessa Pascale vão falar sobre as diferenças entre meninos e meninas. Falando em menina... A outra história do programa é sobre um coelho bem branquinho, que faz de tudo para ficar pretinho, como a menina que ele acha linda, "A menina bonita do laço de fita".

"O menino Nito", de Sônia Rosa. Ilustrações de Victor Tavares.

"Menina bonita do laço de fita", de Ana Maria Machado. Ilustrações de Claudius.

Palavras-chave
Diferenças; gênero; beleza

Utilize também
Livros Animados II
Episódio 02 – 1 Bloco – "Obax"
Episódio 04 – "Koumba e o tambor diambê" e "A menina e o tambor"
Episódio 05 – 1 Bloco – "Kofi e o menino de fogo"
Episódio 06 – 2 Bloco – "Cadarços desamarrados"
Epsiódio 08 – "Doce princesa negra"
Mojubá I – Episódio 01 - Origens
Mojubá II – Episódio 02 – Beleza
Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades
Episódio 04 – Corpo
Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 03 – Educação Quilombola
Episódio 04 – Identidade
Episódio 05 – Multidisciplinaridade
Episódio 06 – Arte

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Brincar – vol. 5

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 2

DVD 1
1 Bloco – "Bichos da África 1"
2 Bloco – "Bichos da África 2"
Eu vi um leão. Eu vi um leão e uma girafa. Este episódio se passa no zoológico. As crianças vão conhecer os animais que vieram da África, vão brincar de memória e de "leão fugiu". Para incrementar esta viagem teremos "A mosca trapalhona", "A tartaruga e o leopardo", "A moça e a serpente" e "O cassolo e as abelhas" dos livros "Bichos da África", de Rogério Andrade Barbosa.
"Bichos da África 1 e 2", de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Ciça Fittipaldi.
Palavras-chave
Oralidade; tradição; valores

Utilize também
Livros Animados II
Episódio 02 – 1 Bloco – "Obax"
Episódio 07 – 2 Bloco – "Três mercadorias muito estranhas"
Episódio 10 – 1 Bloco – "O marimbondo do quilombo"
Mojubá I
Episódio 01 - Origens
Mojubá II
Episódio 02 – Beleza

continua ▶

KIT 1

Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades
Episódio 04 – Corpo
Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 04 – Identidade
Episódio 03 – Educação Quilombola
Episódio 05 – Multidisciplinaridade
Episódio 06 – Arte

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Brincar – vol. 5

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 03

DVD 1
1 Bloco – "Capoeira, jongo e maracatu"
2 Bloco – "Os reizinhos do Congo"
Que lembranças temos da África? Com certeza, alegria é uma delas. Assim como o ritmo, a ginga, a capoeira, o maracatu, o jongo. Nesse episódio do **Livros Animados** vocês vão conhecer três livros da autora Sônia Rosa que mostram um pouco dessas heranças. E as crianças vão criar instrumentos, tocar, jogar capoeira... Também teremos a história do "Reizinho de Congo" que vai inspirar a brincadeira de rei da festa.
"Capoeira, maracatu e jongo", de Sônia Rosa. Ilustrações de Rosinha Campos.
"Os reizinhos de Congo", de Edmilson de Almeida. Ilustrações de Graça Lima.

Palavras-chave
Africanidades brasileiras; influências; manifestações culturais

Utilize também
CD Gonguê
Faixas 8 a 16

Heróis I
Episódio 15 – Tia Ciata
Episódio 17 – Paulo da Portela
Episódio 28 – Mãe Menininha do Gantois
Episódio 29 – Mãe Aninha
Heróis II
Episódio 06 – Ataulfo Alves
Episódio 07 – Candeia
Livros Animados II
Episódio 01 – 1 Bloco – "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 03 – 1 Bloco – "Menino parafuso"
Mojubá I
Episódio 04 – Influências
Mojubá II
Episódio 02 – Beleza
Episódio 04 – Tradição oral
Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 03 – Educação Quilombola
Episódio 04 – Identidade
Episódio 05 – Multidisciplinaridade
Episódio 06 – Arte

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Brincar – vol. 5

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 04

DVD 2
1 Bloco – "Contos africanos"
2 Bloco – "Como as histórias se espalharam pelo mundo"
Para falar sobre a África, que fica no além-mar, neste programa as crianças e Vanessa Pascale vão à praia. A primeira história é uma lenda africana sobre a eterna briga entre gato e rato, e a segunda é sobre um ratinho que conhece variadas culturas e locais do continente africano.
"Contos africanos", de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Maurício Veneza.

continua ▶

"Como as histórias se espalharam pelo mundo", de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Graça Lima.

Palavras-chave

Diversidade cultural; oralidade; biotecnologia

Utilize também

Heróis I

Episódio 15 — Tia Ciata

Episódio 29 — Mãe Aninha

Livros Animados II

Episódio 01 — 1 Bloco — "Os Ibejis e o Carnaval"

Episódio 02 — 2 Bloco — "Menino de argila"

Episódio 03 — 2 Bloco — "O colecionador de pedras"

Episódio 05 — 2 Bloco — "Uma ideia luminosa"

Episódio 06 — 1 Bloco — "A lenda do saci-pererê em cordel"

Episódio 07 —"Os três gravetos" e "Três mercadorias muito estranhas"

Episódio 09 — "Nzuá e a cabeça" e "Uma historinha africana"

Mojubá I

Episódio 01 — Origens

Episódio 04 — Influências

Episódio 05 — Literatura e oralidade

Episódio 07 — Comunidades e festas

Mojubá II

Episódio 01 — História e Geografia

Episódio 04 — Tradição oral

Episódio 05 — Famílias

Nota 10 I

Episódio 01 — África no currículo escolar

Episódio 02 — Material didático

Episódio 05 — Religiosidade e cultura

Nota 10 II

Episódio 01 — Educação Infantil

Episódio 03 — Educação Quilombola

Episódio 04 — Identidade

Episódio 05 — Multidisciplinaridade

Livro

Saberes e fazeres — Modos de Fazer — vol. 4 — Artigo: "Ciência e tecnologia e a Lei Federal nº 10.639/03", de Roberta Fusconi e Guimes Rodrigues Filho.

Saberes e fazeres — Modos de Brincar — vol. 5

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 05

DVD 2

1 e 2 Blocos — "Ifá, o adivinho"

O que é um Orixá? Um papagaio! Um cascalho! Um santo! Neste programa, as crianças tentam adivinhar o que é um Orixá e acabam conhecendo duas histórias de "Ifá, o Orixá adivinho".

"Ifá, o Orixá adivinho", de Reginaldo Prandi. Ilustrações de Pedro Rafael. Contos: "Como Ifá ganhou o cargo de adivinho" e "O adivinho que escapou da morte".

Palavras-chave

Religiosidade; visão de mundo

Utilize também

CD Gonguê

Faixas 1— "Tambores do Brasil", "Atabaque"

Heróis I

Episódio 28 — Mãe Menininha do Gantois

Heróis II

Episódio 02 — Vovó Maria Joana

Livros Animados II

Episódio 09 — 2 Bloco — "Uma historinha africana"

Mojubá I

Episódio 04 — Influências

Mojubá II

Episódio 04 — Tradição oral

Episódio 05 — Famílias

Nota 10 I

Episódio 05 — Religiosidade e cultura

continua ▶

KIT 1

Nota 10 II
Episódio 02 - Religiosidade

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Brincar – vol. 5
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigo: "Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira", de Larissa Oliveira e Gabarra.

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 06

DVD 2
1 Bloco – "A botija de ouro"
2 Bloco – "O presente de Ossanha"
A escravidão é um episódio muito triste da nossa História. Mas, graças aos escravizados que foram trazidos da África, aprendemos sobre culinária, danças, religiões, e nossa cultura ficou bastante enriquecida com este aprendizado. Neste programa, vamos conhecer duas histórias sobre este período.
"A botija de ouro", de Joel Rufino. Ilustrações de Zé Flávio.
"O presente de Ossanha", de Joel Rufino. Ilustrações de Maurício Veneza.

Palavras-chave
Escravidão; diferença; discriminação

Utilize também
Heróis I
Episódio 27 – Zumbi dos Palmares
Episódio 30 – Luís Gama
Heróis II
Episódio 12 – Luiza Mahin
Episódio 14 – Negro Cosme

Livros Animados II
Episódio 01 – 1 Bloco – "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 02 – 2 Bloco – "Menino de argila"
Episódio 03 – 2 Bloco – "O colecionador de pedras"
Episódio 05 – 2 Bloco – "Uma ideia luminosa"
Episódio 06 – 1 Bloco – "A lenda do saci-pererê em cordel"
Episódio 07 –"Os três gravetos" e "Três mercadorias muito estranhas"
Episódio 09 – "Nzuá e a cabeça" e "Uma historinha africana"
Episódio 10 – 1 Bloco – "O marimbondo do quilombo"
Mojubá I
Episódio 01 – Origens
Episódio 03 – Saúde e meio ambiente
Episódio 04 – Influências
Mojubá II
Episódio 01 – História e Geografia
Episódio 04 – Tradição oral
Episódio 05 – Famílias
Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Episódio 05 – Religiosidade e cultura
Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 02 – Religiosidade
Episódio 05 – Multidisciplinaridade

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Brincar – vol. 5
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigo: "Preto, pardo, negro, afrodescendente: as muitas faces da negritude brasileira", de Márcio André dos Santos.

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 07

DVD 3
1 Bloco – "Ana e Ana"
2 Bloco – "A Pirilampeia e os dois meninos de Tatipurum"
O tema deste programa é a diferença. E para falar sobre esta questão vamos mostrar a história

continua ▶

da Ana Beatriz e da Ana Carolina, gêmeas que, apesar de serem parecidas fisicamente, são bem diferentes. Também vamos ver a história dos meninos de Tatipurum que moram em extremos opostos da Terra.
"Ana e Ana", de Célia Godoy. Ilustrações de Fê.

Palavras-chave

Alteridade; diferença; identidade

Utilize também

Livros Animados II
Episódio 01 – 2 Bloco – "Adamastor e o pangaré"
Episódio 03 – 2 Bloco – "O colecionador de pedras"
Episódio 05 – 2 Bloco – "Kofi e o menino de fogo"
Episódio 08 – 2 Bloco – "O super-herói e a fralda"
Episódio 07 –"Os três gravetos" e "Três mercadorias muito estranhas"
Episódio 09 – "Nzuá e a cabeça" e "Uma historinha africana"
Episódio 10 – 1 Bloco – "O marimbondo do quilombo"
Mojubá I
Episódio 04 – Influências
Mojubá II
Episódio 01 – História e Geografia
Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades
Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 05 – Multidisciplinaridade

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Brincar – vol. 5
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigo: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes.

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 08

DVD 3
1 Bloco – "Bruna e a galinha d'angola"
2 Bloco – "Berimbau"
Se você pudesse guardar um tesouro para os netos, o que seria? As histórias deste programa falam sobre o passado. As crianças vão brincar de esconder presentes para o futuro e de transformar o velho em novo, fazendo brinquedos de sucata.
"Bruna e a galinha d'angola", de Gercilga de Almeida. Ilustrações de Valéria Saraiva.
"Berimbau", de Raquel Coelho.

Palavras-chave

Identidade; memória; quilombo

Utilize também

CD Gonguê
Faixas 6 – Apresentação de instrumentos de materiais combinados – Berimbau

Heróis I
Episódio 27 – Zumbi dos Palmares
Heróis II
Episódio 04 – Maria Auxiliadora da Silva
Livros Animados II
Episódio 01 – 1 Bloco – "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 03 – 1 Bloco – "Menino parafuso"
Episódio 06 – 1 Bloco – "A lenda do saci-pererê em cordel"
Episódio 10 – 1 Bloco – "O marimbondo do quilombo"
Mojubá I
Episódio 01 – Origens
Episódio 04 – Influências
Episódio 06 - Quilombos
Mojubá II
Episódio 01 – História e Geografia
Episódio 03 – Ciência e tecnologia
Episódio 04 – Tradição oral
Episódio 05 – Famílias

continua ▶

KIT 1

Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 03 – Educação Quilombola
Episódio 04 – Identidade
Episódio 05 – Multidisciplinaridade
Episódio 06 – Arte

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigo: "O Programa Etnomatemática e as possibilidades de implementação da Lei nº 10.639/03", de Cristiane Coppe de Oliveira; "Educação básica: comunidades remanescentes de quilombos", de Maria Auxiliadora Lopes.

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 09

DVD 3
1 e 2 Blocos – "O filho do vento"
Neste episódio, Vanessa Pascale está na praia com as crianças. Ela mostra aos pequenos que a África fica do outro lado do mar e conta que os navios que vinham de lá utilizavam a força do vento. A história do programa é sobre o filho do vento que tem um nome bem misterioso.
"O filho do vento", de Rogério Andrade Barbosa. Ilustrações de Graça Lima.

Palavras-chave
Família; oralidade

Utilize também
CD Gonguê
Faixas 16 – Hip-hop

Heróis I
Episódio 01 – Auta de Sousa
Episódio 17 – Paulo da Portela
Episódio 26 – Carolina Maria de Jesus
Heróis II
Episódio 02 – Vovó Maria Joana
Episódio 05 – Beatriz Nascimento
Episódio 07 - Candeia
Livros Animados II
Episódio 01 – 1 Bloco – "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 03 – 2 Bloco – "O colecionador de pedras"
Episódio 05 – 2 Bloco – "Uma ideia luminosa"
Episódio 06 – 1 Bloco – "A lenda do saci-pererê em cordel"
Episódio 07 – "Os três gravetos" e "Três mercadorias muito estranhas"
Episódio 09 – "Nzuá e a cabeça" e "Uma historinha africana"
Episódio 10 – 1 Bloco – "O marimbondo do quilombo"
Mojubá I
Episódio 01 – Origens
Episódio 04 – Influências
Episódio 05 – Literatura e oralidade
Mojubá II
Episódio 04 – Tradição oral
Episódio 05 – Famílias
Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 05 – Multidisciplinaridade

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Brincar – vol. 5

continua ▶

KIT 1

▶ LIVROS ANIMADOS - EPISÓDIO 10

DVD 3

1 Bloco – "O menino inesperado"

2 Bloco – "Lili, a rainha das escolhas"

O que é o que é? "Eu surjo sem ninguém perceber, quando vê, já estou dentro de você". Para saber a resposta, veja este episódio de **Livros Animados** que está cheio de charadas. Você quer saber quem é Lili, a rainha das escolhas? A resposta está no livro de Elisa Lucinda, uma das histórias que vamos contar. "O menino inesperado" e "Lili, a rainha das escolhas", ambos de Elisa Lucinda. Ilustrações de Graça Lima.

Palavras-chave

Liberdade; medo

Utilize também

Heróis I
Episódio 02 – João Cândido
Episódio 05 – Lélia Gonzalez
Episódio 10 – André Rebouças
Episódio 13 – José do Patrocínio
Episódio 27 – Zumbi dos Palmares
Episódio 30 – Luís Gama

Heróis II
Episódio 01 – Edson Carneiro
Episódio 05 – Beatriz Nascimento
Episódio 15 – Laudelina de Campos
Episódio 12 – Luiza Mahin
Episódio 14 – Negro Cosme

Livros Animados II
Episódio 01 – 1 Bloco – "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 03 – 1 Bloco – "Menino parafuso"
Episódio 05 – 1 Bloco – "Kofi e o menino de fogo"
Episódio 10 – 1 Bloco – "O marimbondo do quilombo"

Mojubá I
Episódio 01 – Origens
Episódio 04 – Influências
Episódio 05 – Literatura e oralidade
Episódio 06 – Quilombos

Mojubá II
Episódio 04 – História e Geografia

Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades
Episódio 04 – Corpo

Nota 10 II
Todos

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Brincar – vol. 5

KIT 1

5. MOJUBÁ

DVD
27 min

▶ MOJUBÁ – EPISÓDIO 01

DVD 1

Origens

Olurum, Senhor do Infinito, criou o universo. Para povoá-lo, criou seres imateriais, conhecidos como Orixás. O primeiro episódio da série **Mojubá** apresenta as diferenças entre as tradições religiosas de origem africana, a luta de seus seguidores contra a perseguição e a conquista da livre expressão religiosa. São apresentadas também as relações e influências europeias e indígenas nos cultos afro-brasileiros. *Ayê*, como é chamado o mundo na língua iorubá, pode ser o lugar do encontro e da celebração das diferenças. *Mojubá*: apresentamos com nosso humilde respeito, como diriam nossos ancestrais.

Palavras-chave

Africanidades; diáspora; diversidade cultural africana; multiculturalismo

Utilize também

CD Gonguê
Faixas 1 a 16
Heróis I
Episódio 15 – Tia Ciata
Episódio 27 – Zumbi dos Palmares
Episódio 29 – Mãe Aninha
Heróis II
Episódio 02 – Vovó Maria Joana
Episódio 12 – Luiza Mahin
Episódio 14 – Negro Cosme
Livros Animados I
Episódio 04 – 2 Bloco – "Como as histórias se espalharam pelo mundo"
Livros Animados II
Episódio 02 – 1 Bloco – "Obax"
Episódio 03 – 2 Bloco – "O colecionador de pedras"
Episódio 05 – "Kofi e o menino de fogo" e "Uma ideia luminosa"
Episódio 07 – "Três contos africanos"
Episódio 08 – "Doce princesa negra"
Episódio 09 – 2 Bloco – "Uma historinha africana"
Mojubá II
Episódio 01 – História e Geografia
Episódio 03– Ciência e tecnologia
Episódio 04 – Tradição oral
Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Episódio 05 – Religiosidade e cultura
Nota 10 II
Episódio 02 – Religiosidade
Episódio 04 – Identidade
Episódio 05 – Multidisciplinaridade

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – artigo: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes.

▶ MOJUBÁ – EPISÓDIO 2

DVD 1

Fé

A fé na força desses deuses foi trazida por nossos ancestrais africanos e é preservada por aqueles que continuam a segui-la. O programa "Fé" nos mostra que conhecer a origem dessa crença e seus diversos matizes é conhecer parte de nossa história. A fé revelada como instrumento de resistência, componente da história e de identidade cultural. A tradição manifestada pela força de deuses. A religiosidade mostrada como espaço da diversidade, onde **a cor da cultura** pode ter muitos tons.

continua ▶

Palavras-chave

Religiosidade; axé; transculturação; oralidade

Utilize também

CD Gonguê

Faixa 1 — "Tambores do Brasil"

Heróis I

Episódio 28 — Mãe Menininha do Gantois

Episódio 29 — Mãe Aninha

Heróis II

Episódio 02 — Vovó Maria Joana

Livros Animados I

Episódio 05 — "Ifá, o adivinho"

Episódio 06 — "O presente de Ossanha"

Livros Animados II

Episódio 01 — 1 Bloco — "Os Ibejis e o Carnaval"

Episódio 09 — 2 Bloco — "Uma historinha africana"

Mojubá II

Episódio 04 — Tradição oral

Episódio 05 — Famílias

Nota 10 I

Episódio 01 — África no currículo escolar

Episódio 02 — Material didático

Episódio 05 — Religiosidade e cultura

Nota 10 II

Episódio 02 — Religiosidade

Episódio 04 — Identidade

Episódio 05 — Multidisciplinaridade

Livro

Saberes e fazeres — Modos de Fazer — vol. 4 — artigo: "Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira", de Larissa Oliveira e Gabarra.

▶ MOJUBÁ – EPISÓDIO 03

DVD 2

Meio ambiente e saúde

"Sem folha não existe orixá; sem orixá não existe folha". A natureza é apresentada como veículo de manifestação divina, portanto, é importante respeitá-la. A conexão com os deuses, a cura para os males físicos e espirituais podem estar no verde das matas, no colorido das flores e nos sabores que a natureza nos dá. O programa "Meio ambiente e saúde", da série **Mojubá**, apresenta as relações das religiões de matriz africana com a natureza, traço em comum com as culturas indígenas, incorporadas pelos cultos afro-brasileiros. O sagrado pode estar no mundo material que nos cerca.

Palavras-chave

Ecologia; etnobotânica; gnose; reconhecimento

Utilize também

Heróis I

Episódio 28 — Mãe Menininha do Gantois

Episódio 29 — Mãe Aninha

Heróis II

Episódio 02 — Vovó Maria Joana

Livros Animados I

Episódio 06 — "O presente de Ossanha"

Mojubá II

Episódio 03 — Ciência e tecnologia

Nota 10 I

Episódio 05 — Religiosidade e cultura

Nota 10 II

Episódio 02 — Religiosidade

Episódio 04 — Identidade

Episódio 05 — Multidisciplinaridade

Livro

Saberes e fazeres — Modos de Fazer — vol. 4 — artigo: "Ciência e tecnologia e a Lei Federal nº 10.639/03", de Roberta Fusconi e Guimes Rodrigues Filho.

continua ▶

KIT 1

▶ MOJUBÁ – EPISÓDIO 04

DVD 02

Influências

Os quitutes do tabuleiro da baiana, os sons e cores dos blocos de afoxé, os movimentos das danças populares, os traços e formas da arte, os detalhes de nossas vestimentas provam o quão próximos estamos do enorme continente chamado África. No programa "Influências", quarto episódio da série **Mojubá**, vemos como nosso cotidiano foi enriquecido pela tradição religiosa africana e percebemos que a distância que separa continentes não afasta culturas.

Palavras-chave

Oralidade; musicalidade; sagrado

Utilize também

CD Gonguê
Faixa 1 – "Tambores do Brasil"
Heróis I
Episódio 15 – Tia Ciata
Episódio 17 – Paulo da Portela
Episódio 28 – Mãe Menininha do Gantois
Episódio 29 – Mãe Aninha
Heróis II
Episódio 02 – Vovó Maria Joana
Episódio 07 - Candeia
Livros Animados I
Episódio 03 – 1 bloco – "Capoeira, jongo, maracatu"
Episódio 06 – "O presente de Ossanha"
Livros Animados II
Episódio 01 – 1 Bloco – "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 09 – 2 Bloco – "Uma historinha africana"
Mojubá II
Episódio 01 – História e Geografia
Episódio 02 – Beleza
Episódio 03 – Ciência e tecnologia
Episódio 04 – Tradição oral
Episódio 05 – Famílias
Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Episódio 05 – Religiosidade e cultura
Nota 10 II
Episódio 02 – Religiosidade
Episódio 03 – Educação Quilombola
Episódio 04 – Identidade
Episódio 06 – Arte

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Ver – vol. 1 – Artigos: "Como os tantãs na floresta: reflexões sobre o ensino de História da África e dos africanos no Brasil", de Mônica Lima; "Beleza e identidade: sobre os patrimônios afrodescendentes", de Raul Lody.

▶ MOJUBÁ – EPISÓDIO 5

DVD 02

Literatura e oralidade

Cada orixá tem sua história, rica em sentimentos. Amor, ciúmes, vaidade são alguns dos ingredientes que compõem as narrativas da tradição oral africana. As relações humanas também estão repletas desses sentimentos. A partir deles, muitas obras-primas da literatura foram e continuam a ser escritas. Construímos uma literatura enriquecida por palavras de origem africana e por um olhar negro sobre o mundo. Luiz Gama, Machado de Assis, Lima Barreto, Cruz e Souza, Francisco Solano Trindade são alguns dos expoentes das letras que provam essa influência. No programa "Língua e literatura", da série **Mojubá**, vemos que, se nossa pátria é nossa língua, por meio dela somos um pouco africanos.

Palavras-chave

Visão de mundo; oralidade; visibilidade

Utilize também

CD Gonguê – Faixa 16 – Hip-hop

continua ▶

Heróis I
Episódio 01 — Auta de Sousa
Episódio 11 — Cruz e Souza
Episódio 12 — Machado de Assis
Episódio 15 — Tia Ciata
Episódio 17 — Paulo da Portela
Episódio 28 — Mãe Menininha do Gantois
Heróis II
Episódio 02 — Vovó Maria Rezadeira
Episódio 05 — Beatriz Nascimento
Episódio 07 — Candeia
Episódio 10 — Raimundo de Sousa Dantas
Livros Animados I
Episódio 04 — "Contos africanos" e "Como as histórias se espalharam pelo mundo"
Episódio 08 — 1 Bloco — "Bruna e a galinha d'angola"
Episódio 09 — "O filho do vento"

Livros Animados II
Episódio 01 — 1 Bloco — "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 03 — 2 Bloco — "O colecionador de pedras"
Episódio 07 — "Três contos africanos"
Episódio 09 — 2 Bloco — "Uma historinha africana"
Mojubá II
Episódio 04 — Tradição oral
Nota 10 I
Episódio 05 — Religiosidade e cultura
Nota 10 II
Episódio 02 — Religiosidade
Episódio 03 — Educação Quilombola
Episódio 05 - Multidisciplinaridade

Livro
Saberes e fazeres — Modos de Ver — vol. 1 — Artigos: "Como os tantãs na floresta: reflexões sobre o ensino de História da África e dos africanos no Brasil", de Mônica Lima; "Beleza e identidade: sobre os patrimônios afrodescendentes", de Raul Lody; "Sujeito, corpo e memória", de Nelson Inocêncio.

▶ MOJUBÁ - EPISÓDIO 06

DVD 3
Quilombos
Ogum é um deus guerreiro, protetor de todos aqueles que sofrem discriminações, perseguições e injustiças. O deus da guerra é inspirador de coragem e de luta pela dignidade. E foi manifestando o que há de divino no homem que muitos negros construíram a história de resistência e do sonho de liberdade que sustentou quilombos e foi base de muitas rebeliões. Ganga Zumba, Zumbi e Preto Cosme são alguns nomes que escreveram essa história, presente ainda hoje na memória, e também na atual resistência de remanescentes quilombolas. Saiba um pouco mais no programa "Quilombos", da série **Mojubá**.

Palavras-chave

Resistência; organização sociopolítica; Palmares; solidariedade

Utilize também

CD Gonguê
Faixas 7, 9, 12,13 e 14.
Heróis I
Episódio 27 — Zumbi dos Palmares
Heróis II
Episódio 12 — Luiza Mahin
Episódio 14 — Negro Cosme
Livros Animados I
Episódio 08 — 2 Bloco — "Berimbau"
Livros Animados II
Episódio 10 — 1 Bloco — "O marimbondo do quilombo"
Mojubá II
Episódio 01 — História e Geografia
Episódio 04 — Tradição oral
Episódio 05 - Famílias
Nota 10 I
Episódio 01 — África no currículo escolar
Episódio 05 — Religiosidade e cultura

continua ▶

KIT 1

Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 03 – Educação Quilombola
Episódio 04 – Identidade
Episódio 05 – Multidisciplinaridade

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – artigo: "Educação básica: comunidades remanescentes de quilombos", de Maria Auxiliadora Lopes.

▶ MOJUBÁ – EPISÓDIO 07

DVD 03
Comunidades e festas

Os deuses dançam e celebram a vida. Assim também fazem os que neles acreditam. As festas em grupo, o som do tambor, os movimentos da dança podem ser instrumento de oração e reverência às forças espirituais. O divino se manifesta na comunhão da alegria e na vida festejada na companhia do próximo. Os cultos afro-brasileiros, em todas as suas cores, nos mostram a religião como "Comunidades e festas". Esse é o nome do sétimo programa da série **Mojubá**, que mostra também como a celebração é História.

Palavras-chave
Sincretismo; resistência; descolonização religiosa; transculturação

Utilize também

CD Gonguê
Faixas 1 a 16

Heróis I
Episódio 15 – Tia Ciata
Episódio 28 – Mãe Menininha do Gantois
Episódio 29 – Mãe Aninha

Heróis II
Episódio 02– Vovó Maria Rezadeira
Episódio 07 – Candeia

Livros Animados I
Episódio 03 – 1 Bloco – "Capoeira, jongo, maracatu"

Livros Animados II
Episódio 01 – 1 Bloco – "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 03 – 1 Bloco – "Menino parafuso"

Mojubá II
Episódio 02 – Beleza
Episódio 04 – Tradição oral
Episódio 05 - Famílias

Nota 10 I
Episódio 05 – Religiosidade e cultura

Nota 10 II
Episódio 02 – Religiosidade
Episódio 04 – Identidade
Episódio 05 – Multidisciplinaridade
Episódio 06 – Arte

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – artigo: "Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira", de Larissa Oliveira e Gabarra.
Saberes e fazeres – Modos de Ver – vol. 1 – Artigo: "Sujeito, corpo e memória", de Nelson Inocêncio.

6. NOTA 10

DVD
27 min

▶ NOTA 10 – EPISÓDIO 1

DVD 1
África no currículo escolar
Para introduzir o tema África, o apresentador Alexandre Henderson pergunta nas ruas que substantivos qualificam a África. Os mais citados foram: pobreza, instabilidade política, atraso e doença.
Dois projetos mostram como se pode contar de forma diferente a História da África na escola. Um deles utiliza o desenho "Kiriku e a feiticeira", em que temos um herói muito especial. A outra experiência utiliza a expressão teatral e a discussão sobre temas polêmicos, como as cotas nas universidades.
Escola EMEF General Álvaro da Silva Braga, da cidade de São Paulo, e projeto Educar para Igualdade Social, de Aquidauana, Mato Grosso do Sul.

Palavras-chave
Colonialidade; construção social da realidade; etnocentrismo; invisibilização

Utilize também
CD Gonguê — Faixas 1 a 16
Heróis I
Todos
Heróis II
Todos
Livros Animados I
Todos
Livros Animados II
Todos
Mojubá I
Todos
Mojubá II
Todos
Nota 10 I
Todos
Nota 10 II
Todos

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Ver – vol. 1 – Artigos: "Como os tantãs na floresta: reflexões sobre o ensino de História da África e dos africanos no Brasil", de Mônica Lima; "Relações raciais no cotidiano escolar: implicações para a subjetividade e afetividade", de Eliane Cavalleiro; "Aprendendo e ensinando relações raciais no Brasil", Maria Aparecida Bento.
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4

▶ NOTA 10 – EPISÓDIO 02

DVD 1
Material didático
O apresentador Alexandre Henderson mostra aos pedestres fotos de duas famílias, uma negra e outra branca, que vestem a mesma roupa, e pergunta qual delas mora em uma mansão e qual mora num barraco. Um dos passantes responde: "Esta mais humilde (referindo-se à família negra) deve morar nesta casa (aponta o barraco)." Este jogo foi feito para introduzir o questionamento sobre a representação dos negros nos materiais didáticos. Geralmente, eles aparecem como escravos, com funções inferiores ou, pior, não aparecem.
O programa vai apresentar dois projetos bem-sucedidos nesta área: Preconceito e Discriminação – Passado e Presente, da escola EMEF Dr. João Alves dos Santos, de Campinas, São Paulo, e Contando a História do Samba, da Escola Municipal Marlene Pereira, de Belo Horizonte, Minas Gerais.

continua ▶

KIT 1

Palavras-chave

Hierarquização; preconceito; discriminação; estereótipos

Utilize também

CD Gonguê
Faixas 1 a 16
Heróis I
Todos
Heróis II
Todos
Livros Animados I
Todos
Livros Animados II
Todos
Mojubá I
Todos
Mojubá II
Todos
Nota 10 I
Todos
Nota 10 II
Todos
Livro
Saberes e fazeres — Modos de Fazer — vol. 4 — artigos: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes; "Ciência e tecnologia e a Lei Federal nº 10.639/03", de Roberta Fusconi e Guimes Rodrigues Filho; "Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira", de Larissa Oliveira e Gabarra.

▶ NOTA 10 – EPISÓDIO 03

DVD 1

Igualdade de tratamento e oportunidades

Alexandre Henderson questiona, neste episódio, qualificações que são exigidas na busca de emprego. Por trás do pedido de "boa aparência" pode estar evidenciada uma ação discriminatória.

Os projetos abordados que trabalham com a questão da igualdade de tratamento são: Projeto Ibamo, do C. E. Guadalajara, em Duque de Caxias, Rio de Janeiro, e Projeto Raiz, da EMEF Madre Maria Emília do Santíssimo, da cidade de São Paulo.

Palavras-chave

Discriminação; diferença, desigualdade; respeito; etnocentrismo

Utilize também

Heróis I
Episódio 04 — Antonieta de Barros
Episódio 09 — Milton Santos
Heróis II
Episódio 03 — Veridiano Farias
Episódio 15 — Laudelina de Campos Melo
Livros Animados I
Episódio 10 — 2 Bloco — "Lili, a rainha das escolhas"
Livros Animados II
Episódio 05 — 1 Bloco — "Kofi e o menino de fogo"
Episódio 06 — 2 Bloco — "Cadarços desamarrados"
Mojubá I
Episódio 04 — Influências
Mojubá II
Episódio 01 — História e Geografia
Episódio 02 — Beleza
Episódio 03 — Ciência e tecnologia
Nota 10 I
Episódio 01 — África no currículo escolar
Episódio 02 — Material didático
Episódio 04 — Corpo
Episódio 05 — Religiosidade e cultura
Nota 10 II
Episódio 01 — Educação Infantil
Episódio 02 — Religiosidade
Episódio 06 — Arte

continua ▶

Livro
Saberes e fazeres — Modos de Ver — vol. 1 — Artigos: "Relações raciais no cotidiano escolar: implicações para a subjetividade e afetividade", de Eliane Cavalleiro; "Aprendendo e ensinando relações raciais no Brasil", Maria Aparecida Bento.
Saberes e fazeres — Modos de Fazer — vol. 4 — artigo: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes.

▶ NOTA 10 – EPISÓDIO 04

DVD 2
Corpo
Será que podemos reconhecer, através de uma radiografia, se a pessoa é negra ou branca? Somos diferentes por dentro? Alexandre Henderson aborda essas questões para introduzir o tema do corpo na escola.
Desta vez, os projetos abordados referem-se à Educação Infantil. Há confecções de bonecas negras, peças em que as crianças negras são princesas e príncipes, etc.
Escolas: Creche Comunitária Caiçaras, de Belo Horizonte, Minas Gerais, e CEMEI Margarida Maria Alvez, de Campinas, São Paulo.

Palavras-chave

Fenótipo; melanina; diversidade; discriminação

Utilize também

Heróis I
Episódio 02 — João Candido
Heróis II
Episódio 09 — Domingos da Guia
Livros Animados II
Episódio 05 — 1 Bloco — "Kofi e o menino de fogo"
Episódio 08 — 1 Bloco — "Doce princesa negra"
Mojubá II
Episódio 01 — História e Geografia
Episódio 02 — Beleza
Nota 10 II
Episódio 01 — Educação Infantil
Episódio 04 — Identidade
Episódio 05 — Multidisciplinaridade

Livro
Saberes e fazeres — Modos de Ver — vol. 1 — Artigos: "Sujeito, corpo e memória", de Nelson Inocêncio; "Aprendendo e ensinando relações raciais no Brasil", de Maria Aparecida Bento.

▶ NOTA 10 – EPISÓDIO 05

DVD 2
Religiosidade e cultura
Uma das perguntas que introduz o tema é: qual estado brasileiro tem mais pessoas que se declaram adeptas de religiões afro-brasileiras, como o candomblé e a umbanda?
Salvador foi a resposta praticamente unânime. Mas a resposta correta é... Rio Grande do Sul.
O primeiro projeto apresentado neste episódio se chama Educafro — Educação e Cidadania de Afrodescendentes. São 256 cursos de pré-vestibular, em cinco estados brasileiros, ministrados por voluntários em espaços cedidos, como centros espíritas e igrejas evangélicas. A segunda experiência mostra como é possível divulgar e valorizar a cultura afro-brasileira numa escola, de forma simples e criativa.
Escolas: Educafro — franquia social, na cidade de São Paulo, e Escola Municipal Anísio Teixeira, na cidade do Rio de Janeiro.

Palavras-chave

Educação; discriminação; religião

continua ▶

KIT 1

Utilize também

CD Gonguê

Faixas 1 a 16

Heróis I

Episódio 15 – Tia Ciata

Episódio 29 – Mãe Aninha

Heróis II

Episódio 02– Vovó Maria Rezadeira

Livros Animados I

Episódio 03 – 1 Bloco – "Capoeira, jongo, maracatu"

Livros Animados II

Episódio 01 – 1 Bloco – "Os Ibejis e o Carnaval"

Episódio 03 – 1 Bloco – "Menino parafuso"

Mojubá II

Episódio 04 – Tradição oral

Episódio 05 - Famílias

Nota 10 II

Episódio 02 – Religiosidade

Episódio 04 – Identidade

Episódio 05 – Multidisciplinaridade

Livro

Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – artigo: "Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira", de Larissa Oliveira e Gabarra.

KIT 2

7. HERÓIS DE TODO MUNDO

DVD

2 min

1. **Beatriz Nascimento** – Intelectual; ativista na luta antirracismo.
2. Antonio **Candeia** Filho – Música; ativismo social.
3. **Domingos da Guia** – Futebol.
4. **Francisco de Paula Brito** – Letras; política.
5. **Francisco Solano Trindade** – Poesia, artes; ativismo social.
6. **Raimundo de Sousa Dantas** – Literatura; política.
7. **Ataulfo Alves** – Música.
8. **Maria Auxiliadora da Silva** – Autodidata; Artes plásticas.
9. **Laudelina de Campos Melo** – Trabalho doméstico, sindicalismo.
10. **Edison Carneiro** – Antropologia, folclore, Literatura.
11. **Luiza Mahin** – Resistência.
12. **Negro Cosme** – Balaiada, resistência.
13. **Mestre Valentim** – Arquitetura, arte, urbanismo.
14. **Veridiano Farias** – Discriminação; Medicina.
15. **Vovó Maria Joana** – Candomblé; samba, jongo.

Utilize também

Jogo Heróis de Todo Mundo

Heróis de Todo Mundo I

KIT 2

8. LIVROS ANIMADOS

DVD
27 min

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 1

DVD I
I Bloco — "Os Ibejis e o Carnaval"
2 Bloco — "Adamastor, o pangaré"
De forma lúdica e dinâmica, as crianças são apresentadas ao Carnaval, às diferenças, à tradição e à imaginação.
Na primeira história, "Os Ibejis e o Carnaval", de Helena Theodoro, Neinho e Lalá recebem dos mais velhos, pela tradição oral, conhecimentos sobre as contribuições afro-brasileiras à festa, como instrumentos, ritmo, escolas de samba.
E também ficam sabendo como o Carnaval se relaciona com a religiosidade.
Na segunda história, "Adamastor, o pangaré", de Mariana Massarini, Joaquim fica irritado por ganhar uma irmãzinha. Ele cria um amigo imaginário, o pangaré Adamastor. Mas logo a frustração de Joaquim passa e ele descobre que a DIFERENÇA* da irmã não impede a amizade entre os dois.
O programa inspira as crianças a buscarem os conhecimentos em família e ensina que o mundo da imaginação pode ajudar muito na vida real.

Palavras-chave

Diferença; identidade; oralidade

Utilize também

CD Gonguê — Faixa 11 — Samba de roda
Heróis I
Episódio 15 — Tia Ciata
Episódio 17 — Paulo da Portela
Heróis II
Episódio 07 - Candeia
Livros Animados I
Episódio 03 — "Capoeira, jongo e maracatu" e "Os reizinhos do Congo"
Mojubá I
Episódio 04 — Influências
Episódio 06 - Quilombos
Mojubá II
Episódio 01 — História e Geografia
Episódio 04 — Tradição oral
Episódio 05 — Famílias
Nota 10 I
Episódio 01 — África no currículo escolar
Nota 10 II
Episódio 01 — Educação Infantil
Episódio 02 — Religiosidade
Episódio 04 — Identidade
Episódio 05 — Multidisciplinar

Livro
Saberes e fazeres — Modos de Fazer — vol. 4 — artigo: "Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira", de Larissa Oliveira e Gabarra.
Livro
Saberes e fazeres — Modos de Brincar — vol. 5

Referência bibliográfica

*BARROS, José D'Assunção. **A construção social da cor**: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 2

DVD I
I Bloco — "Obax"
2 Bloco — "Menino de argila", em "Histórias trazidas por um cavalo-marinho"
Este episódio de **Livros Animados** é um convite à criatividade.
Em "Obax", de André Neves, uma menina solitária e imaginativa é a protagonista. As histórias são ilustradas pelo autor com cenários e grafismos que remetem à exuberância natural e ESTÉTICA* da África.

continua ▶

DIFERENÇA
Modalidades do ser – como gênero, etnia, idade –, inerentes à diversidade humana e que não podem ser evitadas pela ação do homem. Ao contrário, as desigualdades – sociais, econômicas, políticas –, produtos históricos e sociais, são passíveis de serem revertidas.

ESTÉTICA
Que se refere às qualidades artísticas.

KIT 2

No conto "O menino de argila" — do livro "Histórias trazidas por um cavalo-marinho", de Edmilson de Almeida —, um artesão recorre aos poderes da Senhora das Águas para dar vida às peças que produz.
Assim, o episódio revela a criatividade artística africana e a sabedoria contida nas histórias.
Temas que fazem as crianças, literalmente, colocarem as mãos na massa e pintarem o sete.

Palavras-chave

Arte; estética; oralidade

Utilize também

CD Gonguê
Faixas 8 a 16 — Ritmos
Heróis I
Episódio 06 — Benjamim de Oliveira
Episódio 18 — Pixinguinha
Episódio 19 — Mário de Andrade
Episódio 25 — Aleijadinho
Heróis II
Episódio 04 — Maria Auxiliadora da Silva
Episódio 13 — Mestre Valentim
Livros Animados I
Episódio 03 — "Capoeira, jongo e maracatu" e "Os reizinhos do Congo"
Episódio 08 — 1 Bloco — "Bruna e a galinha d'angola"
Mojubá I
Episódio 01 — Origens
Episódio 05 — Literatura e oralidade
Mojubá II
Episódio 01 — História e Geografia
Episódio 02 — Beleza
Episódio 03 — Ciência e tecnologia
Episódio 04 — Tradição oral
Nota 10 I
DVD 1
Episódio 01 — África no currículo escolar
Nota 10 II
Episódio 01 — Educação Infantil
Episódio 06 — Arte

Livro
Saberes e fazeres — Modos de Brincar — vol. 5

Referências bibliográficas

*Houaiss, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, 2002.

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 3

DVD 1
1 Bloco — "Menino parafuso"
2 Bloco — "O colecionador de pedras"
Por meio destas histórias, as crianças conhecem as origens africanas de uma festa popular brasileira, a solidariedade e a importância de saber ouvir.
Em "O menino parafuso", de Olívia de Melo Franco, um menino negro, com calça de capoeira, corre, pula e vira estrela. Veste saia e anágua, numa grande brincadeira. O leitor estranha tudo. Mas toda esta alegria é para o folguedo parafuso.
No segundo livro animado, "O colecionador de pedras", de Prisca Augustoni, a história conta o encontro do seguro Ambaye, conhecedor de suas origens, com a triste Noémia, orfã de sua comunidade. Para fazê-la sorrir, Ambaye recorre à sabedoria ANCESTRAL*, à escuta, ao diálogo e, sobretudo, à solidariedade.
O episódio explora as origens africanas de manifestações culturais brasileiras; por fim, demonstra como a oralidade — que pressupõe a escuta — é uma forma de transmissão de conhecimentos e de aproximação das pessoas.

ANCESTRAL
Relativo ou próprio dos antepassados; linha de ascendência familiar; muito antigo, remoto.

Palavras-chave

Africanidade brasileiras; ancestralidade; solidariedade

Utilize também

CD Gonguê — Faixa 1 — Tambores do Brasil
Heróis I
Episódio 27 — Zumbi dos Palmares
Episódio 30 — Luís Gama

continua ▶

Heróis II
Episódio 14 — Negro Cosme
Episódio 12 — Luiza Mahin
Livros Animados I
Episódio 03 — "Capoeira, jongo e maracatu" e "Os reizinhos do Congo"
Episódio 04 — 2 Bloco — "Como as histórias se espalharam pelo mundo"
Episódio 08 — 2 Bloco — "Berimbau"
Episódio 09 — "O filho do vento"
Mojubá I
Episódio 01 — Origens
Episódio 05 — Literatura e oralidade
Episódio 06 — Quilombos
Mojubá II
Episódio 01 — História e Geografia
Episódio 02 — Beleza
Episódio 04 — Tradição oral
Nota 10 I
Episódio 01 — África no currículo escolar
Nota 10 II
Episódio 01 — Educação Infantil
Episódio 03 — Educação Quilombola
Episódio 04 — Identidade

Livro
Saberes e fazeres — Modos de Brincar — vol. 5
Saberes e fazeres —Modos de Fazer — vol. 4 — artigos: "Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira", de Larissa Oliveira e Gabarra.

Referência bibliográfica

*Houaiss, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, 2002.

▶ LIVROS ANIMADOS – EPISÓDIO 4

DVD 2
1 Bloco — "Koumba e o tambor diambê"
2 Bloco — "A menina e o tambor"
Estes livros são animados pelo ritmo. Um balanço que veio do outro lado do Atlântico e alegra até hoje as terras do Brasil.
Na história de Madu Costa, Koumba recorre ao seu tambor diambê para levar alegria, tocar a liberdade e a igualdade entre todos. Sem perder de vista as diferenças.
Já em "A menina e o tambor", de Sônia Junqueira, a tristeza toma conta da protagonista. Mas ao ouvir o som do próprio coração, ela se anima e começa a repetir as batidas num tambor. O resultado? Suas batidas levam alegria a todos.
O programa fala de comunicação, musicalidade, igualdades, diferença, liberdade, AFRICANIDADES BRASILEIRAS*. Tudo isso, a partir do som dos tambores trazidos da África.

AFRICANIDADES BRASILEIRAS
São expressões culturais brasileiras de origens africanas. Mais do que às manifestações em si, o conceito se refere aos processos de formação dessas manifestações. As africanidades, portanto, estão associadas ao modo de ver, de viver e de resistir culturalmente de africanos e afrodescendentes , presentes na cultura brasileira.

Palavras-chave

Africanidades brasileiras; comunicação; ludicidade; musicalidade

Utilize também

CD Gonguê
Faixas 1 a 16
Heróis I
Episódio 07 — Jackson do Pandeiro
Episódio 15 — Tia Ciata
Episódio 17 — Paulo da Portela
Heróis II
Episódio 07 — Candeia
Livros Animados I
Episódio 03 — "Capoeira, jongo e maracatu" e "Os reizinhos do Congo"
Episódio 04 — 2 Bloco — "Como as histórias se espalharam pelo mundo"
Mojubá I
Episódio 01 — Origens
Episódio 04 — Influências
Episódio 07 — Festas e comunidades
Mojubá II
Episódio 01 — História e Geografia
Episódio 02 — Beleza
Nota 10 I
Episódio 01 — África no currículo escolar

continua ▶

KIT 2

Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 04 – Identidade

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – "Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira", de Larissa Oliveira e Gabarra; "Educação básica: comunidades remanescentes de quilombos", de Maria Auxiliadora Lopes.
Saberes e fazeres – Modos de Brincar – vol. 5

Referências bibliográficas

*SILVA, Petronilha Beatriz Goçalves e. **Africanidades brasileiras**: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. Disponível em "http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/BANCO%20DE%20SUGEST%C3%95ES%20DE%20ATIVIDADES/africanidades%20brasileiras.pdf". Acesso em 19/10/2010.
* PINHO, Patrícia Santana. **Descentrando os Estados Unidos nos estudos sobre negritude no Brasil**. Disponível em "http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092005000300003". Acesso em 19/10/2010.

▶ LIVROS ANIMADOS - EPISÓDIO 5

DVD 2
1 Bloco – "Kofi e o menino de fogo"
2 Bloco – "Uma ideia luminosa"
Este episódio rompe com a visão homogênea da África e revela aos espectadores a diversidade cultural existente neste enorme continente, dividido em 53 países e centenas de idiomas.
Para aprofundar a discussão sobre diferenças e PRECONCEITO*, Nei Lopes escreveu "Kofi e o menino de ouro", que se passa em Gana, e mostra que é preciso se aproximar das pessoas para construir um juízo mais preciso delas.
Rogério Andrade Barbosa conheceu a África e se encantou pela Eritreia. Escreveu, então, "Uma ideia luminosa". É a história de três irmãos que precisam de uma brilhante solução para resolver um desafio posto pelo pai.
Ao recorrer às duas obras, o programa **Livros Animados** apresenta a diversidade do continente africano, além de semelhanças e diferenças com o Brasil.

PRECONCEITO Do latim, *prae* significa antecipação, adiantamento, e *conceptu*, pensamento, ideia, julgamento. No contexto das relações étnico-raciais, o preconceito, produto de informações inadequadas ou incompletas, (re)produz uma visão hostil e generalizante de outros grupos.

Palavras-chave

Alteridade; diferença; identidade

Utilize também

Heróis I
Episódio 05 – Lélia Gonzalez
Episódio 24 – José Correia Leite
Episódio 30 – Luís Gama
Heróis II
Episódio 12 – Luíza Mahin
Episódio 14 – Negro Cosme
Episódio 15 – Laudelina de Campos Melo
Livros Animados I
Episódio 04 – "Contos africanos" e "Como as histórias se espalharam pelo mundo"
Episódio 07 – "Ana e Ana" e "A Pirilampeia e os dois meninos de Tatipurum"
Mojubá I
Episódio 01 – Origens
Episódio 04 – Influências
Episódio 05 – Literatura e oralidade
Mojubá II
Episódio 01 – História e Geografia
Episódio 02 – Beleza
Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades
Episódio 04 - Corpo
Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil

continua ▶

Episódio 04 — Identidade
Episódio 05 — Multidisciplinaridade

Livro
Saberes e fazeres — Modos de Fazer — vol. 4 — "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes.
Saberes e fazeres — Modos de Brincar — vol. 1

Referências bibliográficas

*CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro, 2000.
*HOUAISS, **Antônio. Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, 2002.

▶ LIVROS ANIMADOS - EPISÓDIO 6

DVD 2
1 Bloco — "A lenda do saci-pererê em cordel"
2 Bloco — "Cadarços desamarrados"
Memória e imaginação andam juntas. E a humanidade só é o que é por causa delas.
Em "A lenda do saci-pererê em cordel", Marco Haurélio conta para as novas gerações, em forma de cordel, uma lenda brasileira que retrata um pouco da nossa formação como sociedade.
"Cadarços desamarrados", de Madu Costa, leva o leitor ao universo onírico, onde a imaginação precisa estar livre de amarras. E, de preferência, ser recebida com afeto.
As duas obras abordam temas que nos levam a refletir sobre a formação do indivíduo, cuja IDENTIDADE* é composta de memórias e de possibilidades.

Palavras-chave

Identidade; imaginação; liberdade; oralidade

Utilize também

Heróis I
Episódio 06 — Benjamim de Oliveira
Episódio 19 — Mário de Andrade
Episódio 21 — Chiquinha Gonzaga
Episódio 25 - Aleijadinho
Heróis II
Episódio 03 — Veridiano Farias
Episódio 05 — Beatriz Nascimento
Episódio 08 — Francisco Solano Trindade
Episódio 13 — Mestre Valentim
Livros Animados I
Episódio 04 — "Contos africanos" e "Como as histórias se espalharam pelo mundo"
Episódio 10 — 2 Bloco — "Lili, a rainha das escolhas"
Mojubá I
Episódio 01 — Origens
Episódio 04 — Influências
Episódio 05 — Literatura e oralidade
Mojubá II
Episódio 01 — História e Geografia
Episódio 02 — Beleza
Episódio 05 - Famílias
Nota 10 I
Episódio 01 — África no currículo escolar
Nota 10 II
Episódio 01 — Educação Infantil
Episódio 04 — Identidade
Episódio 05 — Multidisciplinaridade

Livro
Saberes e fazeres — Modos de Fazer — vol. 4 — Artigo: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes.
Saberes e fazeres — Modos de Brincar — vol. 5

Referências bibliográficas

*HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
*BERGER, Peter e LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento**. Petropólis: Vozes, 1985.

continua ▶

IDENTIDADE*
Deve ser compreendida como um processo contínuo e dialético entre o indivíduo e a sociedade, quando o primeiro projeta-se em identidades culturais disponíveis, permitindo fortalecer, manter, modificar ou remodelar a própria identidade.
Um indivíduo não apresenta uma única identidade, mas várias, por vezes, até, contraditórias ou mal definidas.
As identidades não são essenciais, unificadas ou permanentes. São construídas por processos histórico-culturais, portanto, dinâmicas.

KIT 2

ORATURA
Termo forjado pelo linguista ugandense Pio Zirimu. Refere-se ao acervo de textos orais – poesias, canções, provérbios e narrativas – que, atualmente, podem ser preservados em suportes literários. Porém, para além de uma vertente da literatura, a oratura apresenta sistema estético, metodológico e filosófico próprios.

ALTERIDADE
Referente à natureza ou condição do "outro". O conceito se refere à possibilidade de se colocar no lugar de outro indivíduo ou grupo e, na medida do possível, viver a experiência alheia. A alteridade permite ampliar a realidade por meio do conhecimento e da experiência de outras formas de vida, baseadas em diferentes crenças, categorias classificatórias e entendimentos.

▶ LIVROS ANIMADOS - EPISÓDIO 7

DVD 3

1 Bloco – "Os três gravetos"

2 Bloco – "Três mercadorias muito estranhas"

O trabalho de Rogério Andrade Barbosa enaltece a ORATURA* africana. Em "Três contos africanos de adivinhação", o autor apresenta três histórias nigerianas. Este episódio de **Livros Animados** traz duas delas.

"Os três gravetos" narra a perspicácia do adivinho para descobrir quem é o ladrão da história.

No segundo conto, "Três mercadorias muito estranhas", um ancião precisa descobrir a melhor maneira de atravessar um rio, levando uma cabra, um monte de inhames e um leopardo – sem deixar que uma mercadoria devore a outra. De quebra, ainda ensina um dos principais valores das culturas africanas: o respeito aos mais velhos.

As duas histórias incentivam os pequenos espectadores a pensarem de forma lógica, interagindo com as obras. Diversão e conhecimentos garantidos.

Palavras-chave

Lógica; oralidade

Utilize também

CD Gonguê

Faixa 16 – Hip-hop

Heróis I

Episódio 08 – Lima Barreto

Episódio 26 – Carolina Maria de Jesus

Heróis II

Episódio 02 – Vovó Maria Joana Rezadeira

Episódio 07 – Candeia

Livros Animados I

Episódio 02 – "Como as histórias se espalharam pelo mundo"

Episódio 04 – "Contos africanos" e "Como as histórias se espalharam pelo mundo"

Episódio 08 – 1 Bloco – "Bruna e a galinha d'angola"

Episódio 09 – "O filho do vento"

Mojubá I

Episódio 02 – Fé

Episódio 04 – Influências

Episódio 05 – Literatura e oralidade

Mojubá II

Episódio 03 – Ciência e tecnologia

Episódio 04 – Tradição oral

Nota 10 I

Episódio 01 – África no currículo escolar

Episódio 05 – Religiosidade e cultura

Nota 10 II

Episódio 01 – Educação Infantil

Episódio 02 – Religiosidade

Episódio 05 – Multidisciplinaridade

Livro

Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigo: "O Programa Etnomatemática e as possibilidades de implementação da Lei nº 10.639/03", de Cristiane Coppe de Oliveira.

Saberes e fazeres – Modos de Brincar – vol. 5

Referência bibliográfica

*MACÊDO, Tania e CHAVES, Rita. **Literatura de Língua Potuguesa**: marcos e marcas – Angola. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

▶ LIVROS ANIMADOS - EPISÓDIO 8

DVD 3

1 Bloco – "Doce princesa negra"

2 Bloco – "O super-herói e a fralda"

Perceber-se, perceber os outros e respeitar as nossas diferenças são elementos fundamentais para uma experiência de ALTERIDADE.

Em "A doce princesa negra", escrito por Solange Cianni, a protagonista Omolobake rompe com o eurocentrismo nas representações de reis e rainhas, reafirma a diversidade humana e se apresenta como uma princesa negra que se acha linda.

Jonas e Janaína, personagens do segundo livro animado, "O super-herói e a fralda", de Heloísa Prieto, se envolvem numa história que leva o

continua ▶

leitor a refletir sobre a importância de respeitar as diferenças, os modos de ser dos outros. Além de mostrar como o afeto auxilia na aproximação das pessoas.

Palavras-chave

Alteridade; autoestima; diferença

Utilize também

Heróis I

Episódio 20 — Elizeth Cardoso

Episódio 24 — José Correia Leite

Heróis II

Episódio 12 — Luíza Mahin

Livros Animados I

Episódio 01 — "O menino Nito" e "Menina bonita do laço de fita"

Mojubá I

Episódio 01 - Origens

Mojubá II

Episódio 01 — História e Geografia

Episódio 02 — Beleza

Nota 10 I

Episódio 01 — África no currículo escolar

Episódio 02 — Material didático

Episódio 04 - Corpo

Nota 10 II

Episódio 01 — Educação Infantil

Episódio 04 — Identidade

Episódio 05 — Multidisciplinaridade

Livro

Saberes e fazeres — Modos de Fazer — vol. 4 — Artigo: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes.

Saberes e fazeres — Modos de Brincar — vol. 5

Referências bibliográficas

*GOLDMAN, Márcio. **Alteridade e experiência**: antropologia e teoria etnográfica. Disponível em " http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v10n1/v10n1a08.pdf". Acesso em 21/10/2010.

*HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, 2002.

* PEIRANO, Mariza G.S. **A alteridade em contexto**: a antropologia como ciência social no Brasil. Disponível em " http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie255empdf.pdf".
Acesso em 21/20/2010

▶ LIVROS ANIMADOS - EPISÓDIO 9

DVD 3

1 Bloco — "Falando banto"

2 Bloco — "Uma historinha Africana"

Da África para o Brasil vieram escravizados homens e mulheres de diversas etnias. Manifestações culturais de origem banto e iorubá estão mais presentes em nosso dia a dia do que você pode imaginar.

Em "Falando banto", a autora Eneida Gaspar utiliza a poesia para revelar alguns vocábulos oriundos do tronco linguístico banto, muito usuais na fala brasileira.

Jaime Sodré, autor de "Uma historinha africana", recorre a um conto iorubá para mostrar como Exu ou Elegbara, Orixá dos caminhos e da comunicação, utiliza uma artimanha para mostrar a dois meninos que as verdades podem ser relativas.

As histórias demonstram a diversidade cultural existente na África e que chegou ao Brasil para também construir nossa VISÃO DE MUNDO*.

VISÃO DE MUNDO
Perspectiva cognitiva, influenciada pelos contextos históricos e culturais.

Palavras-chave

Diversidade cultural; influências; religiosidade

Utilize também

Heróis I

Episódio 05 — Lélia Gonzalez

Episódio 09 — Milton Santos

Episódio 13 — José do Patrocínio

Episódio 29 — Mãe Aninha

Heróis II

Episódio 01 — Edison Carneiro

continua ▶

KIT 2

Episódio 05 – Beatriz Nascimento
Episódio 14 – Negro Cosme
Livros Animados I
Episódio 02 – "Bichos da África"
Episódio 05 – "Ifá, o adivinho" 1 e 2
Mojubá I
Episódio 01 – Origens
Episódio 02 – Fé
Episódio 07 – Comunidades e festas
Mojubá II
Episódio 04 – Tradição oral
Episódio 05 – Famílias
Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Episódio 05 – Religiosidade e cultura
Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 02 – Religiosidade
Episódio 05 – Multidisciplinaridade

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigo: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes.
Saberes e fazeres – Modos de Brincar – vol. 5

▶ LIVROS ANIMADOS - EPISÓDIO 10

DVD 3
1 Bloco – "O marimbondo do quilombo"
2 Bloco – "O nome do sol", em "Histórias trazidas por um cavalo-marinho"
Um gavião, um marimbondo, o sol e um galo. O que essas personagens têm em comum? Este episódio de **Livros Animados** irá mostrar.
"O marimbondo do quilombo", livro de Heloísa Pires Lima, conta a história de um carcará que busca o seu calango, enquanto MULEKE* está à procura do quilombo de onde saiu. Enquanto isso, um sagaz marimbondo acompanha e registra tudo para não se esquecer de nenhum detalhe.
Na segunda história, "O nome do sol", parte da obra "Histórias trazidas por um cavalo-marinho", de Edmilson de Almeida, os homens se esquecem como chamar o sol. Passam a viver, então, na escuridão. Até que um galo os faz recuperar a memória e a luz do dia.
As duas histórias enfatizam a importância de manter a memória viva, como forma de construção de identidades a partir das origens.

Palavras-chave
Identidade; memória; origens

Utilize também
Heróis I
Episódio 05 – Zumbi dos Palmares
Episódio 15 – Tia Ciata
Episódio 30 – Luís Gama
Episódio 28 – Mãe Menininha do Gantois
Heróis II
Episódio 12 – Luíza Mahin
Episódio 13 – Mestre Valentim
Episódio 14 – Negro Cosme
Livros Animados I
Episódio 08 – "Bruna e a galinha d'angola" e "Berimbau"
Episódio 10 – 2 Bloco – "Lili, a rainha das escolhas"
Mojubá I
Episódio 01 – Origens
Episódio 06 – Quilombos
Mojubá II
Episódio 01 – História e Geografia
Episódio 04 – Tradição oral
Nota 10 I
Episódio 02 – Material didático
Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 03 – Educação Quilombola
Episódio 04 – Identidade

continua ▶

KIT 2

Livro

Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigos: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes; "Educação básica: comunidades remanescentes de quilombos", de Maria Auxiliadora Lopes.

Saberes e fazeres – Modos de Brincar – vol. 5

Referência bibliográfica

*HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, 2002.

9. MOJUBÁ

KIT 2

DVD

27 min

▶ MOJUBÁ – EPISÓDIO 1

DVD 1

História e Geografia

O primeiro episódio da série **Mojubá** leva você em uma viagem pela história e geografia africanas. O programa aborda as migrações dos grupos Banto, ao longo dos tempos.

E foi, justamente, uma migração compulsória, ocorrida durante mais de três séculos, que contribuiu sobremaneira para a formação da sociedade brasileira. Escravizados na África, milhões de seres humanos atravessaram o Atlântico e aportaram por aqui. Estima-se que 75% desses homens e mulheres escravizados tinham origem Banto.

Este capítulo da DIÁSPORA africana deixou marcas profundas na formação do povo brasileiro. Religiosidade, técnicas, hábitos alimentares, vocabulário, musicalidade são algumas das heranças africanas presentes em nossa cultura.

DIÁSPORA
Do grego, dia significa através e speirõ, dispersão, difusão. Inicialmente utilizado para definir a traumática experiência de exílio dos judeus, o conceito também se refere à experiência de dispersão forçada ou não de armênios e africanos.

Palavras-chave

África; africanidades brasileiras; diáspora

Utilize também

CD Gonguê

Faixas 1 a 12

Heróis I

Episódio 29 – Mãe Aninha

Heróis II

Episódio 14 – Negro Cosme

Livros Animados I

Episódio 03 – "Capoeira, jongo e maracatu" e "Os reizinhos do Congo"

Episódio 08 – "Bruna e a galinha d'angola" e "Berimbau"

continua ▶

KIT 2

Livros Animados II
Episódio 01 — 2 Bloco — "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 03 — 1 Bloco — "Menino parafuso"
Episódio 04 — "Koumba e o tambor diambê" e "A menina e o tambor"
Episódio 06 — 1 Bloco — "A lenda do saci-pererê em cordel"
Mojubá I
Episódio 01 — Origens
Episódio 04 — Influências
Episódio 05 — Meio ambiente e saúde
Episódio 06 — Quilombos
Episódio 07 — Comunidades e festas
Nota 10 I
Episódio 01 — África no currículo escolar
Episódio 02 — Material didático
Episódio 05 — Religiosidade e cultura
Nota 10 II
Episódio 01 — Educação Infantil
Episódio 03 — Educação Quilombola
Episódio 04 — Identidade
Episódio 05 — Multidisciplinaridade

Livro
Saberes e fazeres — Modos de Ver — vol. 1 — Artigos: "Como os tantãs na floresta: reflexões sobre o ensino de História da África e dos africanos no Brasil", de Monica Lima.
Saberes e fazeres — Modos de Fazer — vol. 4 — Artigos: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes; "Preto, pardo, negro, afrodescendente: as muitas faces da negritude brasileira", de Márcio André dos Santos.

Referência bibliográfica

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais. São Paulo: Selo Negro, 2000.

EMPODERAMENTO
Aumento da capacidade de organização do grupo, que possibilita ganhos políticos e alteração das relações econômicas e sociais de hierarquia em que se encontram os indivíduos.

▶ MOJUBÁ – EPISÓDIO 02

DVD 1
Beleza
Olhos azuis, cabelos lisos, de preferência loiros, e, "claro", pele branca. Esse ainda é o padrão de beleza imposto por diversos veículos de comunicação.
Mas na década de 1960, a luta pelos direitos civis dos negros norte-americanos afirmou que "*Black is beautiful*". O lema atravessou fronteiras e chegou ao Brasil. O resultado foi a valorização da estética negra, destacando os traços fenotípicos, a musicalidade, as danças, as roupas, os grafismos, adereços e penteados. Manifestações que, ao fortalecer o processo identitário, conseguiram EMPODERAR e reafirmar a origem de afrodescendentes em todo o mundo.
Este episódio da série **Mojubá** explora a diversidade estética africana e a relação dela com a corporeidade, a religiosidade e as manifestações culturais brasileiras.

Palavras-chave

Beleza; corporeidade; identidade; fenótipo; representação.

Utilize também

CD Gonguê — Faixas 1 a 12
Heróis I
Episódio 17 — Paulo da Portela
Heróis II
Episódio 14 — Luiza Mahin
Livros Animados I
Episódio 01 — "O menino Nito" e " Menina bonita do laço de fita"
Episódio 10 — 2 Bloco — "Lili, a rainha das escolhas"
Livros Animados II
Episódio 02 — 1 Bloco — "Obax"
Episódio 04 — "Koumba e o tambor diambê" e "A menina e o tambor"
Episódio 08 — 1 Bloco — "Doce princesa negra"

continua ▶

Mojubá I
Episódio 01 – Origens
Episódio 04 – Influências
Episódio 07 – Comunidades e festas
Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Episódio 04 – Corpo
Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 04 – Identidade
Episódio 05 – Multidisciplinaridade
Episódio 06 – Arte

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigos: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes; "Preto, pardo, negro, afrodescendente: as muitas faces da negritude brasileira", de Márcio André dos Santos.

Referência bibliográfica
CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais. São Paulo: Selo Negro, 2000.

▸ MOJUBÁ – EPISÓDIO 03
DVD 1
Ciência e tecnologia
No terceiro episódio da série **Mojubá** são apresentadas algumas importantes contribuições africanas à ciência e TECNOLOGIA*.
Rompendo com o paradigma de que africanos escravizados eram simples mão de obra, o programa evidencia o legado científico e tecnológico que os povos africanos, sobretudo os de origem Banto, trouxeram para o Brasil. Conhecimentos sobre agricultura, pecuária, tecelagem, metalurgia, medicina e matemática eram dominados por sociedades africanas há milhares de anos, muito antes da chegada dos europeus àquele continente. Conhecimentos que foram de suma importância para o desenvolvimento da humanidade e a colonização do Brasil.

Utilize também
CD Gonguê
Faixas 1 a 7 - Instrumentos
Heróis I
Episódio 19 – Mário de Andrade
Heróis II
Episódio 05 – Beatriz Nascimento
Livros Animados I
Episódio 04 – "Contos africanos" e "Como as histórias se espalharam pelo mundo"
Episódio 08 – 2 Bloco – "Berimbau"
Livros Animados II
Episódio 07 – "Os três gravetos" e "Três mercadorias muito estranhas"
Mojubá I
Episódio 01 – Origens
Episódio 03 – Meio ambiente e saúde
Episódio 06 – Quilombos
Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades
Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 04 – Identidade
Episódio 05 – Multidisciplinaridade
Episódio 06 – Arte

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigos: "Ciência e tecnologia e a Lei Federal nº 10.639/03", de Roberta Fusconi e Guimes Rodrigues Filho; "O Programa Etnomatemática e as possibilidades de impementação da Lei nº 10.639/03", de Cristiane Coppe de Oliveira.

continua ▸

TECNOLOGIA
Técnica ou conjunto de técnicas para realizar alguma atividade – seja ela cotidiana, artística ou científica.
Palavras-chave
Conhecimento; invizibilização; representação

KIT 2

Referência bibliográfica

*HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, 2002.

▶ MOJUBÁ – EPISÓDIO 04

DVD 2

Tradição oral

A partir de contos, provérbios, músicas e manifestações religiosas, o quarto episódio da série **Mojubá** mostra como a tradição oral africana está presente na cultura brasileira.

Resistindo ao processo de ASSIMILAÇÃO* cultural, africanos e afro-brasileiros mantiveram crenças e costumes. De geração a geração, preservaram a memória e transmitiram oralmente valores e práticas trazidos da África.

Assim, por meio de palavras, de histórias, adágios, rezas e cantos construiu-se uma identidade brasileira repleta de africanidades.

ASSIMILAÇÃO
Processo de tornar-se semelhante por meio de práticas culturais.
A assimilação é um processo complexo que deve levar em conta o contexto social e político em que se encontram os grupos em questão.

Palavras-chave

Africanidades brasileiras; assimilação; oralidade

Utilize também

CD Gonguê
Faixa 16 – Hip-hop

Heróis I
Episódio 15 – Tia Ciata
Episódio 28 – Mãe Menininha do Gantois

Heróis II
Episódio 02 – Vovó Maria Rezadeira
Episódio 07 - Candeia

Livros Animados I
Episódio 04 – "Contos africanos" e "Como as histórias se espalharam pelo mundo"
Episódio 08 – 2 Bloco – "Berimbau"
Episódio 09 – "O filho do vento"

Livros Animados II
Episódio 01 – "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 03 – "O colecionador de pedras"
Episódio 06 – "A lenda do saci-pererê em cordel"
Episódio 07 – "Os três gravetos" e "Três mercadorias muito estranhas"
Episódio 10 – "O marimbondo do quilombo"

Mojubá I
Episódio 02 – Fé
Episódio 04 – Influências
Episódio 05 – Literatura e oralidade

Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 05 – Religiosidade e cultura

Nota 10 II
Episódio 01 – Educação Infantil
Episódio 02 – Religiosidade
Episódio 03 – Educação Quilombola

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigos: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes; "Preto, pardo, negro, afrodescendente: as muitas faces da negritude brasileira", de Márcio André dos Santos; "Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira", de Larissa Oliveira e Gabarra.

Referência bibliográfica

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais. São Paulo: Selo Negro, 2000.

▶ MOJUBÁ – EPISÓDIO 05

DVD 2

Famílias

O processo de escravização dos africanos destruiu a principal instituição africana: a família. Ao serem arrancados do seio familiar, na África, homens e mulheres precisaram reconstruir os laços de parentesco no Brasil.

As organizações religiosas foram os espaços onde esta recriação pôde se dar de forma mais intensa.

continua ▶

Em irmandades católicas e em terreiros de Candomblé, africanos e afro-brasileiros recriaram irmãos, irmãs, mães e pais — reconstruíram, deste lado do Atlântico, algo semelhante às FAMÍLIAS EXTENSAS deixadas na África.
Estas novas famílias à brasileira foram as depositárias das tradições, dos valores, das crenças e da memória de milhares de africanos desterrados.

Palavras-chave

Camdomblé; diáspora; irmandandes; família

Utilize também

Heróis I
Episódio 15 — Tia Ciata
Episódio 28 — Mãe Menininha do Gantois
Heróis II
Episódio 02 — Vovó Maria Rezadeira
Livros Animados I
Episódio 01 — "O menino Nito" e "Menina bonita do laço de fita"
Episódio 08 — 1 Bloco - "Bruna e a galinha d'angola"
Episódio 09 — "O filho do vento"
Livros Animados II
Episódio 01 — "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 03 — "O colecionador de pedras"
Episódio 05 — 2 Bloco — "Uma ideia luminosa"
Mojubá I
Episódio 01 — Origens
Episódio 02 — Fé
Episódio 05 — Literatura e oralidade
Nota 10 I
Episódio 01 — África no currículo escolar
Episódio 05 — Religiosidade e cultura
Nota 10 II
Episódio 01 — Educação Infantil
Episódio 02 — Religiosidade
Episódio 04 — Identidade

Livro
Saberes e fazeres — Modos de Fazer — vol. 4 — Artigos: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes; "Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira", de Larissa Oliveira e Gabarra.

Referências bibliográficas

*MELLO, Luiz Gonzaga. **Antropologia cultural: iniciação, teoria e temas**. 4 edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.
*GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4 Edição. Porto Alegre: Artmed, 2005.

FAMÍLIA EXTENSA
Que congrega várias famílias nucleares, vários casais ou um outro parente, além do casal e dos filhos, na mesma moradia. Também pode ser compreendida como constituída pela rede de parentes – avós, tios, primos, cunhados, padrinhos – cujos membros estão em contato próximo e contínuo.

KIT 2

10. NOTA 10

DVD
27 min

▶ NOTA 10 – EPISÓDIO 1

DVD 1
Educação Infantil
É na primeira infância que começamos a formar nossa identidade, a tomar consciência do corpo, da família e, sobretudo, do outro. Pesquisas revelam a estreita relação entre o desenvolvimento das crianças e a interação social na Educação Infantil; mas, infelizmente, uma grande parcela das crianças negras brasileiras permanece excluída desta importante etapa da vida escolar.
Além disso, a REPRESENTAÇÃO inadequada dos afro-brasileiros, criada e recriada por veículos de comunicação, evidencia a necessidade de se trabalhar desde cedo a diversidade étnico-racial em sala de aula, a fim de elevar a autoestima dos pequenos alunos.
Este episódio da série **Nota 10** mostra como o desafio de realizar projetos de enfrentamento do preconceito e da discriminação étnico-racial — já na Educação Infantil — tornou-se uma conquista em algumas escolas do Brasil.

REPRESENTAÇÃO Produção de significado por meio da linguagem, seja ela escrita, falada ou imagética. O significado não é constitutivo das coisas ou dos indivíduos. O significado é construído por uma prática de significância.

Palavras-chave
Alteridade; educação infantil; exclusão; identidade

DISCRIMINAÇÃO* Ação cujo objetivo é separar, apartar, discriminar, dificultando ou impedindo o acesso e a permanência de pessoas e/ou grupos; a discriminação é a dimensão visível do preconceito, seja ele étnico-racial, de gênero, sexualidade, idade, classe social, religiosidade.

Utilize também
CD Gonguê
Faixas 1 a 16
Heróis I
Episódio 27 — Zumbi dos Palmares
Livros Animados I
Episódio 03 — "Capoeira, jongo e maracatu" e "Os reizinhos do Congo"
Livros Animados II
Episódio 01 — 1 Bloco — "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 02 — "Obax" e "O menino de argila"
Episódio 08 — 1 Bloco — "A doce princesa negra"
Mojubá I
Episódio 04 — Influências
Episódio 06 - Quilombos
Mojubá II
Episódio 01 — História e Geografia
Episódio 02 — Beleza
Episódio 04 — Tradição oral
Nota 10 I
Episódio 01 — África no currículo escolar

Livro
Saberes e fazeres — Modos de Fazer — vol. 4 — Artigos: "Percurso metodológico" do projeto **A Cor da Cultura**, de Azoilda Trindade; "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes;

Referência bibliográfica

* HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10 Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Practices (Culture, Media and Identities Series)**. Glasgow: Sage Publication, 1997.

▶ NOTA 10 – EPISÓDIO 2

DVD 1
Religiosidade
Mesmo previsto pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, ensinar religião é sempre polêmico. Principalmente em se tratando de religiões de matrizes africanas que sofrem sistemática DISCRIMINAÇÃO no Brasil.
Para enfrentar o problema em sala de aula, este episódio da série **Nota 10** apresenta iniciativas que utilizam as religiosidades de matrizes africanas como importantes ferramentas pedagógicas.
Por meio de atividades como contação de

continua ▶

histórias, artes plásticas, música, cultivo de vegetais e até preparação da merenda, a comunidade escolar se integra à produção coletiva de conhecimentos sobre o tema. Uma forma eficiente de elevar a autoestima de alunos e pais praticantes destas religiões, além de informar a todos e de criar um ambiente de respeito à diversidade religiosa dentro da escola.

Palavras-chave

Africanidades brasileiras; discriminação; diversidade

Utilize também

CD Gonguê
Faixas 1– "Tambores do Brasil", "Atabaque"
Faixas 12 – "Congada"
Heróis I
Episódio 28 – Mãe Menininha do Gantois
Heróis II
Episódio 02 – Vovó Maria Rezadeira
Livros Animados I
Episódio 05 – "Ifá, o adivinho" 01 e 02
Episódio 06 – 2 Bloco – "O presente de Ossanha"
Livros Animados II
Episódio 09 – 2 Bloco – "Uma historinha africana"
Mojubá I
Episódio 04 – Influências
Mojubá II
Episódio 04 – Tradição oral
Episódio 05 – Famílias
Nota 10 I
Episódio 05 – Religiosidade e cultura
Livro
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigos: "Olhar com olhos de aprender: religiosidade afro-brasileira", de Larissa Oliveira e Gabarra.

Referência bibliográfica

*HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, 2002.

▶ NOTA 10 – EPISÓDIO 03

DVD 1
Educação quilombola
Quilombos foram, desde o século XVI, organizações sociopolíticas de africanos que resistiram à escravidão. Ainda hoje, existem cerca de 1,3 milhão de remanescentes de quilombos em todo o Brasil.
Aproximadamente 200 mil estudantes quilombolas estão inseridos no sistema educacional brasileiro. Projetos pedagógicos utilizam a ETNOMATEMÁTICA, que contextualiza os conteúdos aos saberes e fazeres de crianças e jovens, valorizando a oralidade e os conhecimentos acumulados por estas comunidades.
Para ensinar sistemas de medidas, gráficos e geometria, professores recorrem a experiências cotidianas dos alunos, como a coleta do açaí, as construções tradicionais, a vegetação local, além de símbolos africanos.

ETNOMATEMÁTICA Programa de ensino da Matemática que visa a valorizar o saber-fazer de determinados grupos – sobretudo os subalternizados socioeconomicamente –, levando em consideração o contexto social, cultural e político.

Palavras-chave

Etnomatemática; contexto cultural; quilombos; saberes e fazeres

Utilize também

CD Gonguê
Faixas 8 a 16– "Ritmos"
Heróis I
Episódio 27 – Zumbi dos Palmares
Heróis II
Episódio 14 – Negro Cosme
Livros Animados I
Episódio 08 – "Bruna e a galinha d'angola" e "Berimbau"
Livros Animados II
Episódio 10 – 1 Bloco – "O marimbondo do quilombo"
Mojubá I
Episódio 06 – Quilombos
Mojubá II

continua ▶

KIT 2

Episódio 01 – História e Geografia
Episódio 03 – Ciência e tecnologia
Nota 10 I
Episódio 05 – Religiosidade e cultura

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigos: "O Programa Etnomatemática e as possibilidades de implementação da Lei nº 10.639/03", de Cristiane Coppe de Oliveira; "Educação básica: comunidades remanescentes de quilombos", de Maria Auxiliadora Lopes.

MULTICULTURALISMO
Reconhecimento da diferença de grupos na esfera pública legal, política e no discurso democrático, em termos de cidadania e identidade nacional.

Referência bibliográfica
*SILVA, Aparecida Augusta da. **Em busca do diálogo entre duas formas distintas de conhecimentos matemáticos.** Tese de doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2008.

ÉTNICO-RACIAL
Conceito que associa aspectos da etnicidade com a ressignificação do termo raça. Etnicidade refere-se, nos dias atuais, à consciência de grupo gerada por uma experiência comum de adversidade econômica, política, cultural; raça enfatiza a necessidade de resignificar o termo - utilizado para naturalizar diferenças socioculturais e hierarquizar grupos fenotipicamente diferentes. Se raça não tem amparo biológico, a utilização do termo é sociopolítica, com objetivo de destacar a discriminação racial que permeia toda a sociedade brasileira.

▶ NOTA 10 – EPISÓDIO 04

DVD 2
Identidade
Este programa da série **Nota 10** aborda a construção da identidade afrodescendente e as diferenças presentes em uma sociedade MULTICULTURAL como a brasileira.
Evidencia a errônea relação entre diferença e desigualdades e revela a discrepância entre os percentuais de brancos e negros no Ensino Superior e no mercado de trabalho.
Mas, se por um lado estes dados socioeconômicos traduzem uma sociedade brasileira em que persiste a discriminação ÉTNICO-RACIAL, por outro, projetos pedagógicos trabalham as origens, a religiosidade, as tradições afro-brasileiras.
Assim, elevam a autoestima e fortalecem a identidade de estudantes e cidadãos negros.

Palavras-chave
Desigualdade; diferença; discriminação

Utilize também
CD Gonguê
Faixas 1 a 16
Heróis I
Episódio 05 – Lélia Gonzalez
Episódio 24 – José Correia Leite
Heróis II
Episódio 01 – Edison Carneiro
Episódio 15 – Laudelina de Campos Melo
Livros Animados I
Episódio 01 – "O menino Nito" e "Menina bonita do laço de fita"
Episódio 07 – "Ana e Ana" e "A Pirilampeia e os dois meninos de Tatipurum"
Livros Animados II
Episódio 01 – 1 Bloco – "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 03 – 2 Bloco – "O colecionador de pedras"
Episódio 08 – 1 Bloco – "Doce princesa negra"
Mojubá I
Episódio 06 – Origens
Episódio 07 – Comunidades e festas
Mojubá II
Episódio 01 – História e Geografia
Episódio 02 – Beleza
Nota 10 I
Episódio 04 – Corpo
Episódio 05 – Religiosidade e cultura

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigos: "Percurso metodológico do projeto **A Cor da Cultura**", de Azoilda Trindade; "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes; "Preto, pardo, negro, afrodescendente: as muitas faces da negritude brasileira", de Márcio André dos Santos.

continua ▶

Referências bibliográficas
*MODOOD, Taraq. **Multiculturalism.** Malden, USA, Polity Press, 2007.
** GUIMARÃES, Antonio Sergio A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Ed.34, 1999.

▶ NOTA 10 – EPISÓDIO 05

DVD 2

Multidisciplinaridade

A Lei nº 10.639/03 alterou as Diretrizes e Bases da educação brasileira, determinando a obrigatoriedade do ensino de História e cultura africanas e afro-brasileiras, no âmbito de todo o currículo escolar, em instituições de Ensino Fundamental e Médio, oficiais e particulares.
O objetivo é romper com a visão EUROCÊNTRICA em que se baseia o ensino formal, que omite as contribuições tecnológicas e culturais desenvolvidas por sociedades africanas.
No entanto, ao abordar tais temáticas em sala de aula, tentando distribuí-las nos diferentes componentes curriculares, podem ser encontradas dificuldades e resistências.
Mas, neste episódio da série **Nota 10**, professores relatam como superaram as adversidades.
Eles apresentam projetos pedagógicos multidisciplinares que ressaltam a contribuição dos povos africanos e dos afro-brasileiros para a formação de nossa sociedade.

Palavras-chave

Eurocentrismo; invizibilização; representação

Utilize também

CD Gonguê
Faixas 1 a 16
Heróis I
Episódio 01 – Auta de Souza
Episódio 09 – Milton Santos
Episódio 18 – Pixinguinha
Heróis II
Episódio 13 – Mestre Valentim
Episódio 05 – Beatriz Nascimento
Livros Animados I
Episódio 04 – "Contos africanos" e "Como as histórias se espalharam pelo mundo"
Livros Animados II
Episódio 02 – "Obax" e "O menino de argila", em "Historinhas trazidas por um cavalo-marinho"
Episódio 07 – "Três contos africanos"
Mojubá I
Episódio 01 – Origens
Episódio 03 – Meio ambiente e saúde
Episódio 04 – Influências
Mojubá II
Episódio 01 – História e Geografia
Episódio 03 – Ciência e tecnologia
Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Ver – vol. 1 – Artigo: "Fragmentos de um discurso sobre afetividade", de Azoilda Loretto da Trindade.
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigos: "Percurso metodológico do projeto **A Cor da Cultura**", de Azoilda Trindade.

Referências bibliográficas
*PIRES, Marília Freitas de Campos. **Multidisciplianridade, interdisciplinaridade e transdisplinaridade no ensino**. Disponível em "http://www.scielo.br/pdf/icse/v2n2/10.pdf".
HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa, 2002.

continua ▶

MULTIDISCIPLINARIDADE
Abordagem de um mesmo tema por múltiplas disciplinas. Apesar de cada uma recorrer à própria ótica, podem articular bibliografias, técnicas de ensino-aprendizagem e métodos de avaliação.

EUROCÊNTRICA
Cujas referências são europeias; que interpreta o mundo a partir dos valores da cultura europeia.

KIT 2

▶ NOTA 10 – EPISÓDIO 06

DVD 2

Arte

Frente a mídias – inclusive as didáticas – que insistem em invizibilizar ou representar de forma inadequada as contribuições africanas à humanidade, faz-se imprescindível uma intervenção pedagógica que forneça uma imagem valorizada do negro como produtor de referenciais tecnológicos, artísticos e culturais. Para romper com esta INJUSTIÇA COGNITIVA, que desrespeita e desumaniza a população afro-brasileira, professores recorrem à arte-educação. Uma estratégia que amplia a percepção de crianças e jovens para as relações sociais e o contexto em que estão inseridos.

INJUSTIÇA COGNITIVA
A ausência de elementos no sistema formal de educação que reconheça, respeite e, efetivamente, incorpore ao imaginário nacional aspectos intelectuais, morais, emocionais e culturais do universo afro-brasileiro.

O sexto episódio da série **Nota 10** traz experiências que, a partir de referenciais africanos e afro-brasileiros – sejam eles geográficos, artísticos, religiosos –, romperam com a desvalorização do negro. Nas peças produzidas, nas histórias contadas e nas publicações desenvolvidas pelos alunos, os afro-brasileiros são sempre protagonistas. Protagonismo esse que, ao ser conhecido e socializado, promoveu uma mudança de perspectiva e atitude em toda a comunidade escolar.

Palavras-chave

Invizibilização; meios de comunicação; representação

Utilize também

CD Gonguê
Faixas 1 a 16

Heróis I
Episódio 12 – Machado de Assis
Episódio 25 – Aleijadinho

Heróis II
Episódio 04 – Maria Auxiliadora da Silva
Episódio 05 – Candeia

Livros Animados I
Episódio 03 – "Capoeira, jongo e maracatu" e "Os reizinhos do Congo".
Episódio 08 – "Bruna e a galinha d'angola"

Livros Animados II
Episódio 01 – 1 Bloco – "Os Ibejis e o Carnaval"
Episódio 02 – "Obax" e "O menino de argila"

Mojubá I
Episódio 04 – Influências
Episódio 05 – Literatura e oralidade
Episódio 07 – Comunidades e festas

Mojubá II
Episódio 02 – Beleza
Episódio 03 – Ciência e tecnologia

Nota 10 I
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático

Livro
Saberes e fazeres – Modos de Ver – vol. 1 – Artigos "Beleza e identidade: sobre os patrimônios afrodescendentes", de Raul Lody.
Saberes e fazeres – Modos de Fazer – vol. 4 – Artigos: "Educação, relações étnico-raciais e a Lei nº 10.639/03: breves reflexões", de Nilma Lino Gomes.

Referência bibliográfica

*DE TAVARES, Julio Cesar. **Deconstructing Invisibility:** Race and Politics of Visual Culture in Brazil, African and Black Diaspora: An International Journal, 3: 2, 137 – 146. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1080/17528631.2010.481924

11. PARA SABER MAIS

BARROS, José D'Assunção. **A construção social da cor**: diferença e desigualdade na formação da sociedade brasileira. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BENEDICT, Ruth. **O crisântemo e a espada**: padrões da cultura japonesa. São Paulo: Perspectiva, 1972.

BERGER, Peter e LUCKMAN, Thomas. **A construção social da realidade. Tratado de sociologia do conhecimento.** Petropólis: Vozes, 1985.

BERRY, John W., DANSEN, Pierre R., SARASWATHI, T. S.. **Handbook of Cross-cultural Phsycology: Basic Process and Human Development**. 2nd ed. Allyn & Bancon, 1996.

BOAS, Franz. **Antropologia cultural**. Celso Castro (Org.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 9ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2006.

CARONE, Iray, BENTO, Maria Aparecida da Silva. **Psicologia social do racismo**. Petrópolis: Vozes, 2003.

CASHMORE, Ellis. **Dicionário de relações étnicas e raciais**. São Paulo: Selo Negro, 2000.

DE TAVARES, Julio Cesar. **Deconstructing Invisibility:** Race and Politics of Visual Culture in Brazil, African and Black Diaspora: An International Journal, 3: 2, 137 — 146. Disponível em: http://dx.doi.org/10.1080/17528631.2010.481924

DUARTE, Daniele Almeida. **(Des)territorialidade**: caminhos percorridos por trabalhadores sujeitos ao processo migratório interno e sua relação subjetiva com o trabalho. Disponível em "http://www.estudosdotrabalho.org/anais6seminariodotrabalho/danielealmeidaduarteecristinaamelialuzio.pdf". Acesso em 29/10/2010.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia**. 4ª Edição. Porto Alegre: Artmed, 2005.

GOFFMAN, Erving. **Estigma**: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1975.

GOLDMAN, Márcio. **Alteridade e experiência:** antropologia e teoria etnográfica. Disponível em "http://www.scielo.oces.mctes.pt/pdf/etn/v10n1/v10n1a08.pdf". Acesso em 21/10/2010.

GUIMARÃES, Antonio Sergio A. **Racismo e antirracismo no Brasil**. São Paulo: Ed.34, 1999.

GUIMARÃES, Antônio Sérgio Alfredo. *Democracia racial.* In: **Cadernos PENESB** 4: Relações raciais e educação temas contemporâneos.Iolanda Oliveira (org.). Niterói: EduUFF, 2002.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. 10ª Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HALL, Stuart. **Representation Cultural Representations and Signifying Practices** (Culture, Media and Identities Series). Glasgow: Sage Publication, 1997.

HOUAISS, Antônio. **Dicionário eletrônico Houaiss da Língua Portuguesa**, 2002.

LALANDE, André. **Vocabulário técnico e crítico da Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

LARAIA. Roque de Barros. **Cultura**: um conceito antropológico. 19ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

continua ▶

LIMA, José Júlio Ferreira. **O conceito de equidade social como referencial para avaliação de políticas urbanas**. III Congresso Brasileiro de Direito Urbanístico Balanço das experiências de implementação do Estatuto da Cidade. Disponível em "http://www.ibdu.org.br/imagens/Oconceitodeequidadesocial.pdf". Accesso em 28/10/2001.

MACÊDO, Tania e CHAVES, Rita. **Literatura de Língua Portuguesa**: marcos e marcas – Angola. São Paulo: Arte & Ciência, 2007.

MELLO, Luiz Gonzaga. **Antropologia cultural. Iniciação, teoria e temas**. 4ª edição. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

MODOOD, Taraq. **Multiculturalism.** Malden, USA, Polity Press, 2007.

MUNANGA, Kabengele. **Superando o racismo na escola**. Brasília: SECAD/MEC, 2005.

PEIRANO, Mariza G.S.. **A alteridade em contexto**: a antropologia como ciência social no Brasil. Disponível em " http://vsites.unb.br/ics/dan/Serie255empdf.pdf". Acesso em 21/20/2010

PEREIRA, William Cesar Castilho. **Corporeidade, afetividade e novas tecnologias**. Disponível em "http://www.pucminas.br/documentos/william_cesar_corporeidade.pdf". Acesso em 28/10/10.

PINHO, Patrícia Santana. **Descentrando os Estados Unidos nos estudos sobre negritude no Brasil**. Disponível em "http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092005000300003". Acesso em 19/10/2010.

PIRES, Marília Freitas de Campos. **Multidisciplinaridade, interdisciplinaridade e transdisciplinaridade no ensino**. Disponível em "http://www.scielo.br/pdf/icse/v2n2/10.pdf". Acesso em 19/10/2010.

SILVA, Anelino Francisco da, SILVA, Valdenildo Pedro da. **Representação e identidade de gênero na territorialidade brasileira**. Disponível em http://www.ub.es/geocrit/-xcol/82.htm. acesso em 29/10/2010.

SILVA, Aparecida Augusta da. **Em busca do diálogo entre duas formas distintas de conhecimentos matemáticos**. Tese de doutorado em Educação, Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2008.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. **Africanidades brasileiras**: esclarecendo significados e definindo procedimentos pedagógicos. Disponível em http://www.smec.salvador.ba.gov.br/site/documentos/espaco-virtual/espaco-praxis-pedagogicas/BANCO%20DE%20SUGEST%C3%95ES%20DE%20ATIVIDADES/africanidades%20brasileiras.pdf". Acesso em 19/10/2010.

SOVIK, Liv. **Aqui ninguém é branco**. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2009.

STRECK, Danilo R., REDIN, Euclides, ZITKOSKI, Jaime José (orgs.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

WERNECK, Jurema. **Construindo a Equidade**: Estratégia para implementação de políticas públicas para a superação das desigualdades de gênero e raça para as mulheres negras. RJ: 2007. Disponível em "http://www.amnb.org.br/Equidade%20AMNB.pdf". Acesso em 28/10/10.

Glossário

AÇÕES AFIRMATIVAS

Conjunto de ações políticas dirigidas à correção de desigualdades raciais e sociais, orientadas para oferta de tratamento diferenciado, com vistas a corrigir desvantagens e marginalização criadas e mantidas por estrutura social excludente e discriminatória.

• KIT 1

MOJUBÁ
Episódio 03 - Quilombos
NOTA 10
Episódio 01 - África no currículo escolar
Episódio 02 - Material didático
Episódio 03 - Igualdade de tratamento e oportunidades

• KIT 2

MOJUBÁ
Episódio 01 - História e Geografia
Episódio 03 - Ciência e tecnologia
NOTA 10
Episódio 03 - Educação Quilombola
Episódio 05 - Multidiscilplinaridade
Episódio 06 - Arte

A

ACULTURAÇÃO

Processo de transformações/adaptações sofridas por manifestações culturais de uma ou mais culturas, quando em contato com outra.

• KIT 1

HERÓIS DE TODO MUNDO
Episódio 17 - Paulo da Portela
MOJUBÁ DVD 03
Episódio 04 - Influências

• KIT 2

NOTA 10
Episódio 02 - Religiosidade

A AFRICANIDADES BRASILEIRAS

Expressão cunhada por Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva, refere-se às raízes da cultura brasileira que têm origem africana. Seriam os modos de ser, de viver e de organizar suas lutas, próprio dos negros brasileiros e, de outro lado, as marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte do seu dia a dia.

Mais do que as manifestações em si o conceito se refere aos processos de formação dessas manifestações. As africanidades, portanto, estão associadas ao modo de ver, de viver e de resistir culturalmente de africanos e afrodescendentes, presentes na cultura brasileira.

• KIT 1

HERÓIS DE TODO MUNDO

Episódio 07 – Jackson do Pandeiro
Episódio 15 – Tia Ciata
Epísódio 28 – Mãe Aninha

LIVROS ANIMADOS

Episódio 03 – Capoeira, jongo e maracatu
Episódio 08 – Bruna e a galinha d'angola e Berimbau

MOJUBÁ

Episódio 01 – Origens

• KIT 2

HERÓIS DE TODO MUNDO

Episódio 02 – Vovó Maria Rezadeira
Episódio 09 - Candeia

LIVROS ANIMADOS

Episódio 01 – 1º Bloco – Os Ibejis e o Carnaval
Episódio 03 – 1º Bloco – O menino parafuso
Episódio 04 – Kouba e o tambor diambê e A menina e o tambor
Episódio 09 – 1º Bloco – Falando banto
Episódio 10 – 1º Bloco – O marimbondo do quilombo

MOJUBÁ II

Episódio 05 – Beleza

A ALTERIDADE

Refere-se à natureza ou condição do outro. A alteridade se dá no reconhecimento do outro, a partir de nós mesmos. É a possibilidade de se colocar no lugar de outro indivíduo ou grupo e, na medida do possível, viver a experiência alheia. Podemos dizer que as identidades são derivadas da diferença e da alteridade. A alteridade permite ampliar a realidade por meio do conhecimento e da experiência de outras formas de vida, baseadas em diferentes crenças, categorias classificatórias e entendimentos.

• KIT 1

LIVROS ANIMADOS

Episódio 07 – 2º Bloco – A Pirilampeia e os dois meninos de tatipurum

HERÓIS DE TODO MUNDO

Episódio 02 – João Cândido
Epísódio 05 – Lélia Gonzalez
Episódio 30 – Luiz Gama

MOJUBÁ

Episódio 01 – Origens

• KIT 2

LIVROS ANIMADOS

Episódio 08 –1º Bloco – Kofi e o menino de fogo
Episódio 08 –2º Bloco – O super-herói e a fralda

NOTA 10

Episódio 04 – Identidade

A

ANCESTRAL

Relativo ou próprio dos antepassados; linha de ascendência familiar; muito antigo, remoto.

• KIT 1

LIVROS ANIMADOS
Episódio 06 - 1º Bloco - A lenda do saci-pererê em cordel
Episódio 09 - Falando banto e Uma historinha africana
MOJUBÁ
Episódio 01 - Origens
Episódio 02 - Fé
Episódio 06 - Quilombos

• KIT 2

MOJUBÁ
Episódio 01 - História e Geografia
Episódio 04 - Tradição oral
Episódio 05 - Família
NOTA 10
Episódio 02 - Religiosidade
Episódio 04 - Identidade

A

ASSIMILAÇÃO

Processo de tornar-se semelhante, por meio de práticas culturais.
A assimilação é um processo complexo que deve levar em conta o contexto social e político em que se encontram os grupos em questão.

• KIT 1

HERÓIS DE TODO MUNDO
Episódio 17 - Paulo da Portela
Episódio 15 - Tia Ciata
MOJUBÁ
Episódio 04 - Influências

• KIT 2

HERÓIS DE TODO MUNDO
Episódio 02 - Vovó Maria Rezadeira
Episódio 09 - Candeia
NOTA 10 - Episódio 02 - Religiosidade

B

BELEZA

Qualidade, propriedade, caráter ou virtude do que é belo. Corresponde a certas normas, definidas socialmente, de equilíbrio, plástica, proporções harmônicas e outras qualidades similares. Ou seja, a definição de belo é uma construção social, reverberada e potencializada pelos meios de comunicação.

• KIT 1

MOJUBÁ - Episódio 02 - Beleza
NOTA 10 - Episódio 04 - Corpo

• KIT 2

LIVROS ANIMADOS
Programa 02 - 1º Bloco - Obax
Programa 08 - 1º Bloco - Doce princesa negra
MOJUBÁ - Episódio 05 - Beleza
NOTA 10
Episódio 01 - Educação Infantil
Episódio 04 - Identidade
Episódio 06 - Arte

B BRANQUEAMENTO

Seria a negação da ancestralidade africana pelo negro; uma tentativa de superação de uma suposta inferioridade que sua cor e seus caracteres físicos representavam. Estudos mais recentes apontam uma dualidade nas ideias de branqueamento: na mesma medida em que há um complexo de inferioridade do negro, há um sentimento no branco de certa superioridade.

• KIT 1

NOTA 10

Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático

• KIT 2

NOTA 10 - Episódio 04 – Identidade

B BRANQUITUDE

A branquitude é uma função social comum em parte da população mundial, e que coloca o fenótipo europeu no topo da pirâmide social. "Fundamenta-se na herança da colonização e do escravagismo e presume um consenso em torno dessa herança para reproduzir hierarquias internas. Faz parte de um discurso identitário pouco explícito e não por isso menos poderoso."

(Liv Sovik, "http://projetos.unioeste.br/projetos/saberes/Diversidade_arquivos/artigos.pdf")

• KIT 1

NOTA 10

Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades
Episódio 04 – Corpo

• KIT 2

NOTA 10 - Episódio 04 – Identidade

C COGNIÇÃO

Todo processo pelo qual adquirimos ou utilizamos conhecimentos, o que engloba processos como pensar, raciocinar, reconhecer, analisar, categorizar, planejar. Processos pelos quais organizamos mentalmente o nosso meio para, então, compreendê-lo e nos adaptarmos a ele.

• KIT 1

MOJUBÁ

Episódio 02 - Fé
Episódio 03 – Meio ambiente e saúde
Episódio 05 – Literatura e oralidade
NOTA 10 – Episódio 02 – Religiosidade

• KIT 2

NOTA 10 - Episódio 06 – Arte

C COLONIALIDADE

Refere-se à mentalidade colonial ainda presente no imaginário popular. Mentalidade que organiza o mundo ainda sob a perspectiva de grupos ou "raças" inferiores e superiores, colonizados e colonizadores. Mesmo que as nações tenham se tornado independentes, as construções mentais provenientes do período colonial são transmitidas de geração a geração. As mentes colonizadas formam a última e a mais duradoura herança colonial

• KIT 1
NOTA 10
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático

C CORPOREIDADE

Para além das dimensões biológicas, fisiológicas, químicas e físicas que constituem o corpo, a corporeidade é a experiência corporal como realidade fenomenológica, relacional, histórica, cultural, levando em consideração os aspectos étnico-raciais, de gênero, raça, classe.

• KIT 1
NOTA 10 - Episódio 04 – Corpo

• KIT 2
NOTA 10 - Episódio 04 – Identidade

C COTAS

Uma das muitas formas de ação afirmativa. Especificamente, as cotas têm o objetivo de reverter uma situação de desvantagem histórica que atinge minorias ou grupos subalternizados, como negros e mulheres, frente à ocupação de cargos políticos, à conquista de vagas no mercado de trabalho ou ao ingresso no ensino superior.

• KIT 1
NOTA 10 – Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades

• KIT 2
NOTA 10 – Episódio 03 – Educação Quilombola

C CULTURA

Desde a primeira definição de cultura, de Edward Tylor, em 1871, os antropólogos tentam chegar a um consenso para o conceito. De acordo com Roger Keesing, a cultura pode apresentar três diferentes abordagens: (1) como um sistema cognitivo, com uma análise dos modelos construídos pelos membros de um grupo para compreender o própio universo. Sendo assim, a cultura é um sistema de conhecimentos e crenças que os indivíduos devem dominar para participar na sociedade em questão; como (2) sistemas estruturais, uma criação acumulativa, produto da mente humana, que estabelece um sistema simbólico. O conceito de cultura também pode ser definido como (3) sistemas simbólicos, um conjunto de mecanismos de controle, como valores, crenças, mitos, relações que governam o comportamento humano. Clifford Geertz faz a analogia entre um programa de computador e a cultura. Para ele, todo homem e mulher nascem geneticamente aptos a receber qualquer "programa", isto é, toda criança está preparada para ser socializada em qualquer cultura. Será o contexto cultural que limitará essa miríade de possibilidades humanas. Nesse contexto, a cultura funciona como se fossem lentes, através das quais enxergamos o mundo (Benedict, 1972). Portanto, culturas diferentes fornecem diferentes visões de mundo.

- **KIT 1**

LIVROS ANIMADOS
Episódio 04 - Contos africanos
Episódio 05 - Ifá, o adivinho
MOJUBÁ
Episódio 02 - Fé
Episódio 04 - Influências

- **KIT 2**

MOJUBÁ - Episódio 04 - Tradição oral
NOTA 10
Episódio 02 - Religiosidade
Episódio 04 - Identidade

D

DEMOCRACIA RACIAL

A expressão foi registrada pela primeira vez por Roger Bastide, após encontros com Bernanos, no Rio de Janeiro, com Jorge Amado, em Salvador, e Gilberto Freyre, no Recife, no ano de 1944. O resultado foi uma série de artigos intitulada "Itinerário da democracia", publicada no Diário de São Paulo, nos dias 17, 24 e 31 de março. Neste último, ao narrar uma viagem de bonde, durante a visita a Freyre, Bastide escreveu:
"Perto de mim, um preto exausto pelo esforço do dia, deixava cair sua cabeça pesada, coberta de suor e adormecida, sobre o ombro de um empregado de escritório, um branco que ajeitava cuidadosamente suas espáduas de maneira a receber esta cabeça como num ninho, como uma carícia. E isso constituía uma bela imagem da democracia social e racial que Recife me oferecia no meu caminho de regresso, na passagem crepuscular do arrabalde pernambucano" (BASTIDE apud GUIMARÃES, 2002).
Ainda que inspirador do termo, Freyre utilizou em textos e falas a expressão "democracia étnica". Somente em 1962, em "*O Brasil em face das Áfricas negras e mestiças*", o autor se rende à marcante expressão de Bastide.

- **KIT 1**

NOTA 10
Episódio 01 - África no currículo escolar
Episódio 02 - Material didático
Episódio 03 - Igualdade de tratamento e oportunidades

- **KIT 2**

MOJUBÁ
Episódio 05 - Famílias

D

DIÁSPORA

Do grego, *dia* significa através e *speirô*, dispersão, difusão. Inicialmente utilizado para definir a traumática experiência de exílio dos judeus, o conceito também se refere à experiência de dispersão forçada ou não de armênios e africanos.

- **KIT 1**

MOJUBÁ
Episódio 01 - Origens
Episódio 04 - Influências
LIVROS ANIMADOS
Episódio 04 - Como as histórias de espalharam pelo mundo

- **KIT 2**

MOJUBÁ - Episódio 01 - História e Geografia
NOTA 10
Episódio 02 - Religiosidade
Episódio 03 - Educação Quilombola
Episódio 04 - Identidade
Episódio 05 - Multidisciplinaridade
LIVROS ANIMADOS
Episódio 05 - Kofi e o menino de fogo
Episódio 09 - Falando banto

D DIFERENÇAS e DESIGUALDADES

Diferenças são modalidades do ser — como gênero, etnia, idade —, inerentes à diversidade humana e que não podem ser evitadas pela ação do homem. Ao contrário, as desigualdades — sociais, econômicas, políticas — não são modalidades do ser. Caracterizam-se como produtos históricos e sociais, ou seja, situações passíveis de serem revertidas.

• KIT 1

NOTA 10
Episódio 01 - África no currículo escolar
Episódio 02 - Material didático
Episódio 03 - Igualdade de tratamento e oportunidades

• KIT 2

LIVROS ANIMADOS
Programa 45 - 1º Bloco - Kofi e o menino de fogo
NOTA 10
Episódio 01 - África no currículo escolar
Episódio 02 - Material didático
Episódio 01 - Educação Infantil

D DISCRIMINAÇÃO

Ação cujo objetivo é separar, apartar, discriminar, dificultando ou impedindo o acesso e a permanência de pessoas e/ou grupos; a discriminação é a dimensão visível do preconceito, seja ele étnico-racial, de gênero, sexualidade, idade, classe social, religiosidade.

• KIT 1

HERÓIS DE TODO MUNDO
Epsódio 02 - João Cândido
Epsódio 05 - Lélia Gonzalez
Epsódio 08 - Lima Barreto
Epsódio 18 - Pixinguinha
Episódio 20 - Elizeth Cardoso
Epsódio 26 - Carolina Maria de Jesus
Epsódio 30 - Luiz Gama
NOTA 10
Episódio 01 - África no currículo escolar
Episódio 02 - Material didático
Episódio 03 - Igualdade de tratamento e oportunidades

• KIT 2

HERÓIS DE TODO MUNDO
Episódio 12 - Luiza Mahin
Episódio 14 - Negro Cosme
MOJUBÁ
Episódio 01 - História e Geografia
Episódio 02 - Beleza
NOTA 10 - Episódio 04 - Identidade

E EMPODERAMENTO

Aumento da capacidade de organização do grupo, que possibilita ganhos políticos e alteração das relações econômicas e sociais da hierarquia em que se encontram os indivíduos.

• KIT 1

MOJUBÁ
Episódio 06 - Quilombos
Episódio 07 - Comunidades e festas
NOTA 10
Episódio 03 - Igualdade de tratamento e oportunidades

• KIT 2

MOJUBÁ
Episódio 01 - História e Geografia
Episódio 02 - Beleza
Episódio 04 - Identidade

E EPISTEME

O conhecimento dito verdadeiro, de origem científica, acadêmico, que se opõe a opiniões sem fundamento ou mesmo a saberes e fazer populares.

• KIT 2

MOJUBÁ

Episódio 03 – Ciência e tecnologia

E EPISTEMOLOGIA

Conhecida como a teoria do conhecimento ou teoria da ciência. Estuda os postulados, conclusões e métodos utilizados nas diferentes áreas do saber científico, ou das teorias e práticas em geral, avaliadas em sua validade cognitiva, ou descritas em suas trajetórias evolutivas, seus paradigmas estruturais ou suas relações com a sociedade e a história.

E EQUIDADE

Reconhecimento e garantia à igualdade de direito e de oportunidades de cada indivíduo ou grupo na sociedade, que não depende da lei propriamente dita, mas de um sentimento do que se considera justo, tendo em vista as causas e as intenções.

• KIT 1

NOTA 10

Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades

• KIT 2

NOTA 10

Episódio 02 – Religiosidade
Episódio 04 – Identidade

E ESTIGMA

De origem grega, o termo significa marca, sinal, mancha. Erving Goffman conceitua estigma como atributos reconhecidos como negativos e utilizados para classificar e desqualificar indivíduos ou grupos. Sexo, sexualidade, cor da pele, deficiência física e religiosidade, que diferem daquilo que determinada sociedade classifica de "normal", são estigmas sociais.

• KIT 1

NOTA 10

Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático

• KIT 2

MOJUBÁ - Episódio 02 – Beleza
NOTA 10 - Episódio 02 - Religiosidade

E ESTEREÓTIPO

Pensamento ou representação de indivíduos e/ou grupos, produto de ideias preconcebidas, inadequadas e generalizantes, nutridas pela falta de conhecimento real sobre o grupo em questão.

• KIT 1

NOTA 10

Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático

D

ESTÉTICA

Conjunto de características comuns que se encontram na percepção de todos os objetos artísticos ou naturais e que despertam universalmente um sentimento de beleza ou sublimidade.

• KIT 1

HERÓIS DE TODO MUNDO
Episódio 07 – Jackson do Pandeiro
Episódio 21 – Chiquinha Gonzaga
Episódio 25 – Aleijadinho

• KIT 2

HERÓIS DE TODO MUNDO
Episódio 10 – Mestre Valentim
Episódio 13 – Francisco Solano Trindade

LIVROS ANIMADOS
Episódio 01 – O menino Nito e Menina bonita do laço de fita
MOJUBÁ
Episódio 01 – História e Geografia
Episódio 02 – Beleza
NOTA 10
Episódio 04 – Identidade
Episódio 06 – Arte

E

ÉTICA

Diz respeito às relações sociais e morais de determinado grupo social, em determinado espaço físico e temporal. Conjunto de prescrições admitidas numa época e numa sociedade determinadas.

• KIT 1

NOTA 10
Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades

• KIT 1

MOJUBÁ
Episódio 01 – História e Geografia

E

ETNIA

No sentido contemporâneo, etnia se refere a um grupo ou nação possuidor de algum grau de coerência e solidariedade, cujos componentes têm consciência de uma origem e de interesses comuns. Etnia não se refere meramente a um agregado de pessoas ou um segmento da população, mas a um coletivo autoconsciente, cujos indivíduos são aproximados por experiências compartilhadas.

• KIT 1

LIVROS ANIMADOS – Episódio 08 – Bruna e a galinha d'angola e Berimbau
MOJUBÁ
Episódio 01 – Origens
Episódio 06 – Quilombo
NOTA 10 – Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades
HERÓIS DE TODO MUNDO
Episódio 27 – Zumbi do s Palmares

• KIT 2

MOJUBÁ
Episódio 01 – História e Geografia
Episódio 04 – Tradição oral
Episódio 05 – Família
NOTA 10
Episódio 03 – Educação Quilombola
Episódio 04 – Identidade

E

ETNOCÊNTRICO

Aquele cujas referências de uma cultura são tomadas como melhores, superiores. Aquele que interpreta o mundo a partir dos valores de determinada cultura, geralmente aquela em que o indivíduo foi socializado.

• KIT 1

LIVROS ANIMADOS
Episódio 02 - Bichos da África 1 e 2
NOTA 10
Episódio 01 - África no currículo escolar
Episódio 02 - Material didático

• KIT 2

LIVROS ANIMADOS
Episódio 08 - 1º Bloco - Doce princesa negra
MOJUBÁ
Episódio 03 - Ciência e tecnologia

E

ETNOMATEMÁTICA

Programa de ensino da Matemática que visa a valorizar o saber-fazer de determinados grupos — sobretudo os subalternizados socioeconomicamente —, levando em consideração o contexto social, cultural e político.

• KIT 2

NOTA 10
Episódio 03 - Educação Quilombola

LIVRO
Saberes e Fazeres - Modos de Fazer - vol. 04
Saberes e Fazeres - Modos de Brincar - vol. 05

E

ÉTNICO-RACIAL

Conceito que associa aspectos da etnicidade com a resignificação do termo raça. Etnicidade refere-se, nos dias atuais, à consciência de grupo gerada por uma experiência comum de adversidade econômica, política, cultural; raça enfatiza a necessidade de resignificar um termo utilizado para hierarquizar grupos fenotipicamente diferentes.

SÉRIES COMPLETAS:

LIVROS ANIMADOS, HERÓIS DE TODO MUNDO, NOTA 10, MOJUBÁ,
LIVROS COLEÇÃO SABERES E FAZERES.

E

EUGENIA

Movimento social, iniciado pelo inglês Francis Galton, com base em uma ciência aplicada ao melhoramento das potencialidades genéticas humanas. Para Galton, as capacidades mentais eram transmitidas hereditariamente e de formas diferentes em grupos e raças.

• KIT 1

NOTA 10 - Episódio 04 - Corpo

E

EUROCÊNTRICA

Cujas referências são europeias; que interpreta o mundo a partir dos valores da cultura europeia.

• KIT 1

NOTA 10
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático

• KIT 2

MOJUBÁ
Episódio 02 - Beleza
Episódio 03 - Ciência e tecnologia
NOTA 10
Episódio 03 - Educação Quilombola
Episódio 06 - Arte
Episódio 05 - Multidisciplinaridade

FAMÍLIA EXTENSA

Que congrega várias famílias nucleares, vários casais ou um outro parente, além do casal e dos filhos, na mesma moradia. Também pode ser compreendida como constituída pela rede de parentes — avós, tios, primos, cunhados, padrinhos — cujos membros estão em contato próximo e contínuo.

• KIT 2

MOJUBÁ - Episódio 05 - Famílias

F

FENÓTIPO

Manifestação visível ou detectável da composição genética do indivíduo

• KIT 1

NOTA 10 - Episódio 04 - Corpo

• KIT 2

LIVROS ANIMADOS - Episódio 05 - Kofi e o menino de fogo
MOJUBÁ - Episódio 02 - Estética

G

GENÉTICA

Ciência que estuda a estrutura, a função dos genes e a relação com a hereditariedade.

• KIT 1

NOTA 10 - Episódio 04 - Corpo

G

GNOSE

Conceito utilizado por alguns autores para distinguir, e valorizar, os saberes de outras civilizações, de outras formas de conhecimento da episteme ocidental, o dito saber acadêmico, verdadeiro.

• KIT 1

MOJUBÁ
Episódio 03 – Meio ambiente e saúde
Episódio 04 – Influências

MOJUBÁ
Episódio 03 – Ciência e tecnologia
Episódio 04 – Tradição oral
NOTA 10 - Episódio 03 – Educação Quilombola

• KIT 2

LIVROS ANIMADOS
Episódio 05 – 2º Bloco – Uma ideia luminosa
Episódio 07 – Os três gravetos e Três mercadorias muito estranhas

I

IDENTIDADE

Refere-se ao pertencimento do indivíduo com relação a um determinado grupo social, a partir de afinidades culturais, históricas, linguísticas. Stuart Hall conceitua identidade como uma categoria discursiva que abarca formas de falar, práticas sociais, características físicas etc., e, como tal, é fortemente marcada por disputas de poder.

Deve ser compreendida como um processo contínuo e dialético entre o indivíduo e a sociedade, quando o primeiro projeta-se em identidades culturais disponíveis, permitindo fortalecer, manter, modificar ou remodelar a própria identidade.

Um indivíduo não apresenta uma única identidade, mas várias identidades, por vezes até contraditórias ou mal definidas.

As identidades não são essenciais, unificadas ou permanentes. São construídas por processos histórico-culturais, portanto, dinâmicas.

• KIT 1

LIVROS ANIMADOS - Episódio 07 – 1º Bloco – Ana e Ana
NOTA 10 - Episódio 04 — Corpo

MOJUBÁ
Episódio 02 – Beleza
NOTA 10
Episódio 04 – Identidade

• KIT 2

LIVROS ANIMADOS
Episódio 05 – Kofi e o menino de fogo
Episódio 08 – Doce princesa negra
Episódio 09 – Falando banto
Episódio 10 – O marimbondo do quilombo e O nome do sol

IGUALDADE

É um valor que se estabelece mediante a comparação entre situações e/ou pessoas, é, portanto, uma relação entre dois termos, entre duas ou mais ordens de grandeza. Igualdade está ligada à afirmação do princípio de não discriminação e reconhece que todos são iguais perante a lei. Não pode, portanto, haver discriminações que excluam determinadas pessoas ou grupos do exercício de determinado direito por suas escolhas culturais, sexuais ou religiosas, ou por possuírem características intrínsecas, como as de gênero e raça/etnia. Por isso, se diz: direito à diferença na igualdade de direitos.

• KIT 1

NOTA 10 - Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades

INJUSTIÇA COGNITIVA

A ausência de elementos no sistema formal de educação que reconheça, respeite e, efetivamente, incorpore ao imaginário nacional aspectos intelectuais, morais, emocionais e culturais do universo afro-brasileiro.

• KIT 1

HERÓIS DE TODO MUNDO - Série completa
LIVROS ANIMADOS
Episódio 08 - 1º Bloco - Bruna e a galinha d'angola e Berimbau
MOJUBÁ
Episódio 01 – Origens
Episódio 02 - Fé
Episódio 04 - Influências
NOTA 10
Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático

• KIT 2

HERÓIS DE TODO MUNDO - Série completa
LIVROS ANIMADOS
Episódio 01 – 1º Bloco – Os Ibejis e o Carnaval
Episódio 07 – Os três gravetos e Três mercadorias muito estranhas
MOJUBÁ
Episódio 01 - História e Geografia
Episódio 03 - Ciência e tecnologia
NOTA 10
Episódio 02 - Religiosidade
Episódio 06 – Arte

INTERCULTURALIDADE

Pressupõe que duas ou mais culturas interajam entre si e se tornem híbridas. Diferencia-se da multiculturalidade, uma vez que a primeira destaca a interação e modificação das manifestações culturais, enquanto a segunda guarda uma concepção de coexistência, muitas vezes hierarquizada.

• KIT 1

MOJUBÁ
Episódio 01 – Origens
Episódio 04 – Influências

• KIT 2

LIVROS ANIMADOS - Episódio 01 – 1º Bloco – Os Ibejis e o Carnaval
MOJUBÁ
Episódio 01 - História e Geografia
Episódio 05 – Tradição oral
NOTA 10
Episódio 02 – Religiosidade
Episódio 02 – Material didático

INTERSECCIONALIDADE

Perspectiva de análise que leva em consideração vários planos ou eixos de vulnerabilidade — violência, desigualdade, discriminação —, como gênero, raça, idade, sexualidade, classe, em que indivíduos e grupos se enquandram de forma simultânea. Corresponde, portanto, aos pontos de cruzamento desses planos, às intersecções desses diferentes fatores que, ao se sobreporem, intensificam as desavantagens sociais. A interseccionalidade permite verificar a complexidade das situações vivênciadas por indivíduos e grupos, estabelecendo melhores possibilidades de reversão do quadro.

• **KIT 1**

NOTA 10

Episódio 03 - Igualdade de tratamento e oportunidades

Episódio 04 - Corpo

HERÓIS DE TODO MUNDO - Episódio 05 - Lélia Gonzalez

• **KIT 2**

HERÓIS DE TODO MUNDO

Episódio 07 - Laudelina de Campos Melo

LIVRO

Saberes e Fazeres - Modos de brincar - vol. 05

INVISIBILIZAÇÃO

Processo de exclusão social que sofrem determinados grupos, especialmente os negros.
Muniz Sodré afirma que a invisibilidade social do indivíduo aumenta na razão inversa da visibilidade da sua cor. O racismo na mídia seria mantido pela negação, pelo recalcamento, pela estigmatização e pela indiferença profissional, cristalizando preconceitos e esteriótipos.

• **KIT 1**

HERÓIS DE TODO MUNDO

Série Completa

NOTA 10

Episódio 01 - África no currículo escolar

Episódio 02 - Material didático

• **KIT 2**

HERÓIS DE TODO MUNDO

Série Completa

MOJUBÁ

Episódio 03 - Ciência e tecnologia

LINGUAGEM

A análise de discursos entende a linguagem como instância mediadora entre o homem e sua realidade social e natural. Essa mediação, o discurso, é analisada levando-se em conta a relação existente entre os sujeitos que a falam e as situações em que o dizer é produzido.

• **KIT 1**

HERÓIS DE TODO MUNDO

Episódio 01 - Auta de Souza

Episódio 04 - Antonieta de Barros

Episódio 08 - Lima Barreto

Episódio 11 - Cruz e Souza

Episódio 12 - Machado de Assis

Episódio 19 - Mário de Andrade

• **KIT 2**

HERÓIS DE TODO MUNDO

Episódio 07 - Candeia

Episódio 08 - Francisco Solano Trindade

Episódio 13 - Mestre Valentim

LIVROS ANIMADOS - Episódio 09 - Falando banto

NOTA 10

Episódio 04 - Identidade

Episódio 06 - Arte

M MAPA CONCEITUAL

Conjunto de conceitos formados mentalmente e que funciona como um sistema de representação mental que classifica e organiza o mundo em categorias. Para compreender e pertencer a um sistema cultural é preciso compartilhar, aproximadamente, os mesmos universos conceitual e linguístico. Compartilhar esses elementos é ver o mundo a partir do mesmo mapa conceitual.

M MISCIGENAÇÃO

Parte do princípio de que existem raças humanas e que algumas são superiores perante outras. No Brasil, até os anos 30 do século XX, a miscigenação era explicada por alguns intelectuais como produtora de seres inúteis. Essa interpretação da condição social brasileira foi, paulatinamente, alterada. Depois da década de 1930, a mestiçagem das "raças", e o consequente embranquecimento da população, seria saudada como um dos componentes positivos da identidade nacional.

- **KIT 1**

MOJUBÁ
Episódio 01 - Origens
Episódio 04 - Influências
NOTA 10 - Episódio 04 - Corpo

- **KIT 2**

NOTA 10 - Episódio 04 - Identidade

M MULTICULTURALISMO

Reconhecimento da diferença de grupos na esfera pública legal, política e no discurso democrático, em termos de cidadania e identidade nacional.

- **KIT 1**

DVD 1
MOJUBÁ - Episódio 01 - Origens
NOTA 10
Episódio 03 - Igualdade de tratamento e de oportunidades

- **KIT 2**

MOJUBÁ - Episódio 01 - História e Geografia

M MULTIDISCIPLINARIDADE

Abordagem de um mesmo tema por múltiplas disciplinas: apesar de cada uma recorrer à própria óptica, podem articular bibliografias, técnicas de ensino-aprendizagem e métodos de avaliação.

- **KIT 2**

NOTA 10
Episódio 03 - Educação Quilombola
Episódio 05 - Multidisciplinaridade
Episódio 06 - Arte

N NEGRITUDE

Movimento político iniciado pelo poeta martinicano Aimé Césaire, em 1930, juntamente com outros artistas negros francófonos, cujo objetivo foi evidenciar valores e modos de pensar ancestrais africanos, para que os afrodescendentes sentissem orgulho desta herança.
Para Leopold Senghor, negritude era a tomada de consciência e o desenvolvimento dos valores africanos.
Segundo Nei Lopes negritude é a circunstância de se pertencer à grande coletividade dos africanos e afrodescendentes; o conjunto de valores civilizatórios africanos no continente de origem e na Diáspora.

• KIT 1

DVD 1
MOJUBÁ - Episódio 01 - Origens
NOTA 10 - Episódio 03 - Igualdade de tratamento e oportunidades

• KIT 2

MOJUBÁ
Episódio 01 - História e Geografia

O ORATURA

Termo forjado pelo linguista ugandense Pio Zirimu. Refere-se ao acervo de textos orais — poesias, canções, provérbios e narrativas —, que, atualmente, podem ser preservados em suportes literários.
Porém, para além de uma vertente da literatura, a oratura apresenta sistema estético, metodológico e filosófico próprios.

• KIT 1

LIVROS ANIMADOS
Episódio 08 - Bruna e a galinha d'angola e Berimbau
Episódio 09 - O filho do vento

• KIT 2

LIVROS ANIMADOS
Episódio 07 - Os três gravetos e Três mercadorias muito estranhas

P PAN-AFRICANISMO

Doutrina de origem norte-americana, do final do século XIX, que exprimia, originalmente, reivindicações dos negros norte-americanos e caribenhos com foco na luta contra o colonialismo no continente africano. Com as independências, o foco da ideologia voltou-se para a luta dos direitos civis.

P PODER

Poder pode ser entendido como resultado de um contínuo processo de negociação, fruto de alianças políticas e ideológicas. Poder deve ser legitimado, consentido, negociado, não sendo resultado de uma simples submissão.

P

PODER SIMBÓLICO

O poder simbólico, segundo Pierre Bourdieu, surge como todo o poder que consegue impor significações que são naturalizadas como legítimas. Assim, os símbolos afirmam-se como os instrumentos de integração social, tornando possível a reprodução da ordem estabelecida.

"O poder simbólico como poder de constituir o dado pela enunciação, de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou de transformar a visão de mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtiddo pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário." (BOURDIEU, 2006)

O poder simbólico é definido na relação entre os que o exercem e os que a ele estão sujeitos, ou seja, é definido na própria estrutura do campo em que se produz e se reproduz a *crença.*

- **KIT 1**

NOTA 10

Episódio 01 - África no currículo escolar

Episódio 02 - Material didático

- **KIT 2**

NOTA 10

Episódio 06 - Arte

P

PRECONCEITO RACIAL

Do Latim, *prae* significa antecipação, adiantamento, e *conceptu*, pensamento, ideia, julgamento.

No contexto das relações étnico-raciais, o preconceito, produto de informações inadequadas ou incompletas, (re)produz uma visão hostil e generalizante de outros grupos.

- **KIT 1**

NOTA 10

Episódio 01 - África no currículo escolar

Episódio 02 - Material didático

Episódio 03 - Igualdade de tratamento e oportunidades

Episódio 04 - Corpo

- **KIT 2**

LIVROS ANIMADOS

Episódio 05 - 1º Bloco - Kofi e o menino de fogo

R

RAÇA

Grupo ou categoria ligada a uma origem comum. Inicialmente, o conceito serviu para separar e hierarquizar indivíduos e grupos da espécie *Homo sapiens*, com base em diferenças biológicas. Atualmente, o conceito de raça é uma construção social. As regras sociais que estabelecem quem é negro ou branco diferem de sociedade para sociedade. Portanto, a raça é histórica e socialmente construída.

Em 1935, Huxley e Hadon propuseram que o termo "raça" fosse banido do vocabulário acadêmico, sendo substituído pela expressão grupos étnicos. No entanto, ao empregar politicamente "raça", em vez de etnicidade, recorre-se à força do termo, a fim de denunciar a discriminação racial vigente.

- **KIT 1**

NOTA 10 - Episódio 04 - Corpo

- **KIT 2**

NOTA 10 - Episódio 04 - Identidade

R

RACISMO

Conjunto de teorias e crenças que estabelecem uma hierarquia entre as raças e/ou etnias. O termo passou a designar as ideias e práticas discriminatórias oriundas dessa pretensa superioridade.

- **KIT 1**

NOTA 10

Episódio 01 – África no currículo escolar
Episódio 02 – Material didático
Episódio 03 – Igualdade de tratamento e oportunidades
Episódio 04 – Corpo

- **KIT 2**

LIVROS ANIMADOS

Episódio 05 – 1º Bloco – Kofi e o menino de fogo

R

RELAÇÕES ÉTNICO-RACIAIS

Termo utilizado acadêmica e cotidianamente para descrever uma categoria particular de realções sociais. A despeito da confirmação genética de que a Humanidade constitui uma única espécie biológica, a espécie *Homo sapiens*, nas relações do dia a dia as diferenças fenotípicas são levadas em consideração. Portanto, as relações étnico-raciais não são compreendidas como relações entre dois grupos biologicamente distintos, mas, sim, entre grupos que utilizam a ideia de "raça" para estruturarem ações e reações nas relações que estabelecem.

- **KIT 1**

NOTA 10 - Episódio 04 – Corpo

- **KIT 2**

MOJUBÁ

Episódio 04 – Corpo
Episódio 05 - Famílias

R

RELATIVISMO CULTURAL

É a postura metodológica empregada nas Ciências Sociais, sobretudo na Antropologia, que consiste em se despir dos valores culturais em que o pesquisador foi socializado a fim de analisar outras culturas. Pressupõe que costumes, valores e comportamentos sejam examinados no contexto específico do sistema cultural do qual fazem parte. O relativismo cultural se opõe ao etnocentrismo.

- **KIT 2**

LIVROS ANIMADOS

Programa 05 - 1º Bloco – Kofi e o menino de fogo

R

RELIGIÃO

Do Latim, *religare*, que significa "o fato de se ligar com relação aos deuses". É a crença na existência de uma ou mais divindades, cujas manifestações seguem dogmas e rituais específicos.

• KIT 1

LIVROS ANIMADOS

Episódio 05 - Ifá, o adivinho

Episódio 06 - 2º Bloco - O presente de Ossanha

Episódio 10 - 2º Bloco - Lili, a rainha das escolhas

MOJUBÁ - Episódio 02 - Fé

• KIT 2

LIVROS ANIMADOS

Programa 01 - Os Ibejis e o Carnaval

Programa 09 - Uma historinha africana

R

RELIGIOSIDADE

Conjunto de crenças, normas e práticas que estruturam a relação com os deuses de cada religião.

• KIT 1

MOJUBÁ - Episódio 02 - Fé

LIVROS ANIMADOS

Episódio 05 - Ifá, o adivinho

Episódio 06 - 2º Bloco - O presente de Ossanha

Episódio 10 - 2º Bloco - Lili, a rainha das escolhas

• KIT 2

MOJUBÁ - Episódio 04 - Tradição oral

NOTA 10 - Episódio 02 - Religiosidade

R

REPRESENTAÇÃO

Produção de significado por meio da linguagem, seja ela escrita, falada ou imagética. O significado não é constitutivo das coisas ou dos indivíduos. O significado é construído por uma prática de significância.

• KIT 2

NOTA 10

Episódio 01 - Educação Infantil

Episódio 06 - Arte

MOJUBÁ - Episódio 04 - Tradição oral

S

SENSO COMUM

O senso comum é uma forma "rudimentar" de conhecimento do mundo; são pressuposições que estão implícitas nas conversações e que as pessoas, em geral, não questionam.

• KIT 1

NOTA 10

Episódio 01 - África no currículo escolar

Episódio 02 - Material didático

TECNOLOGIA

Técnica ou conjunto de técnicas para realizar alguma atividade — seja ela cotidiana, artística ou científica.

• KIT 2

MOJUBÁ - Episódio 03 - Ciência e tecnologia
NOTA 10 - Episódio 03 - Educação Quilombola

TERRITORIALIDADE

O conceito de territorialidade está estritamente relacionado à identidade, uma vez que o processo de identificação presume tempo — história, ancestralidade, memória —, e espaço — lugar, recursos, relações sociais, contexto cultural. A territorialidade pode ser compreendida como um sentimento de pertença ao grupo e à área geográfica a que ele pertence.

A partir da territorialidade, compreende-se o processo de desterritorialização que envolve indivíduos e grupos, nas mais diversas dimensões: política, econômica, religiosa, familiar. Processo pelo qual as noções indispensáveis para o indivíduo, como origem e pertencimento, esvaziam-se de sentido, perdem significado.

V

VISÃO DE MUNDO

Perspectiva cognitiva, influenciada pelos contextos históricos e culturais.

• KIT 1

MOJUBÁ
Episódio 02 - Fé
Epsiódio 05 - Literatura e oralidade
LIVROS ANIMADOS
Episódio 05 - Ifá, o adivinho
Episódio 06 - 2º Bloco - O presente de Ossanha
Episódio 10 - 2º Bloco - Lili, a rainha das escolhas

• KIT 2

MOJUBÁ
Episódio 02 - Beleza
Episódio 04 - Tradição oral
Episódio 05 - Famílias
NOTA 10
Episódio 02 - Religiosidade
Episódio 04 - Identidade
Episódio 06 - Arte

O projeto A Cor da Cultura é, por princípio, um projeto de parcerias, de sonhos partilhados, sonhos coletivos. Neste sentido, é importante destacar que a metodologia utilizada foi construída no encontro e na troca. Pode-se dizer que essa é uma metodologia tecida em diálogo com várias linguagens, pessoas, disciplinas, saberes e fazeres. Não é, portanto, por acaso que os cinco cadernos resultantes do projeto são intitulados Modos de Ver, Modos de Sentir, Modos de Interagir, Modos de Fazer e Modos de Brincar.

Nossa metodologia é polifônica e dialógica: o real desejo de erradicar o racismo transcende a implementação da Lei nº 10.639/03 e faz, de todos nós, construtores da sociedade dos nossos sonhos.

Existem vários modos de Ver, Sentir, Interagir, Fazer e Brincar com a cultura afro-brasileira.

www.acordacultura.org.br

ISBN 978-85-7484-490-9
9 788574 844909

Patrocínio

Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial

Ministério da **Educação**